



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

LUCIANO LUIZ ARAÚJO

**O UNIVERSO FEMININO NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DO LIVRO *AMOR É PROSA, SEXO É POESIA***

Maceió
2011

LUCIANO LUIZ ARAÚJO

**O UNIVERSO FEMININO NAS CRÔNICAS DE ARNALDO JABOR: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DO LIVRO *AMOR É PROSA, SEXO É POESIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Belmira Magalhães

Maceió
2011

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

A663u Araújo, Luciano Luiz.
 O universo feminino nas crônicas de Arnaldo Jabor : uma análise discursiva do livro Amor é prosa, sexo é poesia / Luciano Luiz Araújo – 2011.
 118 f.

Orientadora: Belmira Rita da Costa Magalhães.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.

Bibliografia: f. 100-102.
Apêndices: f. 103-110.
Anexos: f. 111-118.

1. Análise do discurso. 2. Gêneros. 3. Sujeito. 4. Linguagem. I. Título.

CDU: 801.73

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	--	--

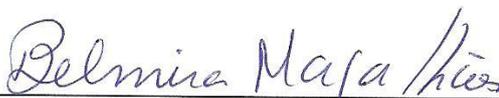
TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANO LUIZ ARAÚJO

Título do trabalho: "O universo feminino nas crônicas de Arnaldo Jabor: uma análise discursiva do livro Amor é prosa, sexo é poesia".

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

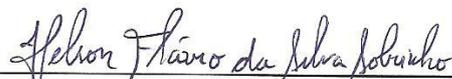


Profa. Dra. Belmira Rita da Costa Magalhães (PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Rossana Viana Gaia (UFAL)



Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PPGLL/UFAL)

Maceió, 11 de outubro de 2011.

Dedico este trabalho a todas as mulheres; as do meu tempo, as dos tempos que se passaram e as dos tempos que virão. Em especial, dedico a duas mulheres que sempre amarei, à minha mãe Cenira Maria da Conceição Araújo e a Alcineide; o amor que tenho por elas guardo em meu coração. E aqui nestas linhas espera-se eternizá-lo.

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço à professora Socorro Aguiar, pessoa que, por ocasião da graduação em Letras, apresentou-me a AD – Análise do Discurso francesa. Ainda como disciplina eletiva, mostrou-me os princípios desta teoria, tão rica e singular, tão cheia de pedregulhos no caminho; com elas (a teoria e a professora) aprendi que “nem todo caminho dá na venda”; que é necessário perceber além das evidências. Foi a partir dela que pude ter a paixão de buscar compreender a filosofia da linguagem posta por Bakhtin e ter vontade de aprofundar as questões inerentes à teoria da Análise do Discurso pecheuxiana.

Agradeço à professora Dra. Belmira Magalhães que me orienta desde o início do mestrado; sempre a admirei de longe, mesmo não tendo estudado com ela na época da graduação, porém, por ocasião de uma palestra que assisti quando a professora falava da personagem Macunaíma – herói sem caráter – sempre houve em mim o desejo de estudar com Belmira, algo que se concretizou apenas na Pós-graduação, que foi muito valioso adentrar em um mundo não conhecido por mim, com estudos sobre o sujeito, sob a ótica lacaniana. Sua orientação foi fundamental para compreender as posições do sujeito do discurso e as contradições existentes nas relações sociais; ajudou-me quando preciso e necessário a dirimir questões sobre nosso objeto de estudo. Sou grato pela orientação nesta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, em especial, ao Dr. Helson Sobrinho, pela leitura cuidadosa do texto, demonstrada no momento da qualificação, com seus apontamentos pertinentes à teoria pecheuteana. À professora convidada, Dra. Rossana Gaia, por sua gentileza em aceitar o convite para integrar a banca examinadora desta dissertação, seus apontamentos foram fundamentais, com seu olhar de Linguísta e jornalista. Agradeço também a Professora Dra. Rita Zozzoli, pelas leituras de Bakhtin, e Núbia Bakker, pelo percurso mostrado nos estudos da teoria linguística.

Serei sempre grato à Fabrisa Leite, Mércia Pimentel (devo parte da minha vida a elas) e Selma Bezerra (parceira de dança), amigas que adquiri no mestrado, e com as quais travei importantes discussões para o amadurecimento das ideias; uma amizade que ultrapassou o ambiente acadêmico, e que pretendo manter. Incluo os demais colegas de turma Alexandre Melo, Janaína Lygia, Sandra Peixoto, Neilton Lins, Priscila Rufino, Simone Makyama e Fábio Rodrigues, também pela relação de boa convivência no processo acadêmico e fora dele.

Aos meus nove irmãos, aos/as queridos/as Patrícia Cândido, Flávio, Edvaldo, Rivaldo e a tantos outros amigos que me acompanham desde a graduação. Ao meu amigo Daniel (*in*

memoriam) e a sua família. Aos irmãos na fé, Joelisson, Adriana, Helvio, Ferrari, Jonas, Selma, Gerdian, Abmael, Walfran e outros que tiveram fundamental importância. A alguns tios e tias e a alguns primos e primas. Aos meus sobrinhos que estimo e incentivo sempre aos estudos como forma de crescimento e amadurecimento. Aos meus pais, que dedicaram suas vidas a criar e educar seus dez filhos, uma história de vida, difícil de expor em poucas linhas.

A Deus pelos dias até agora vividos; que me dá forças para continuar, mesmo quando as adversidades das relações sociais se mostram como grandes obstáculos a serem vencidos.

*[...] ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para
Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para
Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando agulha num palheiro
Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
E assim nos tornamos [...]
(CAZUZA)*

RESUMO

A partir da Teoria da Análise do Discurso (AD) francesa, fundada por Michel Pêcheux, este trabalho tem o objetivo de analisar o discurso materializado no livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, de autoria do jornalista Arnaldo Jabor (AJ) no que diz respeito à Formação Ideológica sobre a mulher na sociedade. As crônicas, partindo dos fundamentos deste gênero literário, apresentam-se como as formas que o escritor vê um fato social e o mimetiza. Essa representação do real, sob forma de discurso, vem carregada de um ponto de vista, seja ele implícito, explícito ou silenciado acerca do fato representado. Considerando-se que o discurso teve sua materialização anterior na imprensa brasileira, na televisão, jornal e internet; e o nosso entendimento do que é transmitido na imprensa, tem o objetivo de informar e formar cidadãos, sabendo que as posições do sujeito não podem passar despercebidas, visto a importância da temática abordada, em pleno século XXI; faz-se necessário dizer que a imprensa é um lugar privilegiado, pois, através dela cria-se uma imagem positiva ou negativa para determinado fato ou alguém, isso dependerá das ideias que o veículo de comunicação tem a respeito do que é tratado; muitas vezes tais ideias partem da própria organização da instituição. Assim, pode-se perceber um indício de que a mídia se torna participante, por reproduzir/concordar com a veiculação de determinadas posições no meio comunicativo. Após a nossa leitura do livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, analisamos a posição sujeito do discurso. A Formação Discursiva patriarcal, ao que entendemos, reflete preconceito e discriminação da mulher, incitação de culpa ao feminismo que teria gerado uma “revolução da vulgaridade”; na sua mercantilização; e sugestão de colocá-la em uma posição de passividade, “cuidando dos afazeres domésticos”. Essas ideias estão cheias de ironias, o que funciona como um moderador de disfarce, pois mesmo ironizando sobre um fato, ou alguém, a posição sujeito sobre a mulher, nos é revelada; percebemos esta figura de linguagem como ponto de deriva no discurso do sujeito. Na Formação Discursiva existe a presença de um interdiscurso patriarcal/machista, a partir do momento que o sujeito discursivo utiliza-se de várias memórias discursivas que remontam um passado, como forma de fazer críticas à sociedade moderna; ele deixa escapar as contradições entre o presente e o passado, em um saudosismo de um e “não aceitação” do outro. As crônicas indicam críticas ao movimento feminista, e dá ao gênero humano, mulher, um tratamento inferior.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Gêneros. Sujeito. Linguagem.

RESUMEN

Partiendo de la Teoría del Análisis del Discurso (AD) francesa, fundada por Michel Pêcheux, nuestro trabajo tiene el objeto de analizar el discurso materializado en el libro *Amor é prosa, sexo é poesia*, escrito por el periodista Arnaldo Jabor (AJ), en lo que se refiere a Formación ideológica sobre *la mujer en la sociedad*. Las crónicas, partiendo de los fundamentos de este género literario, se presentan como las formas en que el escritor ve un hecho social y lo imita. Esta representación de lo real, bajo la forma de discurso, viene cargada con un punto de vista, ya sea implícito, explícito o silenciado, acerca del hecho representado. Teniendo en cuenta que el discurso tuvo su materialización anterior en la prensa brasileña, televisión e internet; y nuestra comprensión de lo que se transmite en la prensa es con el objetivo de informar y formar a ciudadanos, por lo tanto, las posiciones del sujeto no pueden ser pasadas por alto, dada la importancia del tema tratado por él en el siglo XXI; es necesario decir que la prensa, lugar donde habla el sujeto, es un lugar privilegiado, ya que, a través de ella se crea una imagen positiva o negativa para un determinado hecho o una persona, dependiendo de las ideas que el medio de comunicación presenta acerca de lo que se trata; y las que se presentan en la prensa, muchas veces, parten de la propia organización de la institución. Por lo tanto, se puede ver una indicación de que los medios de comunicación se convierten en un participante, por reproducir/concordar con la vehiculación de ciertas posiciones en el medio de comunicación. Después de la lectura del libro *Amor é prosa, sexo é poesia*, analizamos la posición sujeto del discurso. La Formación Discursiva patriarcal, a lo que entendemos, refleja prejuicio y discriminación contra la mujer, incitación de culpa del feminismo que habría generado una "revolución de la vulgaridad" en su comercialización; y sugestión de ponerla en una posición de pasividad, "cuidando de las tareas domésticas". Estas ideas están llenas de ironías, actuando como un moderador de disfraz, ya que incluso ironizando sobre un hecho, o a alguien, la posición sujeto sobre la mujer, es revelada; percibimos esta figura de lenguaje como punto de deriva en el discurso del sujeto. En la Formación Discursiva hay la presencia de un interdiscurso patriarcal / machista, desde el momento en que el sujeto del discurso se utiliza de diversas memorias discursivas que remontan a un pasado como una manera de criticar a la sociedad moderna; él deja que se escapen las contradicciones entre el presente y el pasado. en una nostalgia de uno y la "no aceptación" del otro. Las crónicas indican crítica al movimiento feminista, y le da al género humano, mujer, un tratamiento de inferioridad.

Palabras clave: Análisis del discurso. Géneros. Sujeto. Lenguaje.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ANÁLISE DO DISCURSO – PRODUÇÃO DE SENTIDOS DA LINGUAGEM.....	14
2.1	A Crônica, Objeto Discursivo.....	17
2.2	Relações de Gênero no Discurso.....	21
2.3	O Sujeito do Discurso.....	24
2.4	O Sujeito, O Discurso e a Imprensa.....	26
3	CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CORPUS – OBJETO DE ANÁLISE.....	29
3.1	Objeto de Análise.....	33
4	PIERRÔS E COLOMBINAS, A CARNAVALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	50
5	A HISTORICIDADE DO AMOR.....	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS.....	100
	APÊNDICES.....	103
	ANEXOS.....	111

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso trabalho com base na seguinte afirmação do sujeito do discurso: “Amor é prosa, sexo é poesia; amor é mulher, sexo é homem”, a qual encontramos no livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, de Arnaldo Jabor (AJ), e assim como outras contidas na obra, sempre estarão suscetíveis à análise. Entende-se que “todo ‘conteúdo de pensamento’ existe na linguagem, sob a forma do *discursivo*.” (PÊCHEUX, 1997, p.99).

A representação do universo feminino no livro em questão é recorrente, vemos isso quando percebemos nos ditos do sujeito certa intenção em falar sobre; contudo, há também momentos no livro nos quais não havia direcionamento à abordagem de assuntos ligado ao gênero feminino, no entanto, ela acontece. Faz-se necessário dizer que a obra trata-se de uma coletânea de crônicas vinculadas pela sua primeira vez na televisão e posteriormente nos formatos impresso e virtual; verificamos nelas assuntos ligados à política, ao amor, ao sexo, à mulher, ao homem e à relação desses elementos entre si e o mundo social.

Isso posto, há de se questionar o que é dito pelo outro. Essa afirmação: “Amor é prosa, sexo é poesia; amor é mulher, sexo é homem”, nos conduzirá, e é tomada como ponto de partida para o desenvolvimento do nosso trabalho, orientado sob a perspectiva da Teoria da Análise do Discurso de linha francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux, e tem como objetivo analisar o discurso materializado no livro, referente às representações do universo feminino, verificando assim, as posições de sujeito sobre *a mulher na sociedade*.

O nosso objetivo foi analisar as crônicas de AJ como objeto discursivo, compreendemos que elas, partindo dos fundamentos do gênero literário, apresentam-se como as formas que o escritor vê um fato social e o mimetiza. Essa representação, sob forma de discurso, vem carregada de um ponto de vista, seja ele implícito, explícito ou silenciado, acerca do fato representado. Entendemos, então, que tal discurso está sujeito à análise, com inúmeras possibilidades de sentidos. Sob a disposição de recortes (fragmentos de suas crônicas), analisamos a posição do cronista enquanto sujeito discursivo, a partir de algumas categorias da AD. Pesquisar o universo feminino sob a ótica da AD, torna-se fundamental, devido à abordagem que é feita sobre a questão nos dias atuais e a importante publicidade que o assunto ganha no espaço midiático, tendo como um dos fins a publicação em livro.

No segundo capítulo, verificamos como a linguagem significa no meio social, sob a perspectiva da teoria adotada; compreender por meios de categorias como a língua é posta na relação entre indivíduos, analisamos o texto jornalístico – crônica – diferenciadamente, pois não categorizamos como texto literário, ou jornalístico; mas sim como discurso, no qual os processos discursivos são práticas sociais, que trazem consigo “a questão da natureza material do sentido” (PÊCHEUX, id, p 93).

Tais práticas sociais põem o sujeito em relação com sua exterioridade, considerando o sujeito como categoria fundamental na práxis social. Dito isso, a forma sujeito se apresentará enfaticamente nas Formações Discursivas (FD) e Formações Ideológicas (FI); pois o lugar social de onde parte o discurso, a imprensa brasileira, é que sustenta a produção/reprodução do discurso do sujeito. Nesse caso, investigamos como o sujeito discursivo faz a abordagem do universo feminino em seus ditos, os quais dialogam com outras vozes sociais; o sujeito do discurso apresenta certa memória discursiva; o que contribui no mover dos sentidos do discurso e na materialização da ideologia na linguagem.

Quando Pêcheux (1997) reflete sobre a práxis discursiva indica que

uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o ‘sujeito’ ideológico como ‘sempre - já dado’ (PÊCHEUX, 1997, p. 131)

Essa movimentação posta nos processos discursivos e na significação da linguagem colocam Sujeito, Língua e História em um mesmo conjunto, constituindo-se em um tripé fundamental na AD e na prática analítica discursiva, pois envolve a exterioridade do que é dito em suas condições de produção, em seus processos semânticos; e principalmente sem a anulação do sujeito, fundamental para compreendermos o que é ou não dito por ele. Foi através desse percurso que identificamos nas FD, as FI na posição sujeito.

Para que pudéssemos chegar ao discurso, no qual o sujeito faz uma abordagem sobre as questões de gênero, no terceiro capítulo, fizemos um longo percurso para a escolha do corpus. Das 36 crônicas publicadas no livro, em 27 delas encontramos, em algum momento, uma abordagem sobre a mulher; algumas delas de forma direta, outras de forma indireta. Vimos, então, a necessidade de explicitar quais eram elas e posteriormente agrupá-las em grupos temáticos.

Após nossa leitura de cada uma das 27 crônicas, encontramos 101 sequências discursivas, as quais foram distribuídas em 16 grupos temáticos. Como resultado, 42 sequências discursivas foram analisadas nos capítulos 4 e 5.

No capítulo 4 verificamos como a mídia “no país do carnaval e futebol” – interdiscurso recorrente entre os brasileiros e estrangeiros – utiliza-se de certas representações (colombinas, santas, bruxas, Capitu, Bovary...), como forma de espetáculo e entretenimento, servindo de produção/reprodução de uma cultura onde “tudo é possível”, desde que esteja nos territórios da cultura da classe dominante. Entendemos que,

curiosos personagens, são como brechas que nos permitem ver, através de um muro formado pelo silêncio e repúdio da imprensa, alguns poucos fragmentos do que acontecia no carnaval das ruas. Os jornais manifestavam um preconceito socialmente compartilhado [...] em comentários de aberta desaprovação. (LAZZARI, 2002, p. 207)

Podemos identificar como determinados discursos ganham espaço na imprensa, e como eles funcionam como “crítica” à forma cultural vigente, contanto que seus interesses não sejam ameaçados ou posto a deriva.

No quinto capítulo, há ditos nos quais se mostra a mulher como sinônimo de sexo, esposa e mãe; a partir daí surgem deslocamentos que serão vistos, com a ajuda do dispositivo teórico, assim como nos utilizamos do dispositivo analítico necessário e possível às análises, visto a necessidade de compreender melhor o discurso, em seu movimento de interpretação e significações, e com isso, chegarmos no cerne da questão discursiva. Para tal, a leitura de Bakhtin, Gutiérrez, Magalhães, Da Mata, foram fundamentais, entre outros que nos ajudaram a chegar no funcionamento discursivo.

Com o “ambiente familiar”, posto no quinto capítulo, surgiu a necessidade de analisar outras materialidades que possibilitaram outro entendimento sobre a figura feminina, suas representações sociais, as quais necessitavam ser tratadas, analiticamente,

Em nossas considerações finais, indicamos como o discurso do livro ganha forma, e visibilidade (considerando que tais discursos encontraram seu lugar de destaque tanto na mídia, quanto no livro, por ter se transformado em publicação coletânea). O discurso, depois de analisado nos permitiu entender como a cultura patriarcal ainda é bastante presente, mesmo

em uma sociedade que almeja e sofre por um progresso cultural na relação de classes e de gêneros; e nesse caso, uma relação sempre estará embutida na outra.

2 ANÁLISE DO DISCURSO – PRODUÇÃO DE SENTIDOS DA LINGUAGEM

Não descobrimos, pois o real; a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra. (Michel Pêcheux, 2008).

A Análise do Discurso - AD, fundada por Michel Pêcheux, na França, constitui-se uma teoria crítica da linguagem, possibilitando-nos perceber o discurso como *práxis social* do sujeito que intervém no processo sócio-histórico.

A AD, à qual nos filiamos, articula-se com a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico, ao ressignificar alguns conceitos dessas áreas do conhecimento, refletindo criticamente seu objeto de pesquisa, o discurso. Vemos nesse campo de estudo a preocupação em investigar as determinações históricas dos processos discursivos desvelando os efeitos de evidências do sentido; esses três campos científicos servem de suporte teórico e metodológico para Análise do Discurso pecheuxtiana. Segundo Pêcheux:

[...] o que temos procurado fazer aqui a propósito do núcleo vital da contradição lingüística, e isso nos leva: 1) a desenvolver certas “teses” filosóficas do materialismo dialético, especialmente no que se refere à relação entre o ser e o pensamento, à dualidade sujeito-objeto e ao processo sem sujeito; 2) a adiantar, sob forma de “proposições”, alguns elementos que podem fornecer a base de uma análise científica dos processos discursivos, articulando, no materialismo histórico, o estudo das superestruturas ideológicas, a teoria psicanalítica e a pesquisa lingüística. (PÊCHEUX, 1997, p. 255)

Para muitos linguistas, essa articulação mostra-se paradoxal; levando-se em conta sua peculiaridade, a AD passa a ser vista, ora como uma nova disciplina para uns, ora como ciência para outros, porém percebemos que tal procedimento científico de análise possui objeto próprio, o qual não se limita nas dicotomias postas em estudos anteriores sobre a língua. No campo teórico proposto por Pêcheux, verificamos o aprofundamento de questões sobre o que é dito pelo outro, em condições sócio-históricas.

O debate sobre os pontos de vista em perceber que lugar ela ocupa, nos faz concordar com a existência de certo paradoxo. Michel Pêcheux no prefácio do livro *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, intitulado *O estranho espelho da Análise do Discurso*, afirma:

O paradoxo da Análise do discurso encontra-se (por suas vicissitudes, guinadas e derrotas) na prática indissociável da reflexão crítica que ela exerce sobre si mesma sob a pressão de duas determinações maiores: de um lado, a evolução problemática das teorias lingüísticas; e de outro, as transformações no campo político-histórico. São, portanto, dois estados de crise que se encontram no ponto crítico da Análise do discurso. (COURTINE, 2009, p. 21)

Esses dois estados de crise de forma alguma anulam o seu caráter científico. A AD contribui para melhor compreensão das relações sociais, com o auxílio da Linguística, História e Psicanálise; isso implica falar em processos discursivos, lugar onde se apresentam a forma-sujeito, a memória discursiva; e as forças sociais que movimentam os sentidos e significados nas formações discursivas, que *a priori* vêm carregadas de contradições sociais.

É na ressignificação de conceitos dessas três áreas de conhecimento que Michel Pêcheux vê a necessidade de refletir e pensar a prática social na qual se pode perceber a luta das relações de classe. Surge com isso a necessidade de criação de um método próprio para analisar o “óbvio”, as “evidências”, chegando ao caráter material do sentido do discurso. Dito isso, ressaltamos que

a Análise do Discurso não tem nenhuma vocação particular para regular essa interminável série de conflitos. Para ela, basta trabalhar suas próprias problemáticas e procedimentos: o desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, nem no “qualquer coisa” de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal. (PÊCHEUX, 1998, p. 55)

Na perspectiva teórica adotada, faremos um diálogo com autores como Cavalcante, Magalhães, Orlandi em um primeiro momento para desenvolvimento do nosso aparato teórico, além de utilizarmos o dispositivo analítico necessário. Frisamos ainda que a leitura de Bakhtin, Gutierrez e da Mata foram fundamentais, para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Faz-se necessário destacarmos sobre algumas categorias da AD, visto que nos deram sustentação em nosso gesto de análise. Entendemos por condições de produção, o momento que os sentidos produzidos pelo discurso põem em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Tais condições compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Nesse caso, a memória discursiva¹ também faz parte das condições de produção do discurso (ORLANDI, 2003, p. 30). Nesse sentido, as circunstâncias da enunciação são o contexto imediato e as condições de produção em seu sentido amplo, que incluem o contexto

¹ O que chamamos memória discursiva é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (Orlandi, 2003).

sócio-histórico, ideológico. Isso nos leva a pensar outras duas categorias: a formação ideológica e a formação discursiva. Sobre a primeira é possível indicar que

para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classe* em conflito umas com as outras. (C.HAROCHE, P. HENRY, M. PÊCHEUX, 1971, p.102 apud PÊCHEUX, FUCHS, 2010, p.163)

Constitue matrizes comuns a um conjunto de discursos que expressam posições assumidas pelos sujeitos em diferentes práticas sociais. Cada formação ideológica comporta, “necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas.” (PÊCHEUX, FUCHS, 1975, p.164). A respeito da formação discursiva, tal termo foi introduzido por Foucault (1969) em *Arqueologia do Saber*, para designar os conjuntos de enunciados relacionados a um mesmo sistema de regras, historicamente determinadas; e Pêcheux (1975) o introduz na AD para se reportar àquilo que pode e deve ser dito “articulado sob a forma de uma palestra, aula, sermão, panfleto, exposição, programa”, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada. Assim concebida, ela estabelece um domínio de saber, um lugar em que as formações ideológicas operam, regulando sentidos e estabelecendo formulações que são aceitáveis e outras inaceitáveis (CAVALCANTE, 2007). O sujeito e a memória discursiva são categorias que abordamos mais adiante por entendermos que destacam-se em nossas análises e conseqüentemente, indicam as posições do sujeito.

Essas categorias se interrelacionam; as condições de produção, ora, estabelecidas, ligam-se às formações ideológicas e discursivas, nas quais verificamos a própria natureza do discurso, quando na sua realização. Sujeito e memória discursiva fazem parte desse movimento. As maneiras de significar nos levam a ver o discurso como “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, conforme indica Orlandi (2003, p.15).

O que se apresenta na linguagem, nesse caso, no campo da AD, está ligado aos efeitos de sentidos produzidos, através dos processos discursivos. Passa-se, então, a entender a linguagem enquanto prática social, considerando-se a exterioridade como constitutiva. Segundo a autora, “é esta prática de linguagem que faz a mediação necessária entre o homem e a sua realidade natural e social”.

A Análise do Discurso não trabalha a língua como sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2003, p.15-16)

Concordamos com a concepção de língua apontada pelo filósofo Bakhtin (2009, p. 128): “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua”. O autor apresenta a língua/linguagem que não se limita a um sistema linguístico fechado; mostra-nos uma enunciação que só fará sentido quando dois *homo sapiens* estiverem dialogando entre si, e estejam socialmente organizados. Tal reflexão sobre a língua nos leva a entendê-la como prática que possibilita aos homens contato direto com a realidade social. E tal exterioridade é constitutiva da linguagem, em um processo de idas e vindas.

Interessa-nos perceber a produção de sentidos que possibilita a linguagem, de maneira heterogênea, fazendo mover uma rede de discursos outros; e que trazem consigo a questão da natureza material do sentido; e que refletem conflitos sociais; algo que não é feito de pura evidência; pelo contrário, o que é dito pelo sujeito é passível de equívocos, mesmo que seus ditos partam de elementos pré-existentes.

Sendo, pois, o discurso o ponto mediador entre o homem e sua realidade social, tal práxis vem carregada de uma ideologia do sujeito, inerente ao contexto socio-histórico, e à pretensão daquela formação discursiva. Entendemos que:

Todo discurso é ideológico, uma vez que, ao produzi-lo, o sujeito o faz a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica, e assim veicula valores, crenças, visões de mundo que representam os lugares sociais que ocupa. O discurso é, pois, campo de mediações que articula novos sentidos ao já conhecido. Ele tem a capacidade de (re)significar o já dito e instituir uma nova memória discursiva. (CAVALCANTE, 2007, p.35).

2.1 A Crônica, Objeto Discursivo

Considerando a crônica como objeto discursivo, segundo Vasconcelos (2010, p.10), a crônica prefere se comportar “tal um colibri, esvoaça por assuntos diversos, mas sem se fixar

em um detidamente”. Nosso intuito é verificar a abordagem temática que o sujeito do discurso faz em suas crônicas/discurso sobre o universo feminino, pois “com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (ORLANDI, 2003, p. 15). Concordamos com Bakhtin quando ele afirma que

em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses campos que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicista, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específica de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2006, p.266)

Posto isso, algumas considerações são necessárias ao tomarmos a crônica como objeto discursivo; nela estão presentes questões e reflexões que vão da literatura ao linguístico discursivo. Tal entendimento nos leva a percebê-la como processo discursivo, construído na língua, através da linguagem, na comunicação discursiva concreta. Percebemos na crônica a representação social de acontecimentos do cotidiano e que, necessariamente, traz consigo dialogismos e diálogos com o mundo representado. Nesse aspecto o sujeito tem fator determinante, através dele, a linguagem toma forma², permite-se, em um movimento entre dizeres e a sociedade; vemos que o sujeito

traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente. A linguagem está sempre em movimento, sempre inacabada, susceptível de renovação pela dependência da compreensão que acontece no diálogo, no qual se constitui a singularidade, pelo fato de a intersubjetividade ser anterior à subjetividade e de a relação entre interlocutores ser responsável pela construção de sujeitos produtores de sentidos. O dialogismo vem estabelecer, portanto, uma ruptura tanto com a visão de sujeito fonte, infenso à inserção social, como com a visão de sujeito assujeitado, submetido ao ambiente sócio-histórico. (CAVALCANTE; MAGALHÃES, 2007, p.137)

Isso acontece através da palavra, pois “a língua não é homogênea e está sujeita à intervenção humana, social e histórica; e, portanto, a linguagem do sujeito assim é vista como objeto discursivo, sócio histórico, ideológico e sujeito às várias interpretações”. (CAVALCANTE, 2007). Assim, não há um único sentido para certos dizeres, nem tampouco o que é dito deve ser considerado como transparente, nem como algo totalmente novo, pois há algo no discurso outro que já foi dito em outro lugar.

² Neste trabalho não nos aprofundaremos nas questões acerca de autoria.

Segundo Bakhtin, “a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema” (BAKHTIN, 2009, p.14). Isso significa que todo signo

[...] é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução por um lado, obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social. (op. cit. p.15)

Nos processos discursivos os signos assumem sentidos que não estão ao alcance do sujeito o controle sobre aquilo que diz. Embora haja certa intencionalidade no dizer do outro; sempre os sentidos deslizarão para várias interpretações que envolvem diretamente os sujeitos do discurso, perpassando o sócio-histórico e ideológico.

Os ditos somente significam porque eles se inscrevem na história, através de práticas sociais que envolvem sujeitos. Eles nos levam, através das condições de produção, a compreender/interpretar o valor semântico do signo linguístico nas relações sociais, com bases no diálogo, tais ditos serão fundamentais para verificarmos o funcionamento discursivo da crônica no que diz respeito às posições de sujeito.

Faz-se necessário um breve percurso histórico do gênero crônico, assim como explicitar o lugar que ocupa nos tempos modernos; Pereira (2004) destaca que a palavra crônica, oriunda do grego (*chronós*), designava primeiramente uma lista ou relação de assuntos e eventos que obedeciam a uma cronologia determinada.

Em sua gênese, a crônica foi exercida apenas como um breve relato de eventos. Um processo de organização cronológica dos fatos em que prevaleceu a enunciação. A crônica não tinha como objetividade definir os elementos do processo de enunciação nem caracterizá-los historicamente, apenas os submetia ao *ethos*, reordenando valores sociais (PEREIRA, 2004, p, 16).

Ao longo dos séculos, o sentido da palavra crônica vai adquirindo novas perspectivas desde relato histórico, ficção literária até ensaio, mas nenhum dos termos, conforme destaca Pereira, garante uma tradução fiel para o seu significado. Segundo o autor é a partir do século XIX que há separação da crônica dos seus sentidos anteriores e a sua relação com a sociedade

industrializada, o que requer pensar "as relações fragmentadas do tempo moderno" (PEREIRA, 2004, p. 23). No Romantismo, a crônica ganhou liberdade estética, mas continuou um discurso híbrido, o que impede uma definição exata do termo. No entanto, é a sua classificação como gênero literário que altera sua linguagem e a desvincula de uma ordem cronológica. Conforme ainda registra Pereira (2004, p. 27), o conceito de crônica encontrado na maioria dos manuais de teoria da literatura é "regido por uma preocupação de enfatizar o estilo do autor e emprestar-lhe uma vaga noção de 'qualidade literária'." Além disso, Pereira (2004) destaca que a crônica está entre a prosa e a poesia³, portanto sua forma híbrida é parte inerente da sua construção estética.

Quando falamos em crônica como objeto discursivo, há de se considerar as abordagens de tema/temas, inerente à forma estilística e de conteúdo que ela apresenta. Pois ela "pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada" (CANDIDO apud VASCONCELOS, 2010, p. 23). Nela percebemos as mais diferentes representações sociais,

Ora se assim o é, a crônica, ao planar sobre o banal e tematizá-lo ela também, muitas vezes, descortina o opressivo, o injusto, a inadequação dos modos e dos homens. As crônicas mesmo pairando sobre aspectos "fúteis" se tornaram "úteis" ao se constituírem em artefatos monumentos (entendidos aqui como um esforço de uma determinada sociedade em erguer para si e para o futuro uma dada imagem de si própria) que conservaram uma visão subjetiva do mundo daquele que escreveu, uma fotografia, mesmo que embaçada, de uma determinada sociedade. (VASCONCELOS, id, p.23).

A linguagem, prática social do sujeito, é fundamental para as suas relações sociais e, sendo assim, as formações discursivas vêm impregnadas de ideologia; com tais crônicas não haveria de ser diferente. Uma vez que são constituídas como nosso material de análise; entendemos que é impossível trabalhar o material isoladamente, apenas por sua forma estilística, conteúdo e a temática posta; mas procuraremos perceber o material pela sua representação da vida cotidiana.

Concordamos que a crônica é um tipo de comunicação discursiva híbrida, por está presente no Jornalismo, na Literatura e na Linguística, pois se apresenta como uma mímese da realidade, como *práxis social*. Melo (2003, p.160) faz a seguinte referência:

³ Assim como a crônica está entre a prosa e a poesia, trazendo o título do livro, podemos dizer que o discurso que analisamos divide-se na dualidade entre o amor e o sexo.

Que a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.[...]Mas a crônica também é considerada um gênero literário. Vários cronistas tiveram sua produção reunida sob a forma de livro, atravessando o tempo. [...] Gênero jornalístico ou gênero literário a crônica representa uma narrativa do cotidiano.

Considerando a abordagem temática que o sujeito do discurso faz em suas crônicas/discurso sobre o universo feminino, nessa prática narrativa do cotidiano, procuraremos perceber a mulher como tema discursivo e as significações temáticas, utilizadas nas formações discursivas. Bakhtin (2009, p.133), em nota de rodapé, coloca que o termo “tema” é naturalmente sujeito a dúvidas, e sugere que ele não seja confundido como tema de uma obra de arte, e sim o que mais se aproximaria, seria ele como unidade temática; tal tema vem impregnado no signo linguístico, dentro da própria enunciação e fora dela não faria sentido. Precisamos também diferenciar o termo *tema* de *temas*, esse último visto como as questões abordadas nas crônicas, a saber: política, feminismo/machismo entre outros.

As crônicas fazendo parte do campo da atividade humana ligada ao uso da linguagem podem ser vista como comunicação verbal concreta, segundo Bakhtin:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. (BAKHTIN, 2006, p.261)

Foi necessário verificarmos as abordagens sobre o universo feminino, feitas pelo sujeito do discurso, pois analisamos nas formações discursivas, as formações ideológicas nas relações de gênero, no discurso posto no livro.

2.2 Relações de Gênero no Discurso

Tendo em vista a temática que perpassa nosso trabalho, torna-se indispensável, uma retomada do pensamento feminista para análise e compreensão da posição sujeito do discurso.

A respeito do feminismo, apresenta-se como forma de “combate à família burguesa, a ideologia patriarcal, a discriminação no mercado de trabalho, em suma, o machismo do sistema capitalista” (GUTIÉRREZ, 1985, p.81).

Em uma arena de conflitos entre gêneros humanos, em uma realidade social na qual o discurso é o mediador entre os homens e suas práticas sociais, é interessante perceber que as

[...] mulheres tomaram consciência de que sua exploração e sua dominação são históricas e não naturais. Verificaram também que o sistema patriarcal e capitalista as transformou em meros instrumentos de reprodução, por isso tentam reapropriar-se do próprio corpo, negando-se a si mesmas enquanto natureza, para tornarem-se humanas, livres, sujeitos e agentes do processo histórico (GUTIÉRREZ,1985, p.81).

A prática da sociedade de perceber a relação entre gêneros, de forma tradicional, traz à tona a memória discursiva do sujeito, como algo que sempre esteve naquele lugar, sem muita possibilidade de transformação e reprodução de determinada prática; é na trajetória de vida, na formação educacional, na prática social nas quais o sujeito está inserido que os discursos tomam forma e circulam. Fazer uma reflexão sobre as relações entre gêneros e as que são estabelecidas no discurso que tomamos como objeto de nossa análise, será fundamental para perceber as possíveis contradições existentes nas formações discursivas e ideológicas do sujeito.

O ser humano é cheio de faltas e desejos; homens e mulheres postos em uma arena, onde o que vale é a superação desses sentimentos. Nessa arena sócio-cultural não estão apenas os gêneros humanos, ambos compartilham da palavra e sua práxis social; é nela, por e através, que os conflitos e contradições são postos. Isso em vista, trazemos à discussão os pensamentos de Marx, pois percebemos a presença desses fatores na relação entre gêneros.

Concordamos com a visão marxista, pois a mesma, além de considerar a “natureza” e as suas leis,

engloba as próprias condições nas quais o “homem” como parte da natureza entra em relação com elas, isto é, as forças produtivas e as relações de produção que determinam a história das “sociedades humanas”, com a luta de classes que lhe corresponde – e as forças materiais colocadas, assim em jogo – desde o início dessa história. O ideológico, enquanto “representação” imaginária, está por essa razão, necessariamente subordinado às forças materiais “que dirigem os homens (PÊCHEUX, 1997, p.73).

Entendemos que desde a infância o homem, no sentido genérico do termo é educado para proceder de acordo com comportamentos “predeterminados” pela sociedade em que vive; e isso implica, necessariamente, na interpelação dos indivíduos como sujeitos, pois “supõe a ‘existência’ de um Outro Sujeito, Único, e central, em Nome do qual a ideologia interpela todos os indivíduos como sujeitos.” (ALTHUSSER, 1985, p.101). Seja o gênero feminino ou masculino, modelos diferentes de conduta são postos. Nesse caso, os valores culturais e a História têm papéis fundamentais.

Nas sociedades divididas não só em classes, mas em sexos, a menina não recebe a mesma educação do menino. Enquanto a ação e mesmo a agressividade são incentivadas nas brincadeiras do menino, a menina aprende a repetir os gestos de domesticidade. (GUTIÉRREZ, 1985, p.18)

A reprodução do pensamento ideológico posto nessa relação, passa a ser transmitida de geração a geração, no intuito do favorecimento de determinada classe, grupo ou indivíduo. Tal reprodução acontece através do discurso, pois “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (PÊCHEUX, 1997, p.92), a escolha temática, torna-se ideológica. Verificamos como o sujeito do discurso faz essa abordagem do universo feminino, em suas crônicas/discurso e percebemos as significações possíveis das formações discursivas. Entendemos que palavras tomam forma, a partir do interesse de quem as fala e de quem as interpreta; seja no intuito de ratificá-las ou não.

Em nossos estudos, pelo fato de o discurso do sujeito partir de um lugar privilegiado, a imprensa brasileira, seu dito passa a ser amplamente difundido, com cunhos de certa veracidade, com interesse de atender aos anseios da classe dominante, pois, “toda luta de classes, é uma luta política.”(MARX E ENGELS, 2008, p. 54). Essa luta política ocorre de acordo com os interesses das classes inseridas no modo de produção existente, nesse caso, o modo de produção capitalista.

Colocadas as questões sobre a língua/linguagem e as questões históricas específicas que envolvem nosso objeto de estudo; cabe a nós perceber ainda, nessa prática social, como o sujeito do discurso insere-se nessa relação, de como ele tem papel fundamental no funcionamento discursivo.

2.3 O Sujeito do Discurso

Falar de sujeito do discurso implica pontos essenciais para nossa discussão: o consciente, o inconsciente, a ideologia, as relações desse sujeito com o social, bem como a prática discursiva; pois o que é apresentado na língua, considerando nossa perspectiva teórica, está ligado aos vários sentidos que a linguagem assume em um dialogismo do sujeito com as relações sociais.

A aproximação sugerida por Althusser ante a evidência do sentido e a evidência do sujeito. “Todo nosso trabalho, escreve Michel Pêcheux, toma aqui sua determinação, pela qual a questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição o sujeito*, e isto não lateralmente [...] mas no interior da própria “tese central”, na figura da interpelação”. [...] A interpelação do sujeito se articula ao efeito de preconstruído então definido “como a modalidade discursiva da distância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito...sendo sempre já sujeito”. (MALDIDIER, 2003, p. 49-50)

Percebemos, então, a necessidade de verificarmos como o sujeito discursivo é constituído pela linguagem e meio social onde ele estava/está inserido; assim como os sentidos que circulam, através da materialidade discursiva que pretendemos analisar. Segundo Althusser afirma, foi

a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este “quer dizer” do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo do qual a linguística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais. (MARIANI, 2010, p. 117)

Entendemos que o discurso “é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2003, p. 21). É nesse efeito de sentidos, do diálogo entre locutores, inseridos em contextos sócio-históricos, que percebemos a constituição de sujeitos dotados de ideologia. Tomamos como premissa que o sujeito do discurso constitui-se na e pela linguagem, com isso podemos dizer, o sujeito se dá no e pelo discurso, em suas práticas sociais. Segundo Orlandi (2003), ele funciona pelo inconsciente e pela ideologia, em um discurso que vem marcado por contexto sócio-histórico; somente há sentido porque a linguagem se inscreve na história, dessa forma, entendemos que,

a linguagem, como a consciência, é, pois, um fato social, uma vez que resulta do processo de apropriação-objetivação dos produtos humanos historicamente acumulados. [...] É através da linguagem que os indivíduos se apropriam da realidade

e da própria linguagem, de conceitos que lhes permitem entender os fenômenos e agir no mundo. Essa forma de objetivação se objetiva via discurso. (CAVALCANTE; MAGALHÃES, 2007, p. 136)

A ideologia materializa-se na linguagem. Não há um discurso em que a ideologia não esteja presente. Por ideologia entendem-se as posições assumidas pelos sujeitos em diferentes práticas sociais, posições que veiculam valores, crenças religiosas, culturais e políticas do sujeito, e que passam a identificá-lo na sociedade. Magalhães (2005, p. 28) diz que “a subjetividade que percebe carências precisa conhecer a legalidade da objetividade para nela interferir, mas apenas dentro das possibilidades permitidas por essa mesma objetividade”; pois “é o surgimento da subjetividade que instaura o ser social; e a história do gênero humano é a história da intervenção da subjetividade na objetividade. É nessa relação que se consubstancia a força do sujeito”. Segundo Pêcheux,

O sujeito é, de direito, um estrategista consciente, racional e lógico-operatório, cujos poderes se encontram limitados, de fato, em sua emergência progressiva, sua “aquisição” e seu exercício, de um lado, pelas limitações biológicas (portanto, a série de limitações ligadas ao fato de que esse sujeito está associado a um organismo em desenvolvimento em um meio, exposto às eventualidades desse desenvolvimento e às más formações, perturbações e traumatismos de todas as ordens suscetíveis de afetá-lo) e, de outro, pelas limitações sociológicas (portanto, a série de limitações ligadas ao fato de que esse sujeito só pode viver em sociedade, ou seja, em cooperação-confrontação com o conjunto de seus congêneres, sujeitos-estrategistas, eles também, não cessando, por isso mesmo, de “aliená-lo” no exercício de suas estratégias). (PÊCHEUX, 1998, p.51)

Considerando-se as limitações do sujeito, sua constituição social e histórica; considerando-se que “a língua produz sentidos por/para sujeitos” (ORLANDI, 2003, p.17), a questão a ser verificada nos domínios da AD é a de que forma o discurso significa, visto que está inscrito na história, através da linguagem, na materialização da ideologia no discurso.

Com esse entendimento, de materialização da ideologia na linguagem/discurso do sujeito, que perpassa o sócio-histórico, faz-se necessário perceber no funcionamento discursivo o movimento da ideologia da classe dominante dentro do aparelho midiático; com suas condições de produção históricas, que constituem o sujeito e o discurso desse sujeito nas relações de classe e de gêneros, visto que uma está imbricada na outra.

2.4 O Sujeito, O Discurso e a Imprensa

Assim como outros textos veiculados na imprensa, as crônicas podem influenciar pessoas acerca do que é tratado. A análise desse discurso torna-se fundamental para o processo de formação crítica; segundo Gaia (2011) “cada acontecimento para a AD está nos sentidos que são gerados e que revelam a percepção de uma sociedade sobre si mesma”.

Inicialmente, faz-se necessário dizer que a imprensa, lugar de onde fala o sujeito do discurso que analisamos é um lugar privilegiado, pois, através dela tanto se pode criar uma imagem positiva quanto negativa para determinado fato ou alguém. Isso dependerá das ideias que o veículo de comunicação tem a respeito do que é tratado, pois muitas das que são apresentadas, na maioria das vezes, partem da própria organização da instituição. Assim, pode-se perceber um indício de que ela se torna participante, pelo fato de concordar com a veiculação de determinadas posições do sujeito no meio comunicativo. Pois, no campo midiático, segundo Barbosa (2003), inserindo-se

no interior de uma prática que se pauta pelo emprego de estratégias de manipulação do real e sensacionalismo, o acontecimento é, antes de tudo, produto de uma montagem e de escolhas orientadas de imagem, que lhe garantem o efeito de acontecência, [...] Produto dos meios de comunicação. Esse novo acontecimento é projetado, lançado e oferecido ao público sob a forma de espetáculo. Soma-se a isso o fato de a mídia impor imediatamente o vivido como história. (BARBOSA, 2003, p. 116)

Para garantir o “efeito de acontecência” e garantir o vivido como fato histórico; acreditamos que o sujeito tem certa liberdade de colocar questões em nossa sociedade, por meio de suas crônicas, através da televisão, do jornal ou mesmo da internet, considere-se que “o jornalismo possui uma lógica de aparente autonomia cuja meta de informar o cidadão está em permanente conflito com a lógica do mercado” (GAIA, 2011, p 49), contudo, “no discurso jornalístico, o lugar midiático articula-se também com o saber e poder. O jornalista não pode falar como quiser, pois tem de se submeter a certas regras internas e externas da instituição midiática” (Barbosa op. cit. p. 112).

As representações do real, postas pelo sujeito, sob forma de discurso, vêm carregadas de um ponto de vista, seja ele implícito, explícito ou silenciado, acerca do fato representado.

As posições do sujeito não podem passar despercebidas, visto a importância dos assuntos abordados, em pleno século XXI. Isso porque “os jornalistas não se limitam a meros espectadores dos acontecimentos: inseridos no debate público, também se inserem nas próprias narrativas que elaboram”. (GAIA, id. p. 50)

O discurso jornalístico se constrói a partir do conjunto de notícias que o constitui. Isso significa que, ao definir os acontecimentos que merecem se transformar em fatos de mídia, os seus produtores definem o que se torna parte da discussão pública. Como destaca Mariani (1998, p.30), a prática discursiva jornalística “[...] permite a institucionalização social de certos sentidos, remetendo ‘ao que todo mundo sabe’ (uma verdade local), bem como silencia outros sentidos. (GAIA, ibdem. p. 49)

A Formação Discursiva (FD) a qual o sujeito se insere, vem marcada por seu conhecimento de mundo, do fato em questão, bem como da memória discursiva, fator primordial em seu discurso e que permitirá adentrar no universo posto, através de seu discurso; e como analista buscaremos traços da ideologia posta.

De um lado temos um discurso amplamente divulgado na imprensa, o qual, entendemos, objetiva levar o outro a aceitar determinada posição do sujeito; por outro temos aquele indivíduo que em sua trajetória de vida, teve momentos na sua formação educacional, familiar, social e política, que de alguma forma surge nas materialidades discursivas analisadas. Vale também dizer, se de um lado temos a imprensa nacional do outro temos a massa popular e no meio dessa escala temos a sociedade com suas crenças, valores e idealismos. É do nosso entendimento que a forma-sujeito é fundamental nas representações dos processos discursivos; embora o sujeito não seja o dono do dizer, nem a origem; é através da prática discursiva que percebemos a ideologia presente. Desse modo, “o jornalista insere sua visão de mundo ao texto que produz, mas a diferença significativa entre quem escreve nos jornais e outros sujeitos é que o jornalista tem na mídia o espaço discursivo no qual reverberará suas observações”. (GAIA, op cit., p.56)

Compreendemos que existem estas realidades, as quais passam a refletir os conflitos das classes sociais. Em um contexto no qual a mídia busca contribuir para a informação e formação do indivíduo (ouvinte, leitor, espectador), em uma relação de poder superior a desse indivíduo, cabe, então, uma reflexão sobre as posições do sujeito.

Cabe, nesse momento, uma exposição acerca do corpus, na qual teceremos considerações do trajeto percorrido até chegarmos às materialidades analisadas. A linguagem utilizada pelo sujeito (discurso jornalístico), a imprensa (aparelho no qual o discurso é difundido) e as representações sociais acerca da mulher (Formações Discursivas), são elementos que nos guiarão nesse percurso.

Parte desse discurso do sujeito no/do aparelho midiático, como dissemos anteriormente, foi transformado no livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, objeto de nossa análise; o qual, entendemos, passou por mais um crivo editorial para sua posterior publicação. Cabe, então, explicitar o percurso que fizemos para chegar nas sequências que analisamos.

3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CORPUS , OBJETO DE ANÁLISE

Nosso intuito foi verificar as abordagens sobre a mulher, feitas pelo sujeito do discurso. Assim, seria possível adentrarmos no universo feminino representado/criado por ele para, então, através de sua linguagem/discurso, pudéssemos analisar a relação social refletida e refratada, visto que as relações de gênero são representadas no discurso analisado, e a partir daí tecemos considerações a respeito da formação ideológica estabelecida em seu discurso.

No livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, encontramos algumas particularidades, nele há crônicas sobre política, sobre o universo feminino e outros temas. Para melhor compreendermos o corpus, passamos a fazer considerações necessárias ao prosseguimento do nosso trabalho.

As crônicas investigadas foram inicialmente publicadas no formato jornal e logo após foram passadas para o formato livro que trata de uma coletânea de crônicas do escritor e jornalista Arnaldo Jabor e, uma dessas crônicas, no intervalo entre o jornal e o livro, teve a sua "tradução" em forma de música (intitulada Amor e sexo) assinada por Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor.

A obra inicia com um recorte da música “amor e sexo” como epígrafe, a qual é a seguinte:

“Amor é um livro, sexo é esporte

Sexo é escolha, amor é sorte

Amor é pensamento, teorema

Amor é novela, sexo é cinema

Sexo é imaginação, fantasia

Amor é prosa, sexo é poesia.”

(Rita Lee, Roberto Carvalho e Arnaldo Jabor)

A música, para compreendermos as condições de produção, é uma deriva da crônica “Amor é prosa, sexo é poesia”. Em um movimento de idas e vindas, da crônica que deriva para música, tal composição musical sugere outra crônica, “Um rosto inesquecível”;

percebendo este dialogismo, e com isso a linguagem sempre fazendo sentido, surge o livro decorrente desse percurso. Discursos que se entrelaçam e se cruzam; um livro/discurso que “é tecido por muitos fios de vozes que se cruzam, dialogam, se completam, respondem umas às outras e às vezes polemizam” (FLORÊNCIO et al, 2009, p.11).

Segundo Souza e Rodrigues (2011), a música tem o poder de interpelar sujeitos massivamente, desde que se identifiquem com o estilo. Ao analisarem a representação da mulher em letras musicais dos anos 50 do século XX aos tempos atuais, as autoras identificaram que "apesar de vários movimentos e protestos, a mulher ainda luta para apagar a sua 'velha' identidade de submissa, de inferioridade". A letra da música inspirada em uma das crônicas aqui investigadas reforça uma dicotomia entre gêneros, a partir de comparações sistemáticas e analogias que remetem o homem à pressa, ao esporte, ao cinema, ao animalesco; e a mulher ao livro, à novela, ao divino.

Na capa e contracapa do livro, há um subtítulo que na referência bibliográfica é suprimido, “crônicas afetivas”; embora haja na obra textos sobre política e outros assuntos, centralizam-se os de cunho afetivo. O amor, o sexo, a mulher, o homem, envolvem a esfera da publicação, nas tradições e contradições postas pelo sujeito do discurso.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, indicamos os seguintes títulos das crônicas selecionadas:

1. Um rosto inesquecível
2. O mundo de hoje é travesti
3. Nosso Macho feliz é casado consigo mesmo
4. Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca
5. Meditações diante do bumbum de Juliana
6. Amor é prosa, sexo é poesia
7. O chato é antes de tudo um forte
8. *Pelé Eterno* me trouxe a infância de volta
9. Resposta a uma moça 50 anos depois
10. De camisa amarela, volto aos grandes carnavais
11. O amor dos anos 60
12. Entre o Celibato e o casamento, o coração balança

13. O amor deixa muito a desejar
14. As celebridades fervem no caldeirão da loucura
15. Nunca acreditei muito em Papai Noel
16. A casa da minha mãe nunca ficou pronta
17. O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde
18. A pedofilia na Igreja é a consequência do celibato
19. Meu pai foi um mistério em minha vida
20. Vivemos sob pequenas bobagens que nos enlouquecem
21. As confissões sinceras de um ladrão brasileiro
22. Os homens desejam as mulheres que não existem
23. Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo
24. Vamos beber no passado para esquecer o presente
25. O amor impossível é o verdadeiro amor
26. O travesti está na terceira margem do Rio
27. A felicidade é a empada do “Bigode”

Na obra citada há 36 crônicas; não há, em 9 delas, ocorrências de sequências discursivas para análise (2 falam sobre a morte dos pais de Suzane Louise Richthofen e as outras 7 não tratam diretamente sobre a mulher ou não há ocorrência relevante); são elas:

28. Suzane, 19 anos, bela e rica, matou por amor
29. Nossos dias melhores nunca virão?
30. Onde estão os *hippies*, agora que precisamos deles?
31. Antigamente, quando eu era pequenino...
32. Espelho meu, quem é o imperador do mundo?
33. Um asteróide de Deus caiu sobre o ocidente
34. A morte não está nem aí para nós
35. O grande sucesso do herói sem coração
36. A humanidade sempre foi uma ilusão à toa

Nesse sentido, analisaremos materialidades das 27 crônicas, que têm a seguinte disposição: em 10 delas o sujeito se propõe a tratar sobre a mulher, assuntos diretamente

ligados ao universo feminino ou que envolvam questões de gêneros; classificamos este grupo de Grupo 1 – G1; segue lista com nome das que fazem parte deste grupo:

GRUPO 1

1. Um rosto inesquecível
2. O mundo de hoje é travesti
3. Meditações diante do bumbum de Juliana
4. Amor é prosa, sexo é poesia
5. Resposta a uma moça 50 anos depois
6. O amor nos anos 60
7. O amor deixa muito a desejar
8. As celebridades fervem no caldeirão da loucura
9. Os homens desejam as mulheres que não existem
10. O amor impossível é o verdadeiro amor

Nas 17 restantes, constituindo o grupo 2 – G2, o autor não se dedica, no tema central da crônica, a tratar de questões que envolvam a mulher, porém percebemos nelas, materialidades discursivas que merecem atenção em nossa análise, pois o sujeito deixa escapar ditos sobre o gênero feminino e/ou relações de gênero. Segue lista dessas crônicas.

GRUPO 2

1. Nosso macho feliz é casado consigo mesmo
2. Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca
3. O chato é antes de tudo um forte
4. *Pelé Eterno* me trouxe a infância de volta
5. De camisa amarela, volto aos grandes carnavais
6. Entre o celibato é o casamento, o coração balança
7. Nunca acreditei muito em Papai Noel
8. A casa da minha mãe nunca ficou pronta
9. O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde
10. A pedofilia na igreja é consequência do celibato
11. Meu pai foi um mistério em minha vida

12. Vivemos sobre pequenas bobagens que nos enlouquecem
13. As confissões sinceras de um ladrão brasileiro
14. Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo
15. Vamos beber no passado para esquecer o presente
16. O travesti está na terceira margem do Rio
17. A felicidade é a empada do “Bigode”

3.1 Procedimento de Análise

Nas 27 crônicas dos G1 e G2, encontram-se 101 sequências discursivas – a distribuição na íntegra dessas sequências encontram-se no apêndice (as 40 Sequências Discursivas analisadas) e no anexo (as 61 Sequências que foram encontradas no livro, contudo, não foram objeto de nossa análise). Elas estão dispostas em 16 grupos temáticos, classificados em ordem alfabética: a) infância do sujeito, b) figuras masculinas na formação do sujeito, c) futebol – homem x mulher, d) destino sexual, e) figura materna, f) donas do lar, g) casamento e religião = infelicidade, h) o amor, i) sexo frágil, j) provocação do medo, k) objeto sexual, mercado de consumo, propriedade, l) meditações sobre o bumbum, m) prostituição e sexo, n) corrupção, nordeste, o) travesti, p) a liberdade, o feminismo. Isso torna o início de nosso gesto de análise.

Vimos a necessidade de fazer um breve resumo sobre todas as crônicas do G1 (10 crônicas) que constituem o corpus. E em algumas das do G2, pois nessas crônicas não é a intenção do autor tratar sobre o universo feminino, porém aparecem sequências fundamentais para nossa análise.

Na maioria delas o título da crônica ganha seu lugar de destaque, pois como em uma notícia de jornal, eles chamam a atenção para o fato, situação, personagem a ser representado.

Após o resumo de cada crônica, faremos a exposição das sequências discursivas - SD -que serão analisadas, porém elas virão especificadas a que grupo temático estão inseridas, com a numeração dada no grupo.

1. Um rosto inesquecível

Essa crônica abre o livro, não por acaso; é nela que o cronista relata o fato de Rita Lee ter feito uma música com a letra tirada de um artigo⁴ seu, deixando-o emocionado. Tal música leva-o a dizer que anda “com fome de arte”, “saudades da beleza”, “saudade de tudo” e “meio desesperançado”.

Segue dizendo que a canção de Rita Lee trouxe de volta a sua mais antiga lembrança de amor. A partir daí o autor traz as suas lembranças ocorridas 50 anos atrás⁵; ele prossegue então a narração do fato que o fizera lembrar-se desse rosto inesquecível. Esse é o primeiro recorte do nosso estudo, acerca do amor idealizado:

D – DESTINO SEXUAL

SD21 – Mas, até hoje, eu me lembro exatamente de sua expressão afoguada e vi que ela sentira também algum sinal no corpo, alguma informação do seu destino sexual de fêmea, alguma manifestação da matéria, alguma mensagem do DNA. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.10)

SD22 – Senti que eu fazia parte de um magnetismo da natureza que me envolvia, que envolvia a menina, que alguma coisa vibrava entre nós e senti que eu tinha um destino ligado àquele tipo de ser, gente que usava trança, que ria com dentes brancos e lábios vermelhos, que era diferente de mim, e entendi vagamente que, sem aquela diferença, eu não me completaria. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.11)

J – PROVOCAÇÃO DO MEDO

SD55 – Amar é parecido com sofrer – Luiz Melodia escreveu, não foi? Machado de Assis toca nisso na súbita consciência do amor entre Bentinho e Capitu: “Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca.” (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.11-12)

⁴ Faz-se necessário esclarecer que essa é a forma como o jornalista percebe seus escritos, porém uma verificação mais cuidadosa, da forma como é feita a abordagem do que é representado, do estilo do escritor, nos leva a compreender que seus ditos têm características do gênero crônica.

⁵ Considerando o fato de que o livro foi publicado em 2004, essa crônica, provavelmente, traz lembranças vividas por ele nos anos 50, posteriormente, quando analisarmos as sequências, trataremos um pouco dessa época como dispositivo analítico.

SD56 – Sempre senti isso em cada visão de mulheres que amei; um rosto se erguendo da areia da praia, uma mulher fingindo não me ver, mas vendo-me de costas num escritório do Rio...São momentos em que a “máquina da vida” parece explicar, como se fosse uma lembrança do futuro. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.12)

2. O mundo de hoje é travesti

Nessa crônica, com o título bem inusitado, o escritor se propõe a falar de um mundo travesti, para tal, inicia a crônica afirmando que vai falar um pouco de mulher, segundo ele, mal as entende; para tal ele diz que não vai falar fisicamente e sim de uma “aura que as percorre”.

Na crônica o sujeito do discurso finaliza a crônica metaforizando, dizendo que há “um mundo feminino comandado por homens boçais”; “um mundo-travesti”.

F – DONAS DO LAR

SD27 – Ela vive buscando atingir a plenitude e essa luta contra o vazio justifica sua missão de entrega. Mesmo que essa “plenitude” seja um *living* bem decorado ou o perfeito funcionamento do lar. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.17)

O – O AMOR

SD41 – Vou falar um pouco de mulher, eu que mal as entendo na vida. Não falarei das coxas e seios e bumbuns...Falo de uma aura que as percorre. Gosto do olhar de onça, parado, quando queremos seduzi-las, mesmo sinceramente, pois elas sabem que a sinceridade é volúvel. Um sorriso de descrédito lhes baila na boca quando lhes fazemos galanteios, mas acreditam assim mesmo, porque elas querem ser amadas, muito mais que desejadas. Elas estão sempre fora da vida social, mesmo quando estão dentro. Podem ser as maiores executivas, mas seu corpo lateja o *tailleur* e lá dentro os órgãos estranham a estatística e o negócio. Elas querem ser vestidas pelo amor. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.15)

SD44 – A mulher compõe quadros mentais que se montam em um conjunto simbólico misterioso, como a arte. O homem quer princípio, meio e fim. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD45 – Mulher não tem critério; pode amar a vida toda um vagabundo que não merece ou deixar de amar instantaneamente um sujeito devoto. É terrível quando a mulher cessa de te amar. Você vira um corpo sem órgãos, você vira também uma mulher abandonada. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD47 – O ridículo do corno é que ele achava que a possuía. A mulher sabe que não tem nada, ela sabe que é um processo de manutenção permanente. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16-17)

I – SEXO FRÁGIL

SD53 – As mulheres sofrem mais com o mal do mundo. Carregam o fardo da dor social, por serem mais sensíveis e mais fracas. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.18)

SD54 – O mundo está tão indeterminado que está ficando feminino, como uma mulher perdida: nunca está onde pensa estar. O mundo determinista se fracionou globalmente, como uma mulher. Mas não é o mundo delicado, romântico e fértil da mulher; é um mundo feminino comandado por homens boçais. Talvez seja melhor dizer um mundo-travesti. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.18)

J – PROVOCAÇÃO DO MEDO

SD57 – Toda mulher é “Bovary”... e para serem amadas, instilam medo no coração do homem...Carinhosas, mas com perigo no ar. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

K - OBJETO SEXUAL, MERCADO DE CONSUMO, PROPRIEDADE

SD59 – A mulher quer ser possuída em sua abstração, em sua geografia mutante, a mulher quer ser descoberta pelo homem para ela se conhecer. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.17)

3. Meditações diante do bumbum de Juliana

Vemos, nessa crônica, “reflexões” sobre o bumbum de Juliana, sob alegação de que à época em que a atriz Juliana Paes pousou para revista *Playboy*, seu “bumbum era esperado como um messias redentor, aguardado como a salvação do Brasil neste momento sem graça”; inclusive por políticos, bancários e o próprio sujeito do discurso.

No desenvolvimento da crônica o argumento predominante é que o bumbum de Juliana era uma bunda familiar, romântica. “No caso de Tiazinha ou da feiticeira, a bunda tinha vida própria. Era mais importante que as donas”.

Por fim, conclui-se que “a bunda hoje no Brasil é um ativo.”

L – MEDITAÇÕES SOBRE O BUMBUM

SD71 – A bunda hoje no Brasil é um ativo. Centenas, milhares de moças bonitas usam-na como um emprego informal, um instrumento de ascensão social. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.33)

4. Amor é prosa, sexo é poesia

Essa crônica, título do livro, serviu de inspiração para a música “Amor e sexo” (Rita Lee, Roberto Carvalho e Arnaldo Jabor); nela o cronista fala do encontro com duas amigas no calçadão do Leblon e uma delas faz referência a um artigo que o mesmo havia escrito sobre o amor; a outra lembra sobre outro texto, o “das mulheres raspadinhas”; por conta desses argumentos ele fala que algum dia ainda escreveria sobre sexo.

Segundo Jabor, parte desse comentário a decisão de escrever sobre essa antiga dualidade: sexo e amor; em seguida opina sobre as propriedades do amor, do sexo, no sentido de posse; do que um é em detrimento do outro; do romantismo de um, da instantaneidade do outro; enfim que “amor é bossa nova, sexo é carnaval”; que “amor é mulher; sexo é homem”.

Na divisão que ele faz de tais elementos, amor e sexo, estão apresentados de forma dicotômica, porém fazem uma ligação fundamental uma com a outra e envolvem essencialmente homens e mulheres.

O – O AMOR

SD49 – Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem – o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo. (*Amor é prosa, sexo é poesia*, JABOR, 2004, p.38)

5. Resposta a uma moça 50 anos depois

O cronista, nesse discurso, lembra que “outro dia” havia escrito sobre seu passado e que havia falado de uma menina da Urca, Silvinha, “moreninha de olhos verdes” (ele faz referência à crônica *um rosto inesquecível*); após esse fato, recebe um *e-mail* da ‘menina’ que atualmente estaria casada há 46 anos, com dois filhos e netos e que agora era a ‘grisalhinha’ de olhos verdes. O cronista sente a necessidade, emocionado com o *e-mail*, de respondê-lo.

A – INFÂNCIA DO SUJEITO

SD3 – Hoje, mais de 50 anos depois, vou dizer o que sentia por você. Você foi o que eu imaginava o que seria uma “namorada”. Você despertou em mim um tremor novo, a primeira emoção do que mais tarde vi que chamavam “amor”. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.54)

SD4 – Depois, uma brincadeira também esquecida: “casamento japonês”, onde se escolhia uma menina a quem se perguntava: “Pêra, uva ou maçã?”; você disse “uva” e eu beijei timidamente seu rosto, sentindo-me, em seguida, voar por cima do seu jardim, vendo as casas da Urca lá embaixo. E, assim, você ficou de namorada oficial de minha infância imaginária. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.54)

B – FIGURAS MASCULINAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

SD9 – Devo dizer também que fui crescendo e enlouqueci de um amor mais carnal por uma moça mais velha, Isadora, de pernas lindas no maiô catalina, alva, de boca rubra com muito batom. Daí para frente, Silvinha, já adolescente, comecei minhas incursões pelo mundo do

pecado, sempre instruído por meu professor de sacanagens, o saudoso pipoqueiro Bené. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.55-56)

SD10 – Ele que me conduzia às mais pecaminosas ações solitárias, dando-me revistinhas de mulher nua, ainda ingênuas, como *Saúde e Nudismo*, cheias de moças azuis, deitadas em praias remotas. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

SD11 – Nessa época eu vivia em Copacabana, na casa de meu avô, onde eu tinha mais liberdade que sob as ordens de mamãe. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

D – DESTINO SEXUAL

SD23 – Você deve ter sido feliz, com filhos e netos, seguindo a trilha natural que saía do seu jardim. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56-57)

J – PROVOCAÇÃO DO MEDO

SD58 – Não sei por que, Silvinha, sempre tive fascinação por meninas que me deixavam arrebatado e com medo ao mesmo tempo, sempre de algum modo as meninas que me atraíam me pareciam inatingíveis, etéreas, como se fossem destinadas a outros e não a mim... e essa impossibilidade aumentava meu fascínio de pierrô. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.55)

M – PROSTITUIÇÃO E SEXO

SD73 – Os famosos *rendez-vous*, o que me fez dividir as mulheres em “santas” e “prostitutas”, ficando as santas como você em minha memória e as outras sendo fonte de erros e sofrimentos. Todas, então, santas e bruxas, eram intangíveis, todas impossíveis. Veja como se formava os jovens nos anos 50 para o amor. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

6. O amor nos anos 60

Na referida crônica, o sujeito do discurso se propõe a falar do amor nos anos 60, então começa a seguinte afirmação: “eu sou do tempo em que as namoradas não davam”; para contrapor os hábitos dos “meninos de hoje” – 2004, buscando um movimento entre passado e presente.

As sequências que serão analisadas dessa crônica nos permitirão compreender os argumentos apresentados para referir-se aos anos 60, fazendo críticas a algumas práticas nos dias modernos.

M – PROSTITUIÇÃO E SEXO

SD74 – Eu sou do tempo em que as namoradas não davam...Pois é; as namoradas não davam (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.67).

SD79 – Mas acontece que minha namorada resolvera reconstituir sua virgindade, recusando-se a perpetuar comigo seu “erro” do passado. Arrependera-se de ter cedido uma única e sangrenta vez ao “canalha” que me antecederia e, depois de lágrimas em confessionários, resolvera manter sua pureza intacta. Para mim, foi um calvário de desejo insatisfeito. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.68-69)

SD81 – “Não. Aí eu não entro!”, gemia minha namorada. Eu tentava argumentos que iam de Sartre e Simone até a revolução. “Mas, meu bem...deixa de ser alienada... A sexualidade é um ato de liberdade contra a direita... E ela: “Não entro! Isso seria também uma indisciplina pequeno-burguesa.” (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.69)

SD82 – “Inclusive” Disparei, “você tem que assumir que não é mais virgem!” E ela, com boca de nojo: “Eu sabia que você ainda ia jogar isso na minha cara!!!” E fugia pelas escadas. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.69)

SD83 – Ninguém dava. As poucas que o faziam eram apontadas pelos rapazes, com suspeita, um respeito desconfiado. Quantos teriam coragem de casar com elas? (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.70)

7. O amor deixa muito a desejar

O sujeito do discurso inicia a crônica discorrendo sobre o filme *Fale com ela*, de Pedro Almodóvar, no qual ele percebe “amores raros”, “feitos de entrega”; e cita Drummond, segundo ele, poeta do amor impossível, referindo-se a uma “doação ilimitada a uma completa ingratidão”, quando feito como uma paixão.

O sujeito passa a fazer críticas ao amor nos dias atuais, indicando que esse sentimento com “um toque sagrado” não existe mais, que isso nos dias de hoje está acabando; que deveríamos fazer filmes assim como os de Almodóvar, cheios de amor, sem denúncias⁶. Há críticas ao modo de ver o amor na modernidade, porém nessas críticas há algo que se deixa escapar.

M – PROSTITUIÇÃO E SEXO

SD84 – As próprias mulheres estão virando “D.Juans”. Vejam o périplo de jovens atrizes que vão comendo, um por um, os modelos que surgem nas revistas, elas, que deviam se manter damas inatingíveis para pálidos quixotes românticos. (*O amor deixa muito a desejar*, JABOR, 2004, p.85)

8. As celebridades fervem no caldeirão da loucura

Nessa crônica o sujeito do discurso afirma que “depois de Auschwitz tudo era possível. Qual será a loucura típica de hoje, aqui e no mundo? Aqui no Brasil, a loucura de hoje é imperceptível.” Ele continua dizendo que “este clima geral dispersivo, pagodeiro, gargalhante, desreprimido parece liberdade, mas não é.”

A SD96 retirada dessa crônica como recorte para o corpus, consta no adendo, grupo temático P – A liberdade, o feminismo, ela não será analisada por nós, devido ao fato que a

⁶ No filme há uma grande denúncia; uma das protagonistas entra em estado de coma profundo, no hospital há um enfermeiro que a ama em um estado semelhante a obsessão; com isso, em um dos momentos que tal enfermeiro vai cuidar da paciente ele a violenta sexualmente, ao ponto dela engravidar. No filme, devido ao momento do nascimento do filho, a mulher sai do coma.

SD98, ao nosso entendimento traz questões semelhantes.

P – A LIBERDADE, O FEMINISMO

SD96 – Temos hoje liberdade para desejar o que? Bagatelas, mixarias. Uma liberdade vagabunda, para nada, para rebolar o rabo nas revistas, uma liberdade “fetichizada”, produto de mercado e até mesmo disfarçada de revoltas “de festim”. (*As celebrações fervem no caldeirão da loucura*)

SD98 - A democracia de massas, mesclada ao subdesenvolvimento cultural, parece "libertar" as mulheres. Ilusão à toa. A "libertação da mulher" numa sociedade ignorante como a nossa deu nisso: superobjetos se pensando livres, mas aprisionados numa exterioridade corporal que apenas esconde pobres meninas famintas de amor e dinheiro. A liberdade de mercado produziu um estranho e falso "mercado da liberdade". É isso aí. E ao fechar este texto, me assalta a dúvida: estou sendo hipócrita e com inveja do erotismo do século XXI? Será que fui apenas barrado do baile? (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.143)

9. Os homens desejam as mulheres que não existem

Essa crônica mostra a forma como o sujeito se utiliza para ‘criticar’ os “silicone, pêlos dourados, bumbuns malhados, tudo para agradar aos consumidores do mercado sexual”.

Tal crônica tece críticas sobre a mulher, há nela um questionamento de qual seria a mulher que existe para o homem, uma ideia que assemelha-se ao ‘tipo ideal’.

F – DONAS DO LAR

SD28 – Se elas pudessem expressar seus reais desejos, não estariam nas revistas sexy, pois não há mercado para mulheres amando maridos, cozinhando felizes, aspirando por namoros ternos. Nas revistas, são tão perfeitas que parecem dispensar parceiros, estão tão nuas que parecem namoradas de si mesmas. (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.142)

P – A LIBERDADE, O FEMINISMO

SD97 – Vejo que no Brasil o feminismo se vulgarizou numa liberdade de “objetos” produziu mulheres livres como coisas, livres como produtos perfeitos para o prazer. (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.139)

SD98 - A democracia de massas, mesclada ao subdesenvolvimento cultural, parece "libertar" as mulheres. Ilusão à toa. A "libertação da mulher" numa sociedade ignorante como a nossa deu nisso: superobjetos se pensando livres, mas aprisionados numa exterioridade corporal que apenas esconde pobres meninas famintas de amor e dinheiro. A liberdade de mercado produziu um estranho e falso "mercado da liberdade". É isso aí. E ao fechar este texto, me assalta a dúvida: estou sendo hipócrita e com inveja do erotismo do século XXI? Será que fui apenas barrado do baile? (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.143)

10. O amor impossível é o verdadeiro amor

O sujeito do discurso inicia a crônica com um comentário que já escreveu outro dia sobre amor e sobre sexo e que isso mexeu com a cabeça de pessoas que o encontraram na rua, fazendo o questionamento do que seria o amor. Entendemos que essa crônica é uma tentativa de resposta, pois como ele mesmo diz: “Eu branco, classe média, brasileiro, já vi esse amor mudar muito”.

H – O AMOR

SD50 – Nosso amor é uma reprodução ampliada da cópula entre o espermatozóide e o óvulo se interpenetrando. (*O amor impossível é o verdadeiro amor*, JABOR, 2004, p.167)

SD61 – Quando eu era jovem, nos anos 60/70, o amor era um desejo romântico, um sonho político, contra o sistema, amor da liberdade, a busca de um “desregramento dos sentidos”. Depois, nos anos 80/90, foi ficando um amor de consumo, um amor de mercado, uma progressiva apropriação indébita do “outro”. O ritmo do tempo acelerou o amor, o dinheiro contabilizou o amor, matando seu mistério impalpável. Hoje, temos controle sabemos por que “amamos”, temos medo de nos perder no amor e fracassar na produção. (*O*

amor impossível é o verdadeiro amor, JABOR, 2004, p.165)

Das 17 crônicas do G2, nem todas foram sequências analisadas, porém a leitura de cada uma delas foi fundamental para fazermos os recortes e classificá-los nos grupos temáticos, pois a relevância da sequência, o tema proposto, foram nossos argumentos para considerar quais seriam analisadas.

Seguem as crônicas do G2 e o grupo temático ao qual estão classificadas:

1. Nosso macho feliz é casado consigo mesmo

Percebemos no início dessa crônica, certa reflexão do homem sobre a sua vontade de ser feliz. Dizendo que se sente aquém dos “felizes de hoje”. A partir do pensar sobre a felicidade, o sujeito discursivo passa a fazer uma distinção entre felicidade masculina e feminina; e que a “felicidade moderna é o consumo do outro.”

O cronista apresenta vários argumentos sobre a possibilidade de felicidade, o fato de ter uma vida sexualmente ativa, por exemplo; porém é no casamento que se encontrará a in(felicidade).

K – OBJETO SEXUAL, MERCADO DE CONSUMO, PROPRIEDADE

SD62 – Olhando os retratos antigos, vemos que a felicidade masculina era ligada à ideia de “dignidade”, vitória de um projeto de poder; vemos os barbudos do século XIX de nariz empinado, perfis de medalha, donos de algum poder nem que fosse sobre a mulher e os filhos aterrorizados. (*Nosso macho feliz é casado consigo mesmo*, JABOR, 2004, p.19-20)

M – PROSTITUIÇÃO E SEXO

SD85 - O macho brasileiro tem pavor de ser possuído por uma mulher. Não há entrega; basta-lhe o “encaixe”. O Herói macho se encaixa em heroína fêmea B e produzem uma engrenagem C, repleta de luxos e arrepios, entre lanchas e caipirinhas, entre *Jet-kis* e BMWs, num

esfuziante casamento que dura três capas de Caras. (*Nosso macho feliz é casado consigo mesmo*, JABOR, 2004, p.21)

2. Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca

Nessa crônica o sujeito discursivo inicia com o comentário de que “este texto é sobre ninguém. Meu avô não foi ninguém. No entanto, que grande homem ele foi para mim”. E no decorrer do relato, o cronista contrapõe a figura do pai (severa) à figura do avô (carinhosa), se dedica a falar do malandro carioca, das práticas que seu avô o ensinava; como a ir aos “sinistros *rendez-vous*”.

Há nessa crônica, bem como em outras, uma narrativa romântica, nostálgica, que reportam a décadas passadas. Um enaltecimento dos tempos antigos, como forma de crítica aos dias atuais. Contudo, é o que investigaremos nessas ‘evidências’ que estão sendo postas.

B – FIGURAS MASCULINAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

SD15- Isso ele dizia com olhos machistas molhados de gratidão. Ou seja, ele me ensinava tudo errado e com isso me salvou. (*Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, JABOR, 2004, p.25)

8. A casa da minha mãe nunca ficou pronta

Na crônica em questão, o sujeito inicia de forma fictícia, diz que anda com vontade de ligar para a mãe (já falecida), e tenta explicar ao seu filho essa situação, falando para ele que seus avós estariam no céu.

O sujeito do discurso utiliza-se de saudosismo para a falar sobre sua mãe nos tempo da juventude dela, dos tempos e costumes da vida familiar, da classe média nos anos 50 e seus preconceitos. Entendemos, através da crônica, que a família do sujeito não fazia parte dessa

classe média.

E – FIGURA MATERNA

SD25 – A vida de minha mãe foi a tentativa de uma alegria. Sorria muito, trêmula, insegura e, nela, eu vi a história de tantas mulheres de seu tempo tentando uma felicidade sufocada pelas leis do casamento, pela loucura repressiva dos maridos. Meu pai, que era um homem bom e a amava, nunca conseguiu sair do espírito autoritário da época e, inconscientemente, enrolou-se numa infelicidade que oprimia os dois. (*A casa da minha mãe nunca ficou pronta*, JABOR, 2004, p.106)

9. O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde

O sujeito cronista apresenta uma série de fatos políticos e que não aguenta mais ver tantas atitudes controversa no Brasil e no mundo, nela o autor apresenta alguns argumentos na tentativa de justificar-se; contudo ele diz que sua profissão é ver o mal do mundo.

Ele mostra isso com certo sarcasmo, ironia; enumera boa parte das suas percepções sobre o que ele não aguenta mais, fazendo ‘crítica’ para falar sobre religião, política e sobre a mulher.

P – A LIBERDADE, O FEMINISMO

SD100 – Repugna-me ver sorrisos luminosos de celebridades bregas, passo-de-ganso de manequim, saber quem come quem na *Caras*, mulher pensando feito homem, caçando namorados semanais, com essa liberdade vagabunda para nada. (*O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde*, JABOR, 2004, p.113)

10. A pedofilia na igreja é consequência do celibato

O título da crônica resume bem o que o cronista coloca; não fosse o celibatário, não haveria tantos casos de pedofilia na igreja. Ele remonta a época do colégio de padres que

havia estudado

Para os meninos que ali estudavam o prazer era um crime; o sujeito diz o seguinte “as meninas eram seres inatingíveis com seus peitinhos e bundinhas. Até hoje, vivo dividido entre as santas e as “impuras”; quantas dores senti na vida pelo cultivo destes ensinamentos que transformava as mulheres em perigos horrendos, “Liliths” demoníacas, tão ameaçadoras quanto o imenso desejo que tínhamos por elas”.

Uma forma de criticar a igreja pelos casos de possível pedofilia, no entanto é mostrado questões inerente à mulher.

G – CASAMENTO E RELIGIÃO = INFELICIDADE

SD39 – A mulher, como Eva, era a origem de todos os males. Delas saíam a vida e a morte, delas saía o prazer pecaminoso, o mal do mundo. Esta base criminal gera desde a *burka* até o *striptease*. (*A pedofilia na igreja é consequência do celibato*, JABOR, 2004, p.118)

11. Meu pai foi um mistério em minha vida

Nessa crônica, as lembranças do cronista são relatadas para que o leitor compreenda porque ele diz que o pai foi um mistério em sua vida; em decorrência disso podemos perceber na crônica como se dava a relação pai e filho; seus conflitos familiares, algo que se mostrava tenso, porém com o passar dos anos, com a doença do pai, eles passam a ficar mais próximos.

A – INFÂNCIA DO SUJEITO

SD8 – Meu pai caiu doente, com uma enigmática infecção pulmonar, que não passava. Médicos se sucediam: tuberculose, enfisema? O quê? Foi uma revolução cultural no apartamentinho de Copacabana: aquele rei silencioso, de repente, estava caído no divã, cuspidando, febre permanente, precisando de ajuda. Então, a força estava fraca? O pai virara filho? Minha mãe pirou mais ainda, sem saber lidar com tanto poder que ganhara, tanta liberdade súbita. (*Meu pai foi um mistério em minha vida*, JABOR, 2004, p.123-124).

14. Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo

A crônica aborda alguns fatos de corrupção destacados na mídia, como o caso da Sudam, Sudene, do PC Farias, relatando que ele se “emociona” com “a amizade dentro das famílias corruptas, principalmente no Nordeste e a partir daí ele traça um perfil de como são esses corruptos.

N – CORRUPÇÃO, NORDESTE

SD92 – Todos têm amantes, todos têm mulheres desprezadas e tristes. (*Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo*, JABOR, 2004, p.150)

17. A felicidade é a empada do “Bigode”

Esta crônica traz as reflexões do cronista sobre a felicidade por ocasião das festividades do fim de ano.

O sujeito discursivo passa a colocar argumentos de que não haveria motivo, após um ano de trabalho, de ser feliz ou de desejar feliz natal! Feliz ano novo! de maneira forçada. Em meio a ditos como “felicidade é ser desejado. Felicidade é ser consumido.” Ele também diz “assim como a mulher deseja ser um objeto de consumo”; o cronista traz o passado como referência para uma felicidade “de paz e alegrias em nossas vidas”

G – CASAMENTO E RELIGIÃO = INFELICIDADE

SD40 – “Feliz Natal, feliz ano-novo!” Mas, ser feliz, como? O sujeito passou o ano todo quebrando a cara, reclamando da mulher, batendo nos filhos, lutando contra o desemprego, sendo humilhado pelos patrões, e aí chega o fim do ano e todo mundo diz: “seja feliz”. (*A felicidade é a empada do “Bigode”*, JABOR, 2004, p.189)

K – OBJETO SEXUAL, MERCADO DE CONSUMO, PROPRIEDADE

SD64 – Assim como a mulher deseja ser um objeto de consumo, como um eletrodoméstico, um "avião", uma máquina peituda, bunduda. Claro que mulheres lindas nos despertam fantasias sacanas mas, em seguida, pensamos: "E depois? Vou ter de conversar... e aí?" Como conversar com um "avião" maravilhoso, mas idiota ? (Aliás, dizem que uma das vantagens do Viagra é que, esperando o efeito, os homens conversam com as mulheres sobre tudo, até topam "discutir a relação"). Mas o homem também quer ser "coisa", só que mais ativa, como uma metralhadora, uma Ferrari, um torpedo inteligente e, mais que tudo, um grande pênis voador. E eu não falo isso como crítica. Não. Eu tenho inveja. (*A felicidade é a empada do "Bigode"*, JABOR, 2004, p.190)

Considerando a abordagem do sujeito discursivo sobre diferentes temas, foi necessário fazer esse agrupamento. Devido à semelhança de temática que havia entre diferentes sequências, em uma mesma crônica ou em crônica diferente, os ditos serão analisados percebendo-se as conexões que um dizer tem com outro; tal exposição dos recortes se fez necessária nesse momento, visto o percurso feito para entendermos os processos discursivos que ali se estabelecem.

Foram analisadas, nos capítulos 4 e 5, as 44 sequências discursivas; após mapearmos cada crônica, vimos a necessidade de agrupá-las dessa forma para melhor desenvolvimento do trabalho e entendimento das próprias materialidades. Como informamos anteriormente, a lista de todas as sequências encontradas no livro e classificadas por grupos temáticos, encontram-se no apêndice e no anexo no final deste trabalho. As sequências dos grupos C (Futebol – homem x mulher) e O (Travesti) ficaram de fora de nossa análise, devido às necessidades das análises, pois implicariam investigações que estavam distanciadas dos demais recortes, estariam no âmbito do desejo masculino e do recalque. Nossa análise foi guiada pelas conexões das sequências na relação de gêneros; foi fundamental para compreendermos como é ampla a abordagem do universo feminino pelo sujeito do discurso no livro em questão.

4 PIERRÔS E COLOMBINAS, A CARNAVALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Elas estavam presentes em vários carros alegóricos, fornecendo assunto, ano após ano, para jornalistas que oscilavam entre se deliciar e se escandalizar com aqueles corpos considerados pouco vestidos de renda, gaze e escomilha. (Cristina Schettini Pereira, 2002, p.314).

Traremos, daqui por diante, as materialidades discursivas com a numeração dada no grupo temático, porém em uma ordem que permite o diálogo entre as temáticas; obedecendo à necessidade do procedimento de análise, o que certamente contribuirá para o processo de compreensão do discurso do sujeito sobre a figura feminina, visto a relação de gênero ser o elemento desencadeador que faz a conexão entre as sequências analisadas.

Na sociedade atual, torna-se perceptível a busca da mídia em hegemonizar o pensamento no meio social; para isso, utilizam-se de diversas ferramentas para a produção e reprodução do pensamento da classe dominante. Denise Maldidier (2003) destaca:

O discurso é implicitamente assimilado a uma prática específica, requerida pela relação de forças sociais e sempre realizado através de um aparelho. (MALDIDIER, 2003, p. 33)

Entendemos, no caso das crônicas investigadas, que isso é feito de forma disfarçada e até “romântica”. A imprensa, entendida como aparelho ideológico, lança seu discurso de forma a alcançar a massa social, creditando-o como verdadeiro; produzido como forma de comunicação, entretenimento e persuasão.

O objeto da prática midiática é também o presente, transmutado em acontecimento jornalístico e, muitas vezes em espetáculo. A mídia não somente transforma o presente em acontecimento jornalístico, como também lhe confere um estatuto histórico. Desse modo, a sociedade assiste à história do tempo presente sendo construída, no interior dos aparelhos de comunicação de massa, sob a tirania do acontecimento. O lugar, por excelência, de produção do acontecimento não é mais o do discurso da história, mas sim o da mídia. (BARBOSA, 2003, p. 116)

Compreendemos a imprensa como um dos mecanismos que faz a mediação entre o homem e sua realidade social, devido tal instituição trabalhar com a linguagem; algumas

ideias são cristalizadas na sociedade e a mídia atua fortemente nesse processo de formação de opinião e de manutenção de uma cultura das ideias da classe dominante, com base na linguagem e algo que nela se apresenta, o pré-construído. Conceitualmente

despojado de qualquer sentido lógico, o pre-construído constitui a reformulação da pressuposição no novo terreno do discurso. Ele permite apreender o interdiscurso (MALDIDIER, 2003, p.36).

Sobre o interdiscurso, Maldidier “designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação e contradição” (MALDIDIER, 2003, p. 51). Percebemos isso, por exemplo, quando há uma retomada de um interdiscurso que traduz o Brasil como *o país do carnaval e futebol*, pois se acredita nessa imagem. Nesse sentido, as contradições e inversões passam a se estender ao longo do ano, todos os anos; realidade injusta, em um país necessitado de progresso cultural.

Sob essa ótica, veremos no discurso, a carnavalização / personificação da mulher; ou o que a envolve nos espaços de significação; tais como colombina, santa, bruxa e outras que porventura venham a surgir. Segundo Bakhtin (2010), o

núcleo dessa cultura, isto é, o carnaval, não é de maneira alguma a forma puramente *artística* do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação (BAKHTIN, op. cit. p. 6).

Vemos que há na festa carnavalesca, espaço para diversão, libertinagens, orgias e inversão de valores éticos e morais; tudo se apresenta como permitido, visto que, após esse evento, no decorrer do ano, as pessoas voltariam a suas vidas “normais”. pois:

durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar de mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participam cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente.[...] durante o carnaval é a própria vida que representa e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência (BAKHTIN, 2010, p. 6-7).

Interessante se faz destacar, que as alegorias⁷ utilizadas no carnaval se confundem na mídia; pois produzem e reproduzem o fato carnavalesco; isso se torna um fato histórico em nosso país, o carnaval e suas representações sociais. Isso é o que poderemos perceber nas formações discursivas; nosso papel será o de analisar, chegando a um entendimento de como funcionam as comparações e processos metafóricos utilizados pelo sujeito do discurso nos ditos que serão analisados. Pois, é impossível, afirma Michel Pêcheux, “analisar um discurso como um texto [...] é necessário referí-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção” (MALDIDIER, 2003, p.23). Iniciaremos com a seguinte sequência:

SD58 – Não sei por que, Silvinha, sempre tive fascinação por meninas que me deixavam arrebatado e com medo ao mesmo tempo, sempre de algum modo as meninas que me atraíam me pareciam inatingíveis, etéreas, como se fossem destinadas a outros e não a mim... e essa impossibilidade aumentava meu fascínio de pierrô (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p. 55).

Inicialmente, destacamos esse fascínio de Pierrot e o que envolve essa figura carnavalesca. Dentre as figuras carnavalescas emblemáticas, o sujeito cronista faz referência a do Pierrot, considerado como um palhaço sonhador, correndo atrás do amor inatingível, cercado de tristeza e romantismo; em contrapartida, precisaremos recorrer a duas outras figuras do carnaval não citadas no discurso, mas que de forma implícita estão ligadas ao que foi dito, a Colombina – considerada uma mulher com seus encantos e sua leviandade, a mulher de coração dividido, atordoada entre dois extremos, sem saber para onde deva dirigir seus anseios e movimentar seus passos; e a outra figura, o Arlequim, visto como o malandro, no triângulo amoroso, o qual, segundo prega a tradição do teatro italiano, torna-se a persona pela qual a Colombina se entrega, deixando o Pierrot na solidão.

Configurando-se em um triângulo amoroso, é neste contexto que o sujeito se vê. Roberto da Matta (1977, p.51) em estudos realizados sobre o carnaval, suas figuras, e sobre o palhaço, diz que, em relação ao nome Pierrot, “o termo pode ser empregado para definir o homem cuja mulher lhe é infiel, como sinônimo de “corno” e “cabrão”, sendo altamente ofensiva.” E continua:

⁷ Utilizamos tal termo de forma metafórica.

Pierrot, Colombina e Arlequim, personagens que aparecendo em cena no final do século XVII, provavelmente no teatro italiano, foram nacionalizados no Brasil a ponto de se transformarem em verdadeiros símbolos do carnaval. A relação do Pierrot com o palhaço é patente: seus trajes são semelhantes e seu papel é idêntico. Ambos são sistematicamente infelizes e enganados pela Colombina, cujo amante, o Arlequim, acaba levando a melhor. Deste modo, tais fantasias manifestam no carnaval, o célebre triângulo amoroso tão presente na vida matrimonial brasileira. A popularidade das três figuras deve estar, conseqüentemente, relacionada ao poder feminino de tornar seu marido um Pierrot (ou palhaço), destruindo sua honra e sua imagem na sociedade (MATTA, op. cit., p. 51).

No discurso, vemos o sujeito qualificando-se como Pierrot, sempre no estado de medo e arrebatção, pois *as meninas que o atraíam*, não todas, mas as que estavam nesse grupo, as que despertavam nele o interesse amoroso, sexual, eram vistas como *inatingíveis; destinadas a outros*, os Arlequins; enquanto essas mulheres eram consideradas, como Colombinas, o que possibilita ao sujeito, perceber-se nessa posição de Pierrot (palhaço).

Nessa perspectiva carnavalesca que nos é apresentada, podemos analisar outras materialidades discursivas. Embora, o sujeito discursivo se posicione no lugar de quem elogia a figura feminina, uma análise mais cuidadosa nos mostra que seu discurso deixa escapar o inverso; pois podemos verificar certas contradições, o sujeito ao comparar a mulher a uma Colombina não necessariamente a elogia, o discurso traz consigo toda história, da desconfiança que o Pierrot tem dessa personagem, ora transferido nessa comparação. Na SD55 vemos o autor indicar Machado de Assis, trazendo a relação conflituosa do amor entre Bentinho e Capitu, o que reforça o sentimento de desconfiança na mulher.

O paralelo que fazemos com o carnaval, decorre dessa festa pagã trazer consigo a ideia de, embora por tempo determinado, cria-se no imaginário dos sujeitos de que tudo, nessa época festiva, seria permitido, principalmente os prazeres sexuais, as orgias e concomitantemente os rituais religiosos para as “santas”. E após esse período, os prazeres têm que ser contidos, coincidindo com o período da quaresma.

Embora o fascínio de Pierrot persistisse em relação às colombinas, havia outras formas de perceber a mulher; figuras como santas e bruxas eram postas no carnaval, no qual, as “santas” deveriam apenas presenciar a festa; e as “bruxas” eram exaltadas colocando-as em carros alegóricos para serem contempladas na festa de momo. Isso posto, identificamos duas materialidades nas quais podemos perceber algumas particularidades sobre as santas e as prostitutas, segundo a distinção que é feita pela sociedade.

SD73 – Os famosos rendez-vous, o que me fez dividir as mulheres em “santas” e “prostitutas”, ficando as santas como você em minha memória e as outras sendo fonte de erros e sofrimentos. Todas, então, santas e bruxas, eram intangíveis, todas impossíveis. Veja como se formava os jovens nos anos 50 para o amor. (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p. 56)

SD83 – Ninguém dava. As poucas que o faziam eram apontadas pelos rapazes, com suspeita, um respeito desconfiado. Quantos teriam coragem de casar com elas? (O amor nos anos 60, JABOR, 2004, p. 70)

Eis o paradoxo que se apresenta na SD73 e SD83; considerando o dito *Ninguém dava*. *As poucas que o faziam eram apontadas pelos rapazes com suspeita*, refere-se às mulheres da época, as quais deveriam apresentar-se à sociedade de maneira “puritana” para não correr o risco de assemelharem-se a uma mulher sem pudor, as que causam dúvidas aos homens em manter uma relação que fluísse para o casamento. Tal compromisso do matrimônio era para as que não praticavam atos sexuais com seus namorados, as consideradas santas, pois assim se esperava de tais moças, uma vida familiar, seguindo os comportamentos sociais estabelecidos (esta é outra contradição que perceberemos mais adiante em outras análises).

Tal dito constitui-se em uma afirmação paradoxal, o “dar” e o “não dar”, no entanto, a questão, parece-nos, não é exatamente esta. O problema é que algumas eram destinadas a tais práticas, enquanto outras não poderiam proceder dessa forma, pois estava na mão dos rapazes escolhe-las ou não para o casamento, para uma vida social pautada nos costumes da época, o que é sempre ideológico, pois

a principal fonte de reprodução dessa ideologia, a nosso ver, está na construção do discurso familiar-religioso que se sustenta na capacidade de parir e aleitar do sexo feminino e constrói a partir dessas características biológicas, uma dualidade de posições, simbolizadas na figura da mãe e da prostituta, da santa e da pecadora (MAGALHÃES, 2005, p.13).

Constatando os dois extremos apresentados no discurso, “santas” e “prostitutas”, nos quais a figura feminina é colocada, podemos recorrer ao que diz Gutiérrez (1985, p.21) sobre essa cultura: “não é sem conflito que a sexualidade da mulher é assumida. Se não quer parecer

pouco feminina deve ser passiva”. Sobre as que ocupam o lugar de “santas”, a autora diz o seguinte, referindo-se ao modo de pensar em uma cultura patriarcal,

Mais do que nunca deve assumir-se como objeto e não como sujeito. E eis o conflito: educada para agradar e seduzir, deve esconder seus desejos. Seu comportamento sexual é determinado por sua própria condição. Se a passividade não é real, torna-se necessário representá-la, pois, toda afirmação de si mesma diminui sua feminilidade e suas chances de sedução. (id. 1985, p. 21).

Ao colocar a mulher em uma esfera de estar disposta a satisfazer *os jovens solitários daquela época*⁸, no caso das “prostitutas”, mesmo em uma alusão ao passado; há um desejo que a mulher esteja sempre pronta para assumir esses papéis, fantasias presente no imaginário masculino.

A esse respeito, Pereira (2002), referindo-se ao período carnavalesco, afirma o seguinte:

Ao longo deste período de popularidade, chama a atenção que as “Grandes Sociedades” fossem compostas exclusivamente por homens e que, na afirmação da identidade de foliões civilizados e civilizadores, eles frequentemente recorressem a figuras femininas, sempre nos termos da dicotomia honesta/prostituta. Por meio destas figuras, eles construíram uma auto-imagem de “senhores da alegria”, dos donos da festa, atribuindo-se a função de determinar os lugares e as funções dos outros na folia (PEREIRA, 2002, p.311-312).

Entendemos que essa delimitação de lugar não se limita ao período carnavalesco; pretende-se, ao longo do ano, de todos os anos, a manutenção dessa dicotomia; uma divisão que sugere especificar as mulheres que são para casar e as que são para os prazeres sexuais; o que implica, nesse caso, em uma vida extraconjugal masculina, em determinados casos, pelo fato de não se contentar apenas com sua esposa e isso se torna uma prática social que se inscreve na história.

Ao que percebemos a imprensa se apropria desse discurso dominante, dando visibilidade e sustentabilidade à forma cultural e ideológica vigente no país. Uma forma de pensar que, apenas no período carnavalesco, são permitidas determinadas atitudes que envolvam as mulheres, porém como forma de entretenimento do sexo oposto; não como

⁸ Expressão utilizada pelo sujeito na SD72, a qual transcrevemos: SD72 – Depois, Silvinha, continuei minha trilha pelos caminhos que se abriam para os jovens solitários daquela época: as casas de pecado do Catete, os famosos *rendez-vous* (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.56).

forma de emancipação feminina. No resto do ano, a cotidianidade, nas formas mais tradicionais, voltava a ser vivida.

Destaque-se como fundamental para a compreensão das análises feitas acima e as outras que se seguem, os títulos das crônicas *Resposta a uma moça 50 anos depois* e *O amor nos anos 60* demarcam a época a qual se referem, delimitam certo tempo histórico (anos 50 e 60), a primeira por ter sido escrita em 2004, referindo-se a um momento no qual se passaram 50 anos, a segunda por tratar do sentimento na década de 60. A crônica *Um rosto inesquecível* reporta-se aos anos 60, para falar da *hippie* Rite Lee, “aquela mulher divinamente dividida, de noiva mutante ou de cartola e cabelo vermelho que, em 67...”; e *O amor impossível é o verdadeiro amor* faz referência aos anos 60/70 e 80/90 explicitamente para fazer reflexões sobre o sentimento que permeia o título da crônica.

Outras crônicas, em algum momento, deixam escapar fatos, personagens; juntamente com a percepção que temos que o sujeito do discurso traz memórias de uma época, vivida por ele, e que remete ao tempo pretérito; marcas discursivas nos fazem chegar ao entendimento de que uma cultura tradicional é remontada nos dias atuais. Enfim, tal parêntese é para falarmos dessa época, fim dos anos 50, início dos anos 60, 70 e uma possibilidade de compreendermos o início de uma modernidade na sociedade brasileira (anos 80 e 90), senão modernidade, um período histórico que possibilite pensar o seu discurso.

Pensar a conjuntura histórico social sobre o processo do golpe militar de 1964⁹, e pós golpe, nos parece um elemento importante em nossa discussão, visto seu discurso dialogar com a memória desse período, a respeito do golpe de 64, afirma Reis,

formara-se, para derrubar o governo de Jango, uma ampla e diferenciada frente, com denominadores comuns muito genéricos: salvar o país da *subversão* e do *comunismo*, da *corrupção* e do *populismo*. E restabelecer a democracia. Funcionando como cimento, unindo a todos, o Medo de que um processo radical de distribuição de renda e de poder pudesse sair dos controles e levar o país à desordem e ao caos (REIS, 2002, p.33-34).

Conforme ainda especifica Reis (2002), tal frente tinha como seus protagonistas políticos e militares, ficando o poder efetivo nas mãos de uma junta militar, composta por chefes militares das três forças armadas que se autodenominara Comando Supremo da

⁹ Não cabe aqui uma longa discussão sobre as motivações teóricas que geraram o golpe, contudo as relações dos que estavam no poder, com àqueles que tinham o poder é fundamental para compreender o início da discussão; assim como a relação Estado-nação e a classe operária.

Revolução. Ainda com base no autor, desenvolve-se um período na História do Brasil de repressão, luta armada, cassação de mandatos eletivos, suspensão de direitos políticos, com prisões, censura a publicações e intimidações de toda ordem. Acrescente-se que um *espírito autoritário* rondava a nação.

Nesse contexto sócio político, torna-se emergente uma resistência ao período militar daí desembocado; estudantes universitários engajam-se na luta pela liberdade de expressão, bem como ao estado de coisas que a nação encontrava-se no período da ditadura. A esse respeito, destacavam-se na música de protesto (Geraldo Vandré e Chico Buarque, entre outros), bem como outras propostas se destacavam (Caetano Veloso e o tropicalismo).

Além disso, havia todo um conjunto, de grande sucesso, de mídia e de público, como a Jovem Guarda, de Roberto e Erasmo Carlos, entre outros, para quem as lutas políticas passavam literalmente *à côté*. Não eram nem contra nem a favor delas, muito pelo contrário... (REIS, op.cit., p.47).

Tais manifestações culturais envolviam outras áreas como o cinema, porém nem todos tinham acesso. Essa efervescência cultural passava a ser difundida em meio ao processo político e a não liberdade de expressão que passava o país. Por ora, esse parêntese fica em suspenso, contudo os discursos do sujeito vez ou outra farão ligação a esse momento histórico e as décadas que se sucederam. Pois

não é de se admirar, nessas condições, que a idéia de uma fragilidade, de uma tensão contraditória no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória tenha sido constantemente presente, sob uma dupla forma-limite que desempenhou o papel de ponto de referência: - o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; - o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido (PÊCHEUX, 2007, p.50).

Após o fim da ditadura, às décadas que se seguem 80/90, surge um novo momento histórico, um processo de redemocratização, com fim da anistia política, campanha para diretas já e um novo processo cultural no país. Algo que direciona para uma nova memória¹⁰

Para darmos prosseguimento às análises, faz-se necessário pensar esse período, pois, continuamente o sujeito trará passado e presente¹¹ em seu discurso; e quando ele se reportar a

¹⁰ No livro papel da memória (2007), Michel Pêcheux coloca que a memória deve ser entendida não no sentido psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.

um passado, como memória discursiva que atravessa o discurso, concluiremos ser com base nos períodos citados e que são fundamentais para entendimento de seus ditos. Segundo Pêcheux,

tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de repetição e de regularização: a memória discursiva seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2007, p.52).

Continuemos nosso estudo com as sequências 28, 64 e 84 e perceberemos certa relação entre elas.

SD28 – Se elas pudessem expressar seus reais desejos, não estariam nas revistas sexy, pois não há mercado para mulheres amando maridos, cozinhando felizes, aspirando por namoros ternos. Nas revistas, são tão perfeitas que parecem dispensar parceiros, estão tão nuas que parecem namoradas de si mesmas. (Os homens desejam as mulheres que não existem, JABOR, 2004, p. 142)

SD64 – Assim como a mulher deseja ser um objeto de consumo, como um eletrodoméstico, um "avião", uma máquina peituda, bunduda. Claro que mulheres lindas nos despertam fantasias sacanas mas, em seguida, pensamos: "E depois? Vou ter de conversar... e aí?" Como conversar com um "avião" maravilhoso, mas idiota? (Aliás, dizem que uma das vantagens do Viagra é que, esperando o efeito, os homens conversam com as mulheres sobre tudo, até topam "discutir a relação".). Mas o homem também quer ser "coisa", só que mais ativa, como uma metralhadora, uma Ferrari, um torpedo inteligente e, mais que tudo, um grande pênis voador. E eu não falo isso como crítica. Não. Eu tenho inveja. (A felicidade é a empada do “Bigode”, JABOR, 2004, p. 190)

SD84 – As próprias mulheres estão virando “D.Juans”. Vejam o périplo de jovens atrizes que vão comendo, um por um, os modelos que surgem nas revistas, elas, que deviam se manter damas inatingíveis para pálidos quixotes românticos. (O amor deixa muito a desejar, JABOR, 2004, p. 85)

¹¹ O sujeito do discurso tem seu discurso publicado em 2004, data da publicação da primeira edição do livro Amor é prosa, sexo é poesia.

Em SD28, é colocado que as mulheres não expressam seus reais desejos, pois para pousar em revistas sexy se cria uma imagem de mulher independente, que parece dispensar parceiros, porque em tais revistas não há mercado para mulheres amando maridos e cozinhando felizes. O que se entende de tal dito, em um primeiro momento, segundo o sujeito discursivo é que o desejo da mulher é estar em uma cozinha, feliz e com toda dedicação amorosa ao seu marido, aspirando por namoros ternos.

Isso posto, há um desejo do sujeito que a mulher se entregue, romanticamente, ao seu parceiro e a ele dedique a sua vida, cozinhando; quiça lavando, passando; e isso em sua visão é que faria a mulher feliz, pois seriam os desejos dela. Contudo entendemos são os desejos do sujeito do discurso. Pois,

A dimensão da falta movimenta o desejo. Desejo é constituído de matéria significante, está inscrito no processo da linguagem sendo, assim, constitutivo do sujeito. Desejo, inconsciente e linguagem mesclam-se e manifestam-se na contingência da produção dos sentidos. Desejo não é o mesmo que necessidade e também não é o mesmo que demanda. Desejo tem seu lugar, sua estrutura e é movimento. (MARIANI, 2008, p.53)

Ainda sobre o sujeito desejante, temos na SD64 o sujeito pontuando que a mulher deseja ser objeto de consumo, ao mesmo tempo sugere o que o homem quer ser, “coisa” mais ativa; e que as mulheres lindas despertam fantasias sacanas, porém não seria viável para uma relação mais duradoura; não haveria como conversar com um “avião” maravilhoso, segundo o que é posto no dito.

Para nossa melhor compreensão sobre a Feminilidade¹², segundo Magalhães (2005),

na psicanálise freudiana, a sexualidade feminina é construída a partir da *ausência de*. A menina formará sua personalidade percebendo a ausência do pênis e buscando a superação dessa deficiência. Melaine Klein, fazendo a releitura de Freud, propõe que a superação se dará mediante a maternidade. No Início a frustração é individual, quando, por comparação descobre seu ser diferente e inferior. *Numa ocasião ou noutra, a menina descobre sua inferioridade orgânica* (FREUD, 1976, p.266). Mais tarde, essa *inferioridade pessoal* transforma-se na conseqüente tomada de consciência de uma inferioridade do próprio gênero (MAGALHÃES, 2005, p. 67).

A sociedade moderna, através de meios diversos, projeta o homem e a mulher para determinadas representações, a mulher objeto, submissa, em forma de “avião”, pronta para

¹² Cf. FREUD S. Feminilidade. Conferência XXXIII, Rio de Janeiro; Imago 1976.

levar o homem às alturas; o homem super potente, ativo como uma “metralhadora”, “uma Ferrari” ou até mesmo “um pênis voador” que alcance a mulher em seu patamar.

O sujeito cronista não diz isso de forma aleatória, ele é bem enfático em sustentar que não o faz como crítica e sim por inveja desses homens máquinas. Isso nos leva a entender, de acordo com o discurso posto, ser inaceitável a inversão de papéis, pregados, atualmente, no discurso; a crítica que o sujeito alega não fazê-la é feita, localiza-se na defesa da manutenção da cultura tradicionalista.

Isso é reforçado na SD84. Nessa sequência o sujeito afirma que as mulheres estão virando D.Juans – figura masculina, dotada de requisitos que despertam na mulher o interesse afetivo e sexual de ter momentos ao lado dessa personagem – e a partir dessa “encarnação” a mulher age em relação ao sexo oposto como se fosse um D. Juan. No discurso percebemos uma rejeição que a mulher possa agir de tal forma, pois viria ao encontro de uma cultura comumente aceitável. Pois, segundo o sujeito discursivo, elas que “*deviam se manter damas inatingíveis para pálios quixotes românticos.*” E aqui o cronista ignora que há poucos quixotes e menos ainda românticos; seu tempo é o passado; para lembrar Víncius de Moraes no poema *Poética*,

De manhã escureço/ De dia tardo/ De tarde anoiteço/ De noite ardo./ A oeste a morte/ Contra quem vivo/ Do sul cativo/ O este é meu norte/ Outros que contem/ Passo por passo:/ Eu morro ontem/ Nasço amanhã/ Ando onde há espaço:/ - Meu tempo é quando (Víncius de Moraes).

A memória discursiva, o passado, andam lado a lado e reverbera no discurso, junto a isso algo se mostra fundamental – o desejo – algo que coloca o sujeito sempre em contradição e conflitos em seu dizer. Visto a AD encontrar na psicanálise lacaniana um de seus fundamentos, pois o desejo

é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta. (LACAN apud Mariani, 2008, p.53)

Isso implica, necessariamente, na formação do sujeito, que também é atravessada por uma falta, implicando na incompletude da linguagem e do próprio ser. Esse grande Outro se apresenta como Simbólico sempre incompleto, enquanto

lugar do tesouro dos significantes (na leitura de Saussure feita por Lacan) e, por isso mesmo, passível de falhas, equívocos, deslocamentos. Para se constituir, o sujeito se confronta com o Outro, pergunta ao outro e se defronta com o enigma que emana do outro, o enigma da opacidade dos significantes, da incompletude do simbólico. (MARIANI, 2008, op, cit., p. 48)

SD59 – A mulher quer ser possuída em sua abstração, em sua geografia mutante, a mulher quer ser descoberta pelo homem para ela se conhecer. (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p. 17)

Em SD59 percebe-se uma mutação geográfica na qual o homem apresenta-se como descobridor do território e a partir daí, ela passa a se conhecer; mesmo que estejam presentes a sua abstração e seu estado mutante; pois no discurso posto, são elementos indissociáveis que constam na mulher. A mutação citada no dito soa instabilidade; um ser que se mostra instável, implicando, assim, na dificuldade de entendimento, visto que sempre se estará diante de uma mulher que muda constantemente, segundo o dito do sujeito.

Há ainda a possibilidade de deriva para se pensar a geografia corporal da mulher, também em estágios de mudanças, que vai da infância a velhice, da puberdade a menopausa, do corpo rijo à sua flacidez, uma geografia mutante que não envolve apenas a mulher, nem tampouco ao fato de ser jovem e bela; tal forma de pensar o corpo serve para atender as condições de produção do modo de produção nas relações sociais.¹³

Determinados modos de vida e trabalho são determinantes nas marcas do tempo tracejada sobre o corpo, ou mesmo sobre tempo de vida das pessoas. (SILVA SOBRINHO, Helson, 2007, p.180)

SD54 – O mundo está tão indeterminado que está ficando feminino, como uma mulher perdida: nunca está onde pensa estar. O mundo determinista se fracionou globalmente, como uma mulher. Mas não é o mundo delicado, romântico e fértil da mulher; é um mundo feminino comandado por homens boçais. Talvez seja melhor dizer um mundo-travesti (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p. 18).

A partir do dito temos algumas analogias a fazer:

¹³ A esse respeito cf. Silva Sobrinho. *Discurso, velhice e classes sociais*; em específico o tópico Rejuvenescer pra quê?, 2007, p.173-182

a) mundo indeterminado = mulher indeterminada / mulher perdida; e

b) mundo determinista → mundo fracionado = mulher fracionada

As críticas feitas pelo sujeito que “não é o mundo delicado, romântico e fértil da mulher”, com vontades e esperança que assim fosse; reforça a ideia de mulher emoção e procriação. E embora o mundo não seja romântico, delicado e fértil, segundo o sujeito do discurso, o mundo apresenta-se “feminino, comandado por homens boçais”.

Tal dito deixa explícito uma afirmação e nos sugere algumas interrogações; no interior da formação discursiva, podemos verificar que há alguém que comanda; e se assim se estabelece; em meio a tal suposição, fazemos os devidos questionamentos. Quem comanda o universo feminino, o espaço da feminilidade? Qual posição social a mulher estaria no mundo globalizado com seu feminismo singular?

O discurso apresenta um círculo vicioso em sua estrutura, e em seu acontecimento discursivo; a conjuntura social que possibilita o dito tem seu prolongamento e desdobramentos na produção e reprodução nas relações sociais entre homens, mulheres e o mundo, nas quais buscam estabelecer quem comanda e quem é comandado; quem é o dominador e quem está em posição inferior? E isso, podemos perceber em FLORÊNCIO et al. (2009) mostra-se mostra como resultado de um complexo no qual as relações de trabalho são fundantes nas relações de gênero e elas se entrecruzam. Assim, é

esse complexo contraditório que sustenta a formulação e circulação do discurso e a produção de sentidos e, certamente, esse discurso tem afetado e continua afetando, enquanto efeito de retorno sobre o real, a constituição do lugar da mulher e do homem em nossa sociedade. Trata-se aqui de um discurso conservador que continua acontecendo dia a dia, hora a hora, e sua eficácia está em que ele simula homenagear a mulher. (FLORÊNCIO et al., 2009, p. 121)

Há no discurso referência a um pré-construído. Considerando-se que há na sociedade alguns pré-construídos, acerca da mulher ser um gênero difícil de lidar ou conhecer e que nem ela mesma se conhece; isso é o que se apresenta como um grande Outro na cadeia de significantes que passa a operar, socialmente, como ideológico. Eis, então, o pré-construído, o qual deixa explícito que o gênero feminino é visto como algo de difícil compreensão. E não somente isso. A suposta indeterminação da mulher; a delicadeza, o romantismo pregados e a aptidão da mulher para procriação são utilizados como comparação e justificativa na intenção

de fazer críticas ao mundo capitalista, o qual encontrava-se em crise, fracionado.

O sujeito do discurso trata o mundo globalizado e a mulher como sendo coisas semelhantes. Quando ele diz “mundo feminino, comandado por homens boçais”, há um valor semântico depreciativo nos termos *boçais e feminino*; contudo, embora seja empregado o termo *boçais*, não abstrai da condição do homem a posição de comando e no termo *feminino*, percebemos uma transferência de valores quando ele fala do mundo, como “mulher perdida”, “indeterminado” e “fracionou globalmente”.

As sequências que seguem discorrem sobre o amor nas décadas passadas, bem como a ideia de liberdade posta pelo sujeito do discurso. Frise-se, a priori, que a liberdade que se prega nas materialidades abaixo, não é a mesma que se percebe no carnaval; contudo, possuem os mesmos fins da liberdade pregada nos festejos carnavalescos, falsear uma realidade e agradar aos “senhores da alegria”.

SD61 – Quando eu era jovem, nos anos 60/70, o amor era um desejo romântico, um sonho político, contra o sistema, amor da liberdade, a busca de um “desregramento dos sentidos”. Depois, nos anos 80/90, foi ficando um amor de consumo, um amor de mercado, uma progressiva apropriação indébita do “outro”. O ritmo do tempo acelerou o amor, o dinheiro contabilizou o amor, matando seu mistério impalpável. Hoje, temos controle sabemos por que “amamos”, temos medo de nos perder no amor e fracassar na produção (O amor impossível é o verdadeiro amor, JABOR, 2004, p.165).

SD100 – Repugna-me ver sorrisos luminosos de celebridades bregas, passo-de-ganso de manequim, saber quem come quem na Caras, mulher pensando feito homem, caçando namorados semanais, com essa liberdade vagabunda para nada.(O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde, JABOR, 2004, p.113).

SD97 – Vejo que no Brasil o feminismo se vulgarizou numa liberdade de “objetos” produziu mulheres livres como coisas, livres como produtos perfeitos para o prazer (Os homens desejam as mulheres que não existem, JABOR, 2004, p.139).

SD98 - A democracia de massas, mesclada ao subdesenvolvimento cultural, parece "libertar" as mulheres. Ilusão à toa. A "libertação da mulher" numa sociedade

ignorante como a nossa deu nisso: superobjetos se pensando livres, mas aprisionados numa exterioridade corporal que apenas esconde pobres meninas famintas de amor e dinheiro. A liberdade de mercado produziu um estranho e falso "mercado da liberdade". É isso aí. E ao fechar este texto, me assalta a dúvida: estou sendo hipócrita e com inveja do erotismo do século XXI? Será que fui apenas barrado do baile? (Os homens desejam as mulheres que não existem, JABOR, 2004, p.143).

O sujeito do discurso na SD61 faz uma abordagem diacrônica sobre o amor, buscando respostas para seus questionamentos sobre esse sentimento, na tentativa de explicitar como seria o amor nos anos 60, 70, 80 e 90, mostrando-se na modernidade como um amor capitalista. Sobre essa recorrência aos anos citados, falamos anteriormente sobre o golpe de 64 que remete a esse *sonho político, contra o sistema, amor da liberdade*; posteriormente, considerando o fim do golpe, o início de uma abertura comercial, processo de democratização, segundo o sujeito, *foi ficando um amor de consumo, um amor de mercado*; para falar de um suposto amor romântico, ele silencia que nos anos passados já havia essa *apropriação indébita do outro*; no entanto, entendemos, a forma como se dava essa relação é que se apresentava de forma diferente.

Em contraponto com esse passado, o sujeito se insere no imaginário do dito *hoje temos controle, sabemos porque amamos*; uma ilusão do real que busca coletivizar questões particulares, ele tenta enquadrar em categorias, tal sentimento. Contudo a vida moderna é que permite o sujeito pensar dessa forma, deslocando-se da realidade, refletindo outra, sempre buscando de forma nostálgica respostas para questões que a prática social se mostra com outra demanda. Em meio a um fato histórico político cultural, a um desejo de uma modernidade diferente do passado, eis o reducionismo que se vê quando se pensa a relação de gênero.

As críticas que o sujeito discursivo faz, têm essa contradição do atual com tempos remotos; e não apenas isso, mostra um antagonismo naquilo que o sujeito se mostra com intenções de elogiar, quando não está; e naquilo que ele faz críticas, deixando escapar evidências que revelam um posicionamento ideológico, em uma formação discursiva machista.

Na SD100, a crítica à *mulher pensando feito homem, caçando namorados semanais*,

com essa liberdade vagabunda para nada, mostra como o sujeito traz esses deslocamentos quando se percebe um tom de crítica. Segundo o sujeito do discurso não é permitido à mulher pensar feito homem, porque a mulher não é homem – uma clara evidência – porém a ela não é viável, segundo o discurso posto, agir como fazem os do sexo masculino; nisso mostra-se certo desdobramento que infere em uma memória discursiva, o feminismo.

A dita liberdade vagabunda dialoga com o movimento feminista, o que podemos perceber também nas SD97 e 98; quando o autor na SD98 se reporta a “parece libertar as mulheres”, ele retoma uma memória discursiva sobre o movimento feminista. O termo “parece” que antecede a ação “libertar”, esse último aspeado, causa uma ironia.¹⁴ Isso leva ao significado contrário, ou seja, confirmar a ideia de crítica com efeitos negativos, ao movimento feminista. A formação discursiva, ao que entendemos, incita uma culpa ao movimento, como o especificado pelo sujeito, “Vejo que no Brasil o feminismo se vulgarizou numa liberdade de “objetos”, produziu mulheres livres como coisas, livres como produtos perfeitos para o prazer.”

Faz-se necessário uma explicitação sobre o feminismo. Tal movimento defende o direito de igualdade dos gêneros, em meio a cultura patriarcal em que se procurou educar a mulher, de forma que ela estivesse disposta a suprir os interesses dos homens, quando não, ficar como “donas do lar”. No entanto, o feminismo “é um movimento político que defende a liberdade das mulheres, portanto defende a liberdade de cada uma de escolher, de optar.” (id. *Ibidem* 1985, p. 76). Podemos ainda recorrer a Gutierrez quando afirma que,

[...] foi a família monogâmica, unicelular, patriarcal e autoritária, instituída pelo capitalismo, que se apropriou da mulher, de seu corpo e de seu destino. Como dissemos, foi o sistema patriarcal capitalista que agravou a opressão da mulher. [...] na luta feminista as mulheres não negam os homens enquanto homens, negam os homens enquanto senhores, dominadores e opressores.” (GUTIÉRREZ, 1985, p. 77-78)

Podemos perceber a tentativa de culpabilização do feminismo e da mulher. Tal fato é recorrente nos ditos; no caso da SD45, por exemplo,

¹⁴ “Ironia” vem do grego *eironeia* e quer dizer “dissimulação”. Na comédia grega, o *eiron* é o pobre coitado que acaba triunfando sobre o valentão. Parte da sua astúcia é fazer perguntas tolas, para as quais não se tem resposta. Essa é também a estratégia de Sócrates, nos diálogos de Platão, e é por isso mesmo que se fala numa ironia socrática. No capítulo 5 faremos uma breve discussão a respeito da questão.

SD45 – Mulher não tem critério; pode amar a vida toda um vagabundo que não merece ou deixar de amar instantaneamente um sujeito devoto. É terrível quando a mulher cessa de te amar. Você vira um corpo sem órgãos, você vira também uma mulher abandonada (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.16).

Verificamos no recorte a ideia de que a mulher é fútil, que não saberia distinguir criteriosamente o que seria melhor para ela. Algumas ideias que se pretendem cristalizadas nos são reveladas, sutilmente, no dito; como, “mulher gosta de sofrer” ou “mulher é traiçoeira”. No entanto, nos chama atenção a última parte do dito: *Você vira um corpo sem órgãos, você vira também uma mulher abandonada*; no jogo de palavras feito pelo sujeito, entendemos, que uma mulher abandonada é um corpo sem órgãos; embora no processo discursivo, seja o sujeito homem que diz encontrar-se nessa condição de abandono; pois quando o amor da mulher pelo homem cessa, ele viraria um corpo sem órgãos, igual a *uma mulher abandonada*. Na crônica, este é o lugar discursivo da mulher e não do homem, por isso o estranhamento do sujeito do discurso que se posiciona sempre no lugar do masculino tradicional.

O que ficou implícito é que para o sujeito homem, após seu amor para uma mulher ter acabado, ela vira um corpo sem órgãos. Nesse caso toda a relação afetiva é descartada, pois aquela mulher não teria mais nada a oferecer sexualmente. Daí o abandono e sua transferência, considerando-se o abandonado, visto como um corpo sem nada a oferecer. Acreditamos, o homem sente-se impotente ao ser descartado ou substituído; e reage como se isso fosse impossível a ele, visto sua virilidade; sente-se mais uma vez como um palhaço, um pierrô.

Como o discurso se posiciona em relação aos conflitos de gênero; deteremos-nos nas contradições existentes nessa relação. Compreendemos que o mundo capitalista busca cristalizar, dividindo de forma dinâmica e precisa, os papéis que cada um ocupa no meio social; e como devem ocorrer as relações entre os seres.

Considerando-se os processos metafóricos, um dos pontos fundamentais da teoria da Análise do Discurso, recorrentes para nossa compreensão das materialidades, Pêcheux (2008) diz:

Todo enunciado, toda sequência de enunciado é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis (para nós, deslizes, efeitos metafóricos), oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

No próximo grupo de sequências discursivas, como forma de assemelhar a mulher à personagens da literatura brasileira e universal (SD55 e SD57), juntamente com o exemplo de como seria a relação amorosa na modernidade (SD56), uma ideia persiste na utilização dos processos metafóricos, a contradição existente na relação entre os gêneros.

SD55 – Amar é parecido com sofrer – Luiz Melodia escreveu, não foi? Machado de Assis toca nisso na súbita consciência do amor entre Bentinho e Capitu: “Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca” (Um rosto inesquecível, JABOR, 2004, p. 11-12).

SD57 – Toda mulher é “Bovary”... e para serem amadas, instilam medo no coração do homem...Carinhosas, mas com perigo no ar (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.16).

SD56 – Sempre senti isso em cada visão de mulheres que amei; um rosto se erguendo da areia da praia, uma mulher fingindo não me ver, mas vendo-me de costas num escritório do Rio...São momentos em que a “máquina da vida” parece explicar, como se fosse uma lembrança do futuro (Um rosto inesquecível, JABOR, 2004, p.12).

Nas comparações postas pelo sujeito, e para isso ressaltamos que segundo Pêcheux (1969) apud Orlandi (2004) denomina efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual. Temos alguns pontos a destacar: a) o relacionamento entre Bentinho e Capitu, b) Referência à protagonista Madame Bovary, do romance homônimo de Gustave Flaubert e c) uma configuração de um breve flerte dos dias atuais.

Em a) entendemos, o sujeito faz uma narrativa similar a que faz Bentinho ao falar sobre Capitu. No capítulo 148, da obra Dom Casmurro – Machado de Assis – há de se observar a seguinte passagem: “Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de

ressaca, nem de cigana oblíqua e dissimulada”; talvez isso “justifique” o “coração sair pela boca”.

Identifica-se uma interdiscursividade com a obra *Dom Casmurro* e o que há de intrigante nela, ou seja, Bentinho cria uma imagem negativa de Capitu, e acredita que ela seja uma mulher “oblíqua e dissimulada”, que o teria traído.

O medo torna-se presente na relação homem x mulher, e diversos fatores, segundo o sujeito, possibilitam essa condição; em b) a referência à personagem Bovary se dá por ela ser considerada uma mulher que fugia aos padrões sociais¹⁵ de educação feminina da época em que se ambienta o romance, pois se esperava dela um comportamento condizente com a realidade social; isso leva a assumir, em determinados momentos da narrativa, uma vida de costumes masculinos, embora fosse mulher. Considerando essa representação na obra de Flaubert, Vargas Llosa (1979) diz o seguinte:

Ena está sempre condenada a frustrar-se: sendo mulher, porque a mulher é na realidade fictícia um ser submetido, a quem está vedado o sonho e a paixão; sendo homem, porque só pode conseguí-lo transformando o amante em um ser nulo, incapaz de despertar nela a admiração e o respeito por essas virtudes supostamente *viris* que não encontra no marido e que, em vão, busca no adultério (VARGAS LLOSA, 1979, p.111).

Isso leva o sujeito do discurso a sentir desconfiança da mulher, pois estaria sempre correndo o risco de ser traído por ela; e em c) percebemos as “angústias” do sujeito moderno no momento de flertes e possíveis romances vividos; imaginando uma mulher que se aproxima do homem com interesses financeiros, vendo mais o status social do que a condição humana desse sujeito.

Estes fatores metaforizados possibilitam a sensação no sujeito de felicidade e medo em cada visão das mulheres que ele amou. Um paradoxo estabelecido na intrigante “guerra dos sexos”, a relação humana que desemboca na relação capitalista entre ambos, entre o social.

¹⁵ Há na discografia da cantora Rita Lee no álbum intitulado *Todas as mulheres do mundo (Som livre, 1993)*, música de título homônimo; nela encontramos o seguinte dito: “Toda mulher é meio Leila Diniz”, o que remete ao discurso “toda mulher é Bovary”.

SD39 – A mulher, como Eva, era a origem de todos os males. Delas saíam a vida e a morte, delas saía o prazer pecaminoso, o mal do mundo. Esta base criminal gera desde a burka até o striptease (A pedofilia na igreja é consequência do celibato, JABOR, 2004, p.118).¹⁶

Nessa sequência vemos a retomada do discurso religioso que atravessa o dizer, percebemos um interdiscurso no qual Eva é mostrada como culpada ou uma das culpadas; no discurso bíblico a serpente convence a mulher a comer do fruto proibido, e em uma sequência de relatos Adão é induzido pela sua esposa a comer do mesmo fruto¹⁷, segundo o livro de Gênesis o homem e a mulher passam a conhecer o bem e o mal.

Algo que se mostra novo e perene é o explícito posto, de que há “base criminal” (tal afirmação não mostra-se como denúncia, mas como elemento de concordância de que a mulher seria a origem de todos os males), que consequentemente teria gerado desde a *burka* até o *striptease*. São duas situações bastante opostas; em uma temos a reclusão da mulher, por opressão da sociedade onde ela é condenada a utilizar-se de tal vestimenta; na outra, temos a ausência de qualquer vestimenta, como resultado final do processo de despir-se, e que inclui os dois gêneros.

Essas duas situações apontam para a opressão da mulher; contudo, percebemos que uma é da ordem da religião, a *burka*; e a outra, o *striptease*, apresenta-se como da ordem do capitalismo. O sujeito discursivo trata de coisas contraditórias. Uma ideia que se aproxima daquela, santa e pecadora; vale ressaltar que a vestimenta da *burka*, e o “costume” de utilizá-la, faz parte de um dogma religioso, imposto; o *striptease* como uma exploração do corpo como fetiche, para realização do prazer, via relação de consumo, para ambos os sexos.

Pode-se inferir que, embora a “denúncia” feita pelo sujeito discursivo, a *burka* e o *striptease* são dois extremos que saciam os desejos do homem; isso é o que podemos perceber nas sociedades onde tais práticas são realizadas. Isso posto, há de se dizer que o mal social não vem da mulher, nem tampouco da suposta “base criminal”. Essa base criminal da qual fala o sujeito nos reporta a ideia de que seria a Eva/mulher “a origem de todos os males”, o

¹⁶ Embora se trate sobre o crime de pedofilia, e ser nítida a presença do discurso religioso como memória discursiva, os sentidos na materialidade discursiva em questão deslizam para outros caminhos.

¹⁷ Conferir Gênesis capítulo III

que apresenta-se de todo equivocado; há nisso, interesses escusos de uma sociedade tradicionalista, patriarcal.

Se retomarmos ao início desse capítulo, quando falamos sobre o carnaval, bastaria olhar para a festa carnavalesca e perceber os “quadros” que se pintam no bojo social; pode-se dizer, é onde as contradições de gêneros são, mais uma vez, nitidamente marcadas e veladas; transferidas para cotidianidade ao longo dos anos.

A efervescência cultural de resistência durante e pós ditadura, confundem-se com fenômenos culturais que não eram a favor do regime militar, nem contra ele, como surgimento de Erasmo Carlos e Roberto Carlos; assim como as novelas para as grandes massas; não é tão difícil de entender que com o passar dos anos, a forma de entretenimento do nem a favor, nem contra, ganha novos elementos, esportivo, como o futebol; e outro que envolve algo mais complexo, música, amor, sexo – o carnaval.

Trazemos aqui uma sequência discursiva para finalizar esse capítulo sobre uma parte do corpo feminino, bastante cobiçada pelos brasileiros, e que ganha seu destaque nas revistas masculinas, e principalmente no carnaval, cheios de “pierrôs”.

SD71 – A bunda hoje no Brasil é um ativo. Centenas, milhares de moças bonitas usam-na como um emprego informal, um instrumento de ascensão social (Meditações diante do bumbum de Juliana, JABOR, 2004, p.33).

As “meditações sobre o bumbum de Juliana” podem nos mostrar como o sujeito coloca a questão da atração sexual pela mulher e dessa mercantilização; tais reflexões são feitas de forma a criticar, de modo irônico, o fato da aparição da atriz Juliana Paes, na revista *Playboy*.

Quando se fala em ‘ativo’ na sequência em questão, necessitamos verificar de onde o sujeito toma emprestado tal termo para sua utilização; trata-se de um termo financeiro, o qual

seria todo tipo de aplicação financeira, como títulos de renda fixa públicos e privados, caderneta de poupança, ações, ouro, moedas estrangeiras, fundos de investimento etc.¹⁸

No mundo globalizado capitalista, cheio de desigualdades sociais, parece-nos que tal dito desliza para outra situação, a prostituição, “centenas, milhares de moças bonitas usam-na como emprego informal”, uma profissão tão antiga, quanto marginalizada (abra-se aqui um parêntese para dizer que nos dias atuais, e desde algum tempo, não limita-se às mulheres, homens se utilizam do corpo como instrumento de trabalho). O mal social é que a prostituição é sinônimo de pobreza social, miséria, exploração sexual infantil, tráfico humano entre outros fatores que estão diretamente ligados a ilegalidade do exercício e a ‘fragilidade’ do gênero feminino.

Contudo é uma prática que perdura por séculos; acreditamos que, justamente por atender, em seu maior número, a população masculina e isso gera um ‘mercado’ paralelo para atender as demandas do capitalismo, e nisso a fetichização é preponderante. Voltemos a falar da bunda, essa parte do corpo, no nosso país é bastante cobiçada pelos brasileiros; é o símbolo sexual, algo do tipo marca registrada; voltássemos a falar do carnaval, diríamos que a presença desse elemento na passarela, perceberíamos, torna-se algo indispensável à festa pagã. Tal fato assemelha-se ao desejo dos americanos por mulheres com seios grandes.

Tal fetiche, busca criar certo imaginário que a mulher ascende socialmente, ou que haja certa pretensão de ascensão; isso contudo, entendemos é algo criado pela indústria masculina. Tornar a mulher, ou parte dela, um objeto comercial para satisfação sexual.

Os processos metafóricos que encontram-se nas Sequências Discursivas que analisamos: o bumbum como ativo no Brasil; a mulher como Eva, Bovary, Capitu e Colombina; a suposta indeterminação da mulher; as contradições na relação de gêneros; nos fazem pensar sobre o amor na relação entre homens e mulheres, como se apresenta tal sentimento no discurso do sujeito.

¹⁸ Conceito sobre o termo *ativo financeiro*, disponível no sítio <www.igf.com.br>, no link glossário financeiro.

5 HISTORICIDADE DO AMOR

Já lhe dei meu corpo, minha alegria; já estanquei meu sangue quando fervia; olha a voz que me resta; olha a veia que salta; olha a gota que falta pro desfecho da festa, por favor, deixe em paz meu coração que ele é um pote até aqui de mágoa. E qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d'água. (Tanto mar: Fafá de BÉlem canta Chico Buarque, 2005).

Os ditos que doravante fluíram como água, podem trazer consigo uma grande gota, essa da que fala Chico Buarque, em sua composição *Gota d'água*, aquela que é *emudecida ou enxugada*, quando ela é voltada para a luta nas relações de classe; o que nos leva a descontentar-se com o atual estado de coisas que silenciosamente afetam as relações sociais. Isso sim pode ser a gota.

No ano de 2010, surge nas telas do cinema o filme *suprema felicidade*, inspirado no livro o qual estamos analisando, a película nos transmite uma suposta felicidade nos moldes dos anos passados, outra época, outro momento histórico, outras relações sociais. E que não implicavam, necessariamente na felicidade suprema. Onde estaria essa felicidade pregada pelo sujeito discursivo? No amor, no sexo, na bossa nova, no carnaval? Faz-se necessário perceber o amor, historicamente marcado na relação entre os gêneros, no discurso do sujeito para chegarmos ao entendimento da felicidade e do amor nas relações sociais.

SD25 – A vida de minha mãe foi a tentativa de uma alegria. Sorria muito, trêmula, insegura e, nela, eu vi a história de tantas mulheres de seu tempo tentando uma felicidade sufocada pelas leis do casamento, pela loucura repressiva dos maridos. Meu pai, que era um homem bom e a amava, nunca conseguiu sair do espírito autoritário da época e, inconscientemente, enrolou-se numa infelicidade que oprimia os dois (A casa da minha mãe nunca ficou pronta, JABOR, 2004, p.106).

Na superfície do discurso, vemos o sujeito discorrer sobre a sua mãe e enfatiza que a vida dela foi uma tentativa de uma alegria o que implica que ela nunca atingira; posteriormente, vemos tal fato tornar-se uma generalização; para o sujeito, isso se assemelha às histórias de vida de outras mulheres que buscam a felicidade interrompida pelo casamento, pois nos argumentos apresentados esta infelicidade é causada: 1. *pelas Leis do casamento* 2. *pela loucura repressiva dos maridos*.

Na continuidade do discurso, o sujeito afirma que o pai era um homem bom e amava sua mãe; entendemos ser uma contradição no interior da formação discursiva; tal *loucura repressiva dos maridos* é historicamente estabelecida no todo coletivo, não apenas naquele caso específico; mostrava-se uma prática social que era um retrato dos costumes da época; a figura paterna, sendo *um homem bom que a amava*; o qual, concomitantemente *nunca conseguiu sair do espírito autoritário da época*, o que teria levado o casal a uma infelicidade que o oprimia. Assim como tantos outros casais, visto ser a forma cultural vigente na sociedade da época, no âmbito familiar.

Nossos questionamentos são: Que espírito autoritário da época era esse? E como o casamento torna-se sufocante, gerando infelicidade constante? Sobre o casamento, necessitamos recorrer à cerimônia religiosa no intuito de compreender, segundo a Bíblia, o argumento que gera a união, bem como a legislação que rege o ato civil e preconizam os papéis do marido e da mulher para a união matrimonial.

Para falarmos sobre *o espírito autoritário da época*, necessitamos recorrer a outras crônicas contidas no livro para nossa compreensão. Na crônica *meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, o sujeito do discurso diz “meu pai era severo e triste, mal o via, chegava de aviões de guerra e nem me olhava” (JABOR, 2004, p.23), e na crônica *Meu pai foi um mistério em minha vida*, temos o seguinte, “Ele era da UDN? Entrei para o PCB aos 18 anos. Então comecei a despertá-lo da letargia desatenta a mim, provocando-o, esculhambando americanos e militares, culpando a Aeronáutica pelo suicídio do Getúlio” (JABOR,2004, p.122).

O fato de o pai ser militar, fazer parte de uma instituição que à época era uma das que fazia parte do momento que o país atravessava, o golpe militar, a ditadura (um espírito autoritário que rondava a nação), pode ter contribuído para a situação posta pelo sujeito do

discurso na SD25; em um processo de interpelação no seio familiar, perante as circunstâncias sociais.

Considerando que o Brasil é um país católico, embora o Estado seja laico, nas várias cerimônias religiosas percebemos, habitualmente, a utilização de promessas oficiais de amor eterno, *eu, fulana(o) de tal recebo-te por meu esposo(a) a ti, fulano(a) de tal. e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida;* assim como as citações da Bíblia na realização do ritual sagrado. Leia-se em específico a I carta de Paulo aos Coríntios capítulo XII, sobre o amor,

1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. 2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. 3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. 4 O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. 5 Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; 7 Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (BÍBLIA, I Coríntios, cap.13: 1-5, 7).

O amor é visto como fundamental na união estável, e segundo as promessas de amor no ato religioso e os textos bíblicos citados, é algo que deve unir o casal por toda a vida. A separação/ divórcio segundo consta no antigo testamento, livro de Malaquias 2:16, Deus detesta o divórcio, e no novo testamento temos o seguinte: “Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mateus 19:6). Esta visão é estendida para a sociedade, considerando o divórcio um tabu; essa realidade existente no bojo social pode, em parte, ter gerado argumentos para a esposa continuar com o casamento, em uma constante *tentativa de uma alegria*. Contudo, os dois encontravam-se em um estado de *infelicidade que oprimia os dois*, isso o sujeito do discurso nos diz.

Nesse caso, o divórcio não seria uma opção viável na “época” para sair de um relacionamento que a oprimia. Contudo, podemos perceber ainda no livro de Mateus 5:32 e 19:9. A frase “a não ser por causa de infidelidade”, seria forte argumento nas Escrituras Sagradas que possivelmente seria viável o divórcio¹⁹. Embora ele seja possível civilmente²⁰, a

¹⁹ Em julho de 1977, o quarto presidente da Ditadura Militar Ernesto Geisel dava início ao processo de abertura política do País. Na esteira da distensão, uma batalha antiga do movimento feminista chega ao fim. A Lei do Divórcio é aprovada na Câmara dos Deputados, em Brasília. Até então, o máximo que se conseguia era a separação. Era possível pedir o desquite, mas não era permitido um segundo casamento, pelo menos não um de papel passado, registrado juridicamente. Conf. Art. *Conquista: 30 anos do divórcio no Brasil*, Mariana Toniatti.

Igreja Católica permite, apenas a separação, pois, segundo ela, o casamento é indissolúvel. De acordo com esta doutrina pode haver uma anulação do casamento nos seguintes casos: o homem ser casado, homossexualismo, esquizofrenia; isso após o caso haver passado por um Tribunal Eclesiástico.

Sendo do sujeito filho, de quem parte o discurso, acreditamos que há um peso na condição da mulher/mãe, do compromisso com a família, mesmo encontrando-se em um estado de infelicidade; sua atuação no relacionamento, de certa forma é para atender os anseios da sociedade da época e da sua família.

No Código Civil brasileiro de 1916²¹ percebemos considerações que legislam o casamento; transcrevemos os seguintes artigos desse documento legislativo para entendimento do que o sujeito coloca como *leis do casamento*, eis algumas delas preconizadas na união civil estável.

Art. 194. Presentes os contraentes, em pessoa ou por procurador especial, juntamente com as testemunhas e o oficial do registro, o presidente do ato, ouvida aos nubentes a afirmação de que persistem no propósito de casar por livre e espontânea vontade, declarará efetuado o casamento, nestes termos: De acordo com a vontade que ambos acabais de afirmar perante mim, de vos receberdes por marido e mulher, eu, em nome da lei, vos declaro casados. Art. 197. A celebração do casamento será imediatamente suspensa, se algum dos contraentes: I - recusar a solene afirmação da sua vontade; II - declarar que esta não é livre e espontânea; III - manifestar-se arrependido. Art. 219. Considera-se erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge: I - o que diz respeito à identidade do outro cônjuge, sua honra e boa fama, sendo esse erro, que o seu conhecimento ulterior torne insuportável a vida em comum ao cônjuge enganado; IV - o defloramento da mulher, ignorado pelo marido. Art. 231. São deveres de ambos os cônjuges: I - fidelidade recíproca; II - vida em comum, no domicílio conjugal (arts. 233, IV, e 234); III - mútua assistência; IV - sustento, guarda e educação dos filhos. (LEI FEDERAL nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916 - Código Civil Brasileiro)

Sendo a Lei do divórcio de 1977, o código civil não doutrinava a esse respeito, pregando apenas sobre a suspensão do casamento. Nos chama atenção ainda o inciso IV do Art.219 que trata sobre o defloramento da mulher, como “erro essencial”. Mais adiante analisaremos uma Sequência Discursiva que trata sobre a virgindade.

²⁰ Ainda com base no Artigo de Mariana Toniatti o primeiro divórcio no Brasil, em termos jurídicos, ocorreu em Fortaleza, em janeiro de 1978, motivado pelo então vereador Gutemberg Braun.

²¹ É necessário explicitar alguns pontos referente ao código de 1916, pois condições exteriores ao discurso do sujeito, nos dão pistas de que as leis do casamento estavam atreladas a esse código de 1916.

Ainda sobre a SD25, o fato de o marido nunca conseguir *sair do espírito autoritário da época*, gera uma constante zona de conflitos entre o casal, no qual a comunhão entre ambos estava longe de existir, por culpa desse autoritarismo, historicamente intrínseco à sociedade da época.

Embora o sujeito desse discurso ao utilizar o termo, “inconscientemente”, busque não culpabilizar as partes envolvidas no dito, entendemos a utilização do termo “inconscientemente” – sem querer, ou sem intenção –; pois enrolar-se ou desenrolar-se implica em uma prática consciente da ação desse verbo; contudo, não nos impede dizer que as práticas sociais de cada indivíduo da família têm fator relevante para a infelicidade constante dessa mulher, conforme percebemos no discurso em tela.

Nessa formação discursiva temos a mulher/mãe/esposa infeliz e submissa a Leis do casamento que, entendemos, assim prossegue na relação para atender a sociedade da época e a *loucura repressiva do marido*; ou seja, além de não ser feliz no relacionamento, continua nele por medo das atitudes de loucura e autoritárias que advêm do homem/pai/marido. Considerando a mulher no ambiente familiar, analisamos a SD8

*SD8 – Meu pai caiu doente, com uma enigmática infecção pulmonar, que não passava. Médicos se sucediam: tuberculose, enfisema? O quê? Foi uma revolução cultural no apartamentinho de Copacabana: **aquele rei silencioso, de repente, estava caído no divã, cuspilhando, febre permanente, precisando de ajuda. Então, a força estava fraca? O pai virara filho? Minha mãe pirou mais ainda, sem saber lidar com tanto poder que ganhara, tanta liberdade súbita.** (Meu pai foi um mistério em minha vida, JABOR, 2004, p.123-124).*

Embora SD25 e SD8 sejam distintas, dialogam entre si e com outras vozes, o que implica em um interdiscurso, por trazer consigo marcas de uma memória discursiva que funciona como um já dito estabilizado, trazem consigo certa ‘veracidade’ no discurso posto, a qual é retomada pelo sujeito para dar suporte ao dizer.

Necessitamos considerar a remissão que o sujeito faz a *rei silencioso*, compreenda-se,

nesse caso, o sentido da utilização estaria ligado à imagem de “soberano”, “aquele que possui um reino”. Se há um “rei”, qual seria esse “reino”? Quem seria a “rainha”? Uma vez que reis e suas esposas tem papéis distintos. Isso nos remete a uma memória que se tem sobre a maioria da mulher casada – “a rainha do lar” – título dado como se fosse um elogio; e, assim como acontece na monarquia, há um ditado que diz, *quem é rei nunca perde a majestade*, podemos inferir na concepção existente, um rei, ou uma rainha jamais deixará de ser. O que implica um “status” difícil de perder em ambos os casos; a não ser que uma revolução cultural ou fato de força maior aconteça.

A doença do pai torna-se esse motivo de revolução, que o conduz para o “divã”, levando-o a uma “terapia”, colocando em questão a sua “força”. Diante do acontecimento, queremos verificar o seguinte fragmento: *Minha mãe pirou mais ainda, sem saber lidar com tanto poder que ganhara, tanta liberdade súbita*.

O dito *pirou mais ainda*, entendemos se dá pelo fato da mãe estar diante de um problema de saúde de seu esposo; não o fato de “*tanta liberdade súbita*”. Percebemos, nesse caso, a tentativa do sujeito de controlar o que diz, isso implica falar sobre os esquecimentos número 1 e número 2, conceitos da teoria da AD nos quais podemos perceber que o sujeito não é a origem e nem o dono de seu dizer.

Sabendo-se que se trata de um mesmo sujeito, falando dos seus pais, esse *rei silencioso*, sempre trazia *o espírito autoritário da época*; fato que como já vimos implicava em uma relação de opressão, e que não difere das histórias de outras mulheres, segundo vemos no discurso.

Porém há de se considerar os ditos *tanto poder, tanta liberdade súbita*; implica uma relação de inversão de papéis, querer demonstrar, quem, supostamente, era o “detentor dos poderes” e das “liberdades” na relação do casal; se foi adquirido *tanto poder, tanta liberdade súbita*, eles (o poder e a liberdade) foram oriundos de alguém, ela “ganhara”. Implica dizer, o sujeito deixa transparecer que aquele “rei” silencioso; “reinava”, silenciosamente, de acordo com as tradições culturais da sociedade da época, reproduzindo socialmente o pensamento de uma cultura patriarcal.

Na sequência SD27, veremos como o sujeito diz ser a relação da mulher, de forma geral, com a busca da felicidade e com o perfeito funcionamento do lar,

SD27 – Ela vive buscando atingir a plenitude e essa luta contra o vazio justifica sua missão de entrega. Mesmo que essa “plenitude” seja um living bem decorado ou o perfeito funcionamento do lar (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.17).

Quando parafraseamos essa sequência discursiva, temos alguns pontos essenciais para nossa compreensão, fazendo o jogo semântico para a significação; traremos algumas expressões postas no discurso: *buscando atingir a plenitude*, na paráfrase entenda-se, atingir um estado de completude que não existe, segundo o argumento da expressão seguinte, *essa luta contra o vazio*; o fato da não existência da plenitude, segundo o sujeito, essa busca torna-se desnecessária, em uma luta contra o nada, o que implica em uma falta, ausência; e para justificar a busca, há uma culminância de *entrega* dessa mulher; entenda-se *entrega* no sentido de submeter-se, encontrar-se num lugar de passividade; pois o sujeito é constituído por uma hiância; e “a conseqüência da *ausência de* na mulher é a sua constituição como ser mais primitivo, ligado às leis da natureza (maternidade)”, segundo Magalhães (2005).

Essa plenitude, que não existe para o sujeito, pode ser encontrada, segundo o sujeito cronista, em *um living bem decorado ou o perfeito funcionamento do lar*; o que consideramos uma contradição, pois se faz o uso da ironia para justificar seu dito. O sujeito utiliza-se do termo *plenitude*, aspeado, pelo fato da crença e da busca pelo o que é pleno não ser dele e sim da mulher, a partir desse recurso, e posteriormente a ele, diz que a mulher seria completa, quando pudesse ver sua sala de estar decorada ou quando estivesse zelando pelo funcionamento do lar. Ao dizer *perfeito funcionamento do lar*, entendemos a referência às atividades domésticas em todas as suas esferas, desde arrumar a casa, a cuidar dos filhos, algo que pode ser ainda considerado, em várias sociedades, como atividades naturais da mulher.

Identificamos no discurso do sujeito características da ironia, “aquele movimento que faz a linguagem se suspender ou se negar a si mesma – está na raiz de todo período moderno”(NESTROVSKI, 1996, p.7) em seus processos de significações.

Ao utilizar “plenitude” para marcar uma ausência, e para fazer sentido de maneira irônica; vemos no efeito irônico que

uma palavra é sempre o sinal de alguma coisa que não está ali[...]Basta voltar a atenção para o que é uma palavra e todo autor desliza para os abismos da indeterminação e da ambiguidade. (NESTROVSKI, id., p.8-9)

E isso não ocorre apenas no efeito irônico, contudo, tal afirmação, tem a ver com a não transparência da linguagem e dos sentidos que elas assumem em uma dada formação discursiva. Entendemos que, apesar da ironia utilizada no discurso, não impede de verificarmos os pontos julgados como verdadeiros pelo sujeito. Entenda-se que essa “ironia é um gesto dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada” (MAINGUENEAU, 1989, p.99). Ainda segundo esse autor, tal fenômeno tem, em sua natureza, a finalidade de causar ambiguidade no dito do sujeito, como algo que significa o contrário do que foi dito.

Considerando que literatos consideram a ironia, a *priori*, uma figura de linguagem, compreendendo o sistema formal da língua, nos campos da comunicação; apesar disso, concordamos com Eco (2003) quando afirma:

a ironia consiste em dizer não o contrário do verdadeiro, mas o contrário daquilo que se presume que o interlocutor acredita ser verdadeiro. É ironia definir uma pessoa estúpida como muito inteligente, mas se o destinatário souber que a pessoa é estúpida. Se não souber, a ironia não é percebida e se fornece uma falsa informação. Logo a ironia, quando o destinatário não está consciente do jogo, torna-se simplesmente uma mentira (ECO, 2003, p. 217).

Substituindo-se interlocutor e destinatários por sujeitos, e voltando ao dito do sujeito do discurso, podemos compreender que tal plenitude torna-se uma inverdade, no sentido de que entendemos que ela não existe; porém para o sujeito discursivo parece existir nos termos especificados na missão de entrega, *living* bem decorado e funcionamento do lar; ou como vimos na SD98 p.60 a expressão *parece “libertar”*, nos transmite um efeito irônico, no sentido material do discurso que a referida libertação não existiu. A ironia é algo recorrente nos ditos que estamos analisando, tal efeito irônico, entendemos ressoa como simulacro com efeitos ideológicos.

Ainda sobre a questão familiar, analisaremos a SD40, pois envolve questões fundamentais para o entendimento da relação matrimonial e de como o capitalismo interfere/contribui nesse ponto.

SD40 – “Feliz Natal, feliz ano-novo!” Mas, ser feliz, como? O sujeito passou o ano todo quebrando a cara, reclamando da mulher, batendo nos filhos, lutando contra o desemprego, sendo humilhado pelos patrões, e aí chega o fim do ano e todo mundo diz: “seja feliz” (A felicidade é a empada do “Bigode”, JABOR, 2004, p.189).

Consideraremos dois momentos no discurso em tela; temos o indivíduo refém do funcionamento do sistema capitalista nas expressões “desemprego”, “humilhado pelos patrões”; mecanismos utilizados pelo pequeno burguês, diante da demanda de mercado, assim como visa manter o status de burguês, na relação de exploração/dominação do trabalhador. No discurso, nos é apresentado um indivíduo, “insatisfeito” com sua vida profissional e que não vê sentido algum chegar ao final do ano civil e desejar Feliz Natal, feliz ano-novo, pois não haveria motivo de ser feliz.

No entanto, o sujeito do discurso deixa escapar algo, eis o outro momento que analisamos, o mesmo indivíduo que “passou o ano todo quebrando a cara”, é o mesmo que passou o ano “reclamando da mulher”, “batendo nos filhos”; fatos, segundo o sujeito do discurso, que colocam a felicidade em situação duvidosa.

Nas explicações do sujeito do discurso ao argumentar, expondo os motivos que geram a infelicidade do sujeito apresentado no discurso, identifica-se no ato de reclamar da mulher; uma motivação implícita no discurso que gera a reclamação. Da maneira como é colocado, tal atitude é contínua; considere-se a constância no gerúndio do verbo.

O fato de ser durante todo o ano, aproxima-se a uma atitude que se pretende natural e prerrogativa para um tipo de homem infeliz, ou esteriótipo de homem infeliz que pratica as atitudes ora colocadas no discurso.

SD53 – As mulheres sofrem mais com o mal do mundo. Carregam o fardo da dor social, por serem mais sensíveis e mais fracas (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.18).

Para analisar essa sequência, elaboramos a seguinte pergunta retórica para entendimento do funcionamento discursivo: segundo o que foi colocado pelo sujeito do discurso, por que as mulheres sofrem mais com o mal do mundo? As respostas, o sujeito dá em seguida a sua afirmação, elas “carregam o fardo da dor social” e são “mais sensíveis e mais fracas”.

Em adequação ao termo “mulheres” e seu antônimo – homens – além de recorrer as expressões “sofrem mais”, “mais sensíveis e mais fracas” percebemos certos sentidos discursivos da materialidade em questão. Quando consideramos o grau superlativo, no qual se tem uma comparação entre sujeitos, entendemos que houve um apagamento em mostrar qual era o outro “ser” do superlativo comparativo, pois nessa relação se compara x e y.

Torna-se possível inferir que o sujeito do discurso afirma que as mulheres sofrem mais com o mal do mundo do que os homens. E se elas são mais sensíveis e mais fracas na visão do sujeito; os homens são menos sensíveis e menos fracas. Ora, isso apresenta-se como uma grande ilusão criada para designar “sensibilidade” e “fraqueza” para um; e “racionalidade” e “força” para outro. Segundo Magalhães (2005), verifica-se que “desde a Antiguidade a mulher é, em certa medida, nivelada ao escravo.” Essa lógica de alguma forma interfere em uma visão de superioridade e inferioridade, que vão além dos corpos físicos e biológicos.

É a partir dessa ilusão “hierárquica” que se mostram os desdobramentos na realidade social, que podemos perceber na SD62,

SD62 – Olhando os retratos antigos, vemos que a felicidade masculina era ligada à idéia de “dignidade”, vitória de um projeto de poder; vemos os barbudos do século XIX de nariz empinado, perfis de medalha, donos de algum poder nem que fosse sobre a mulher e os filhos aterrorizados (Nosso macho feliz é casado consigo mesmo, JABOR, 2004, p.19-20).

O que há de ser destacado nesse discurso, é o dito *donos de algum poder nem que fosse sobre a mulher e os filhos aterrorizados*; tal discurso, visto que o sujeito fala de retratos, torna-se um espelho do cotidiano, refletindo, retratando e refratando o que é imposto em uma

sociedade patriarcal, a ideia do homem superior à mulher, sendo ela propriedade dele, um falso imaginário que persegue a sociedade moderna:

O patriarcado é o sistema cuja principal instituição, a família se encarrega de perpetuar os valores da dominação e da opressão da mulher. E são as diferentes maneiras de educar o menino e a menina que determinam suas características.[...] A idéia de uma essência feminina eterna, igual a si mesma, imutável através dos séculos, interessa a sociedade patriarcal, cujo discurso dominante é o discurso do sexo dominante.[...]Entendemos por sociedade patriarcal a que mantém como unidade básica a estrutura familiar dominada pelo pai (GUTIERRÉZ, 1985, p 22-23).

Tais ditos, entendemos, trazem fundamentos de uma cultura arcaica, sem alguma, ou com pouca dignidade humana na relação entre gêneros. Que em dado momento pode ser um “argumento” para o homem ser, porventura, autor de práticas de violência contra a mulher.

Na SD92, mostraremos outros desdobramentos desse “poder” aferido ao gênero masculino. Vejamos,

SD92 – Todos têm amantes, todos têm mulheres desprezadas e tristes. (Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo, JABOR, 2004, p.150)

Nessa sequência, há uma ideia que se pretende cristalizada, a figura masculina autorizada a possuir amantes; pois essa naturalização, efeito de evidência, refere-se a todos os homens; em tempo, incita ou apoia que as mulheres e esposas sejam desprezadas e tristes; uma vez que “todos têm mulheres desprezadas e tristes”, há alguém apto ou disposto a desprezá-la e por isso, configura-se em tristeza.

É antigo o costume de não contentar-se com uma única mulher, ligado ao desejo de poligamia, aceitável em outras sociedades; além de ligação com poder, força, masculinidade. A partir daí surgem maneiras de naturalizar tal atitude, com discursos do tipo: “ele é homem”, “ele pode”, “é da natureza masculina”. Ora, em ambos os gêneros, biologicamente e emocionalmente há certa predisposição ao amor e ao sexo. Não é algo exclusivo do gênero masculino. Porém devido à forma de educação dada ao longo da história, é sugerido, socialmente, que homens e mulheres se portem de forma distintas. E é justamente aí que se estabelece o problema no meio social.

Em face dessa discussão sobre amor e sexo que se configura na relação entre homens e mulheres entre si e na sociedade; cabe analisarmos outras materialidades discursivas, que trarão, o olhar do sujeito sobre essa questão, como nas sequências seguintes:

SD21 – Mas, até hoje, eu me lembro exatamente de sua expressão afogueada e vi que ela sentira também algum sinal no corpo, alguma informação do seu destino sexual de fêmea, alguma manifestação da matéria, alguma mensagem do DNA (Um rosto inesquecível, JABOR, 2004, p.10).

SD22 – Senti que eu fazia parte de um magnetismo da natureza que me envolvia, que envolvia a menina, que alguma coisa vibrava entre nós e senti que eu tinha um destino ligado àquele tipo de ser, gente que usava trança, que ria com dentes brancos e lábios vermelhos, que era diferente de mim, e entendi vagamente que, sem aquela diferença, eu não me completaria (Um rosto inesquecível, JABOR, 2004, p.11).

SD23 – Você deve ter sido feliz, com filhos e netos, seguindo a trilha natural que saía do seu jardim (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.56-57).

Acreditamos que o sujeito do discurso estaria falando da procriação, do desejo e ato sexual; embora isso venha carregado por uma paixão e mistura de sentimentos e desejo ao contemplar o sexo oposto; mesmo sendo em lembranças da sua fase infantil, temos, segundo ele, a “diferença feminina”, vista como “destino sexual de fêmea” que o completaria.

Meninos e meninas crescem num mundo dividido: de um lado os homens, livres, independentes, ativos fortes, agressivos; do outro, as mulheres, servis, dependentes, passivas, frágeis, impotentes e dóceis. Desde os primeiros anos de sua infância, a menina aprende a conter-se e a ênfase posta em sua aparência física a leva não só a aceitar-se, mas a cultivar-se como objeto. (GUTIÉRREZ, 1985, p. 19)

Há nas materialidades apresentadas, uma explícita naturalização da mulher em ter filhos; e isso é colocado de forma romântica, *a trilha natural que saía do seu jardim*. Ora, visto que é um fato biológico ter/ou não filhos²²; e pode-se inferir que o fato de criá-los, alimentá-los, e todas outras tarefas ligadas a esses filhos vêm de forma naturalizadas, por

²² Não entraremos no âmbito da discussão acerca da maternidade via fertilização, ou outro procedimento para o mesmo fim, contudo, pontuaremos que se torna oneroso para mulheres e casais que assim fazem uso desse procedimento para gerar um filho.

serem vistas com certa semelhança biológicas; isso em dado momento leva o homem a considerar como tarefa primordial da mulher, cuidar dos filhos e do lar, diante toda estrutura social familiar criada por conta dessa “natureza feminina”.

Percebemos um círculo vicioso, mulheres infelizes no casamento, donas do lar e com certa destinação para procriação, que leva o homem a percebê-las como aptas a cuidar da prole, do marido e da casa, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Vemos na SD22 o sujeito discursivo afirmar sobre a incompletude do homem, estando destinado à “natureza feminina”, à qual ele descreve. Tal pensamento aproxima-se a ideia de naturalização do amor.

Diante do exposto, necessitamos fazer outras reflexões, que implicam as esferas sociais mais amplas. A “naturalização” pregada pelo sujeito infere em outros ditos que reforçam a ideia da “informação do destino sexual de fêmea”.

Quatro sequências discursivas (SD3, SD4, SD9, SD10) nos mostram ligações que se fazem entre elas a respeito de nossa discussão; visto que são recortes de uma mesma crônica.

SD3 – Hoje, mais de 50 anos depois, vou dizer o que sentia por você. Você foi o que eu imaginava o que seria uma “namorada”. Você despertou em mim um tremor novo, a primeira emoção do que mais tarde vi que chamavam “amor”. (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.54)

SD4 – Depois, uma brincadeira também esquecida: “casamento japonês”, onde se escolhia uma menina a quem se perguntava: “Pêra, uva ou maçã?”; você disse “uva” e eu beijei timidamente seu rosto, sentindo-me, em seguida, voar por cima do seu jardim, vendo as casas da Urca lá embaixo. E, assim, você ficou de namorada oficial de minha infância imaginária. (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.54)

SD9 – Devo dizer também que fui crescendo e enlouqueci de um amor mais carnal por uma moça mais velha, Isadora, de pernas lindas no maiô catalina, alva, de boca rubra com muito batom. Daí para frente, Silvinha, já adolescente, comecei minhas incursões pelo mundo do pecado, sempre instruído por meu professor de sacanagens, o saudoso pipoqueiro Bené. (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.55-56)

SD10 – Ele que me induzia às mais pecaminosas ações solitárias, dando-me revistinhas de mulher nua, ainda ingênuas, como Saúde e Nudismo, cheias de moças azuis, deitadas em praias remotas. (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.56)

Na crônica *Resposta a uma moça 50 anos depois*, o sujeito tece comentários sobre a figura feminina, tendo como pano de fundo a sua infância; é a partir dela que o sujeito constrói seu discurso.

Quando o sujeito, no discurso em questão, resolve responder e declarar-se a uma mulher que ele conheceu na infância, lembranças de sua memória são apresentadas em seu dizer. Como se pode perceber na SD3, SD4, na intenção de mostrar sua trajetória de menino até a fase adulta. A alusão ao passado é bastante comum no discurso do sujeito. Essa recorrência, entendemos, leva-o a dialogar com a memória discursiva na produção da formação discursiva.

As SD9,SD10 reforçam a ideia de reportar-se ao passado, no intuito de mostrar como se dava a relação homem e mulher. Podemos perceber a ideia de a mulher ser vista como objeto sexual. Contudo o que se destaca nelas é o aparecimento de uma figura masculina²³ na Educação Sexual do Sujeito. Podemos verificar na SD9 que a figura masculina vai incentivar e dar suporte na formação do sujeito que visa o desejar a mulher para o sexo. Quando ele cita o professor de sacanagens, o “saudoso pipoqueiro Bené”, entendemos está embutido o pensamento de uma formação cultural ligada ao patriarcalismo, regado por uma cultura machista; lugar onde a memória discursiva encontra base, na qual a ideologia toma forma.

As qualidades ou características da mulher, sua “essência” feminina, não são determinadas pela biologia nem inerentes à sua natureza. Os condicionamentos, a educação, a sistemática inferiorização imposta pelo patriarcado, o confinamento no círculo estreito da casa, etc., levam a mulher a identificar-se com o modelo ideológico criado pelo homem. (GUTIÉRREZ, 1985, p.26)

²³ Além do pipoqueiro Bené, outra figura masculina será determinante na formação do sujeito, como podemos perceber em SD15, a qual mais adiante analisaremos.

Ainda sobre a ideologia, é fundamental considerar de onde parte o discurso, lugar no qual, além de percebermos a possibilidade de manutenção da ideologia hegemônica, tem-se ainda, a cultura do “espetáculo”, para os mesmos fins hegemônicos.

*SD41 – Vou falar um pouco de mulher, eu que mal as entendo na vida. Não falarei das coxas e seios e bumbus...Falo de uma aura que as percorre. Gosto do olhar de onça, parado, quando queremos seduzi-las, mesmo sinceramente, pois elas sabem que a sinceridade é volúvel. Um sorriso de descrédito lhes baila na boca quando lhes fazemos galanteios, mas acreditam assim mesmo, porque elas querem ser amadas, muito mais que desejadas. Elas estão sempre fora da vida social, mesmo quando estão dentro. Podem ser as maiores executivas, mas seu corpo lateja o *tailleur* e lá dentro os órgãos estranham a estatística e o negócio. Elas querem ser vestidas pelo amor (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.15).*

SD44 – A mulher compõe quadros mentais que se montam em um conjunto simbólico misterioso, como a arte. O homem quer princípio, meio e fim (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.16).

O sujeito se propõe a falar sobre a mulher, embora reconheça que “mal as entende na vida.” Sugere que vai falar da “aura que as percorre”, ao invés do corpo físico da mulher – fonte de desejo – , a partir disso, começa a enumerar algumas contradições sociais no interior do discurso; dentre elas estão:

- a) Querem ser amadas, muito mais que desejadas;
- b) Estão sempre fora da vida social, mesmo quando estão dentro;
- c) Podem ser as maiores executivas, mas seu corpo lateja o *tailleur* e lá dentro os órgãos estranham a estatística e o negócio. Elas querem ser vestidas pelo amor.
- d) A mulher compõe quadros mentais; o homem quer princípio meio e fim

Tais afirmações, vistas pelo sujeito como verdadeiras, demonstram uma “aura” feminina fragilizada, carentes de amor, mesmo estabilizadas financeiramente (maiores

executivas), não estão realizadas socialmente, segundo o que nos apresenta o discurso; e aproxima esse desejo ao de naturalização de condição social feminina, “lá dentro os órgãos estranham a estatística e o negócio” e “elas querem ser vestidas para o amor”. Essa ideia está ligada ao Romantismo, no qual o amor apresenta-se como resolução de todos os problemas.

Podemos questionar, pois o que se discute não é o fato de a mulher ser desejada e sim os argumentos apresentados, nos quais estão presentes contradições sociais e paradoxos, no intuito de mostrar a mulher em uma condição naturalizada, sentimental, carente de amor e dependente do homem. Essa lógica discursiva sustenta a ideia mulher – emoção; homem – razão.

Nessa perspectiva o homem a deseja, pois no discurso SD41 ele faz galanteios; e ela assim corresponde: “Um sorriso de descrédito lhes baila na boca quando lhes fazemos galanteios, mas acreditam assim mesmo”.

Diante o exposto, nas 3 materialidades que se seguem SD50, SD85, e SD47; veremos como funciona esse desejo e a relação amorosa, sexual de ambos. Esse percurso que fazemos é na intenção de compreensão da ideologia que perpassa nas diferentes materialidades ora apresentadas pelo sujeito.

SD50 – Nosso amor é uma reprodução ampliada da cópula entre o espermatozóide e o óvulo se interpenetrando (O amor impossível é o verdadeiro amor, JABOR, 2004, p.167).

SD85 - O macho brasileiro tem pavor de ser possuído por uma mulher. Não há entrega; basta-lhe o “encaixe”. O Herói macho se encaixa em heroína fêmea B e produzem uma engrenagem C, repleta de luxos e arrepios, entre lanchas e caipirinhas, entre Jet-kis e BMWs, num esfuziante casamento que dura três capas de Caras (Nosso macho feliz é casado consigo mesmo, JABOR, 2004, p.21).

SD47 – O ridículo do corno é que ele achava que a possuía. A mulher sabe que não tem nada, ela sabe que é um processo de manutenção permanente (O mundo de hoje é travesti, JABOR, 2004, p.16-17).

Para o sujeito homem, que se apresenta nas sequências discursivas temos o seguinte: a) o amor entre homem e mulher é biológico - SD50; b) O macho brasileiro tem pavor de ser possuído por uma mulher - SD85; c) A mulher sabe que não tem nada, ela sabe que é um processo de manutenção permanente - SD47.

Na SD50 vemos o amor definido como um ato biológico que se caracteriza no momento da prática sexual; apresenta-se como extensão do sexo; em SD85 o sujeito do discurso mostra o sexo como uma engrenagem, e entendemos tal representação está intimamente ligada ao modo de produção capitalista. Nesse caso, apenas alguns homens fazem parte dessa engrenagem, embora haja no imaginário masculino (na maioria dos homens) o desejo de fazer parte dela. Os que possuem lanchas, *Jet-kis e BMWs*, podemos dizer, são sujeitos que podem ser identificados como burgueses, aqueles que se encontram na classe dominante.

No nosso entendimento isso reforça a ideia de poder “uma engrenagem C repleta de luxos e arrepios” e que parece ser mais importante do que o relacionamento duradouro, pois o casamento dura apenas “três capas de Caras”. A instantaneidade, a urgência do prazer momentâneo é perene na relação posta no discurso.

No discurso posto a “reprodução ampliada da cópula entre o espermatozóide e o óvulo se interpenetrando” parece tomar a forma desejada quando percebemos o dito da SD85 “O Herói macho se encaixa em heroína fêmea B e produzem uma engrenagem C, repleta de luxos e arrepios, entre lanchas e caipirinhas, entre *Jet-kis* e *BMWs*”. O amor/sexo é tratado como um ato biológico/mecânico.

Visto o discurso apresentado, é nessa engrenagem que o homem se sobressai, pois uma vez que ele acredita que a mulher é um processo de manutenção permanente; nesse jogo, ele é quem dá as coordenadas, ele é quem, “teoricamente”, a possui.

As sequências que se seguem versam sobre um grande tabu social, a virgindade feminina, vejamos

SD74 – Eu sou do tempo em que as namoradas não davam...Pois é; as namoradas não davam (O amor nos anos 60, JABOR, 2004, p.67).

SD79 – Mas acontece que minha namorada resolvera reconstituir sua virgindade, recusando-se a perpetuar comigo seu “erro” do passado. Arrependera-se de ter cedido uma única e sangrenta vez ao “canalha” que me antecederá e, depois de lágrimas em confessionários, resolvera manter sua pureza intacta. Para mim, foi um calvário de desejo insatisfeito (O amor nos anos 60, JABOR, 2004, p.68-69).

SD81 – “Não. Ai eu não entro!”, gemia minha namorada. Eu tentava argumentos que iam de Sartre e Simone até a revolução. “Mas, meu bem...deixa de ser alienada... A sexualidade é um ato de liberdade contra a direita... E ela: “Não entro! Isso seria também uma indisciplina pequeno-burguesa.” (O amor nos anos 60, JABOR, 2004, p.69).

SD82 – “Inclusive” Disparei, “você tem que assumir que não é mais virgem!” E ela, com boca de nojo: “Eu sabia que você ainda ia jogar isso na minha cara!!!” E fugia pelas escadas (O amor nos anos 60, JABOR, 2004, p.69).

Enquanto percebemos na SD74 a informação que as namoradas não davam; na SD 79, verificamos o sujeito afirmar que para ele foi um calvário de desejo insatisfeito, o que torna significativa a seguinte afirmação:

a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. E, depois, nada se afigura mais desejável ao homem do que o que nunca pertenceu a nenhum ser humano; a conquista se apresenta, então, como um acontecimento único e absoluto. (BEAUVOIR, 1970, p.196)

Nitidamente o sujeito coloca sua insatisfação pelo fato da sua namorada se privar da possibilidade de manter relações sexuais com ele. Àquelas que já haviam cometido o “erro” para o sujeito era sinônimo de perpetuação da prática sexual, “um calvário de desejo insatisfeito” para o homem que gostaria que a mulher estivesse disposta a satisfazer seus desejos. Compreendemos que se apresenta certa ironia, quando é dito “reconstruir a virgindade” porque não havia a possibilidade de reconstituição. O fato da mulher não ser mais virgem, não se constitui em motivo para prática sexual constante, como queria o sujeito do discurso.

Na SD81 o sujeito passa a desdenhar da posição tomada pela mulher de não ceder a vontade de seu parceiro, daí interessante colocarmos nossa posição sobre o não

assujeitamento total do ser humano; das possibilidades apresentadas à mulher sobre ter relação sexual ou não com seu namorado, ela faz sua escolha, marcada historicamente, de não ceder às pressões do seu namorado e que certamente não foi a que ele esperava. Acontece, no entanto

que no regime patriarcal o homem tornou-se o senhor da mulher e as mesmas qualidades que atemorizam nos animais ou nos elementos indomados tornam-se qualidades preciosas para o proprietário que as soube domesticar. Da ferosidade do cavalo selvagem, da violência do raio e da catarata o homem fez o instrumento de sua prosperidade. Do mesmo modo procura anexar a mulher com toda sua riqueza intata. (BEAUVOIR, id., p.196)

Na SD82 percebemos algo que é preocupante, o sujeito homem para atingir seu objetivo começa a ofender a mulher, e entendemos, tal atitude em uma sociedade machista, leva a caminhos de violência contra a mulher, ao desrespeito, às práticas de estupro, pois se mostra o homem desejando a mulher para o sexo, em uma situação que a mulher não está de acordo; envolvida e aflita com toda a situação, encontra nas escadas a trilha para fugir de seu acusador. Contraditoriamente, segundo Beauvoir (1970) “motivos racionais desempenham certamente um papel no dever de virtude imposto à jovem; tal como a castidade da esposa, a inocência da noiva [...]”. A mulher, acreditamos, se vê em uma zona de conflitos, pois

contrariando a realidade biológica, a ideologia reduziu a mulher a condição de objeto sexual, convencendo-a a aceitar o papel de reprodutora, a preservar a virgindade e a cultivar a “virtude”. (GUTIÉRREZ, 1985, p.35)

SD49 – Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem – o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo (Amor é prosa, sexo é poesia, JABOR, 2004, p.38)

A nossa visão como analista, nos leva a afirmar que torna-se tarefa difícil, para não falarmos impossível ou não concebível na realidade social categorizar sentimentos, ou sensações; falar que amor é X e sexo é Y, mostra-se pretensioso por parte do sujeito do discurso.

No jogo de palavras verificamos o seguinte:

Se amor é prosa; amor é mulher, logo, mulher é prosa?

Na outra possibilidade vemos:

Se sexo é poesia; sexo é homem, logo, homem é poesia?

São questões difíceis de responder, contudo, em relação a poesia, podemos perceber certa brevidade em expressar o sentimento, as suas sensações; sua objetividade em ser funcional e momentânea no que lhe apraz, logo o sexo e o homem assim são postos no discurso; infere-se certo pensamento de ir direto ao assunto ou não fazer grandes rodeios na sua especificidade.

Por outro lado, vemos na prosa uma possibilidade de diálogo, um querer dialogar para expor ideias, utilizar de argumentos para defender determinado ponto de vista, contar um fato a outro de forma não breve, com detalhes importantes. A mulher e o amor assim são vistos no discurso; dois extremos, a imediaticidade do sexo (homem), o romantismo da prosa (a mulher).

Os desdobramentos que podemos verificar no discurso é que na relação homem x mulher não haveria relacionamento, o único casamento com perfeição seria o do travesti consigo mesmo. Entendemos que na sociedade moderna o travesti é um ser marginalizado; com isso, não é exagero nossa compreensão de que o casamento passa a ser desacreditado pelo sujeito do discurso.

Mais uma vez vem à tona a memória de que é difícil compreender as mulheres; e em uma união mais íntima, segundo vemos no discurso do sujeito, apenas um homem que se transveste como mulher, entenderia a si próprio, devido a sua feminilidade, pois as duas “essências” estariam no mesmo ser, indissociável, tornando-se, assim, um ‘casamento perfeito’.

SD11 – Nessa época eu vivia em Copacabana, na casa de meu avô, onde eu tinha mais liberdade que sob as ordens de mamãe (Resposta a uma moça 50 anos depois, JABOR, 2004, p.56).

SD15- Isso ele dizia com olhos machistas molhados de gratidão. Ou seja, ele me ensinava tudo errado e com isso me salvou (Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca, JABOR, 2004, p.25).

Em SD11 o sujeito reporta-se ao seu passado, nos revela como ele vivia na época, ou seja, 50 anos atrás o sujeito vivia em Copacabana, na casa do avô, onde tinha mais liberdade

que sob as ordens da sua mãe.

Na sociedade carioca, viver em Copacabana, de modo geral, era sinônimo de status social do próprio Rio de Janeiro libertário para as famílias que ali moravam/moram. Ressaltamos que na relação social estabelecida entre os membros da classe dominante, as relações hierárquicas de dominação entre eles são nitidamente marcadas; dito isso, é interessante perceber as representações dos papéis masculinos e femininos entre os membros desse grupo.

O sujeito diz que ele possuía mais liberdade na casa do avô; ora, isso se configura na educação estabelecida; a forma de educar de um homem adulto e uma criança do sexo masculino, na qual se percebe a cessão de “mais liberdade”, apresentam-se 2 gerações diferentes, contudo um querendo repassar, transmitir o que viveu para o outro; pois a criança é vista com pouca experiência na vida, e tempos depois, pode-se visualizar nela os reflexos do adulto na criança.

O modo como a mãe foi educada, entendemos, com certas restrições, de alguma forma contribui na formação do sujeito; o qual se sente menos livre na companhia da mãe. Essa forma educacional, trazida nas SDs 11 e 15, nos dá pistas de quem comandava o lar e a sociedade da época, o silêncio do pai em permitir que o filho vivesse com o avô, nos deixa implícito uma concordância no modo do avô em educar o neto.²⁴

Ainda sobre a figura do avô temos a SD15, na qual a contradição é posta como salvação. Não necessariamente a SD em questão fala sobre a mulher, mas ela, neste caso, silencia a voz feminina; embora com tantas responsabilidades sociais no desempenhar dos seus papéis ela não é vista como a mulher que ensinou o correto e isto o salvou, tal prática de salvação é destinada ao homem/avô.

Embora a representação posta no discurso seja bastante romântica “olhos machistas molhados de gratidão”, no qual temos o adjetivo *machistas* para olhos “molhados de gratidão”, compreendemos que isso pode soar como ironia, contudo diríamos que se instaura certa contradição no dito, pois o avô (aqui temos a parte pelo todo – olhos do avô) com seu machismo, é mostrado como salvador da vida do pequeno ser; pois ele, afirma o sujeito, “ensinava tudo errado”.

²⁴ Verificar análise da sequência 9 e 10 neste capítulo p. 80

Não sem conflitos o sujeito é interpelado diante o que está posto na SD15, na contradição de está dividido entre o certo e o errado. Isso nos leva a pensar sobre qual seria o perigo que o sujeito corria para considerar-se salvo; de ter ferida a sua masculinidade; de, porventura não aceitar os costumes sociais da época, o que geraria conflitos familiares? A salvação pode também está ligada ao fato de o sujeito perceber que essa era a forma viável de viver, sem grandes questionamentos. Contudo a forma cultural socialmente posta a qual o sujeito foi submetido/exposto tornou-se fundante no processo de identificação com a ideologia dominante, como se tivesse sido atraído “em silêncio para o *Outro lado do espelho*”²⁵.

Nesse espelho o sujeito se reconhece no outro, bem como percebemos a realidade refletida e refratada nas relações posta no discurso, nos termos invocados por Bakhtin (2000), isso sustenta a perpetuação da cultura patriarcal machista, pois tal discursividade é marcada ideologicamente.

²⁵ Cf. *O animal que logo sou*, Jacques Derrida; discorre sobre a capacidade da tomada de consciência do homem animal em relação aos outros animais sobre o bem e o mal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos a análise discursiva do livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, do jornalista e cineasta Arnaldo Jabor, percebermos que o universo feminino representado nos ditos do sujeito, mostra um discurso relacionado à cultura patriarcal. Embora seja datado nos dias atuais, são apresentadas críticas à forma cultural que a sociedade moderna vem tomando e, para isso, o passado é recorrente nos ditos que analisamos.

Na representação do universo feminino no discurso, há conflitos e contradições existentes no acontecimento discursivo; entendemos que as crônicas contidas no livro “ao planar sobre o banal e tematizá-lo, ela também, muitas vezes, descortina o opressivo, o injusto, a inadequação dos modos e dos homens” (VASCONCELOS, 2010, p.23); essas representações permeiam a relação de gêneros no universo feminino, assim como a maneira de perceber o amor e o sexo na relação entre homens e mulheres, inseridos na estrutura social. Assim,

as crônicas mesmo pairando sobre aspectos “fúteis” se tornaram “úteis” ao se constituírem em artefatos monumentos (entendidos aqui como um esforço de uma determinada sociedade em erguer para si e para o futuro uma dada imagem de si própria) que conservaram uma visão subjetiva do mundo daquele que escreveu, uma fotografia, mesmo que embaçada, de uma determinada sociedade (VASCONCELOS, op. cit., p. 23).

Considerando que a crônica está entre a prosa e a poesia (PEREIRA, 2004), trazemos o título do livro à discussão. Em *Amor é prosa, sexo é poesia*, podemos dizer que o sujeito do discurso divide-se entre dualidades como: amor / sexo; “sagrado” / “profano”; na relação entre homens e mulheres, estes são alguns aspectos que estão ligados à temática do livro. A maneira como percebemos a crônica, do discurso que reflete e refrata realidade/realidades, cotidianamente, de uma época, pessoas, fatos sociais, gêneros humanos; da busca em investigar, para chegarmos às Formações Discursivas e Formações Ideológicas, os resultados sugerem que o *corpus* escolhido não se esgota por aqui, ao contrário, mostra-se fundamental investigar questões dessa natureza. E nesse percurso que fizemos para a análise, na concordância de que *a língua vive e evolui na comunicação verbal concreta* (BAKHTIN, 2009), o sujeito do discurso constituído na e pela linguagem, ideologicamente e pelo

inconsciente, tem seu papel fundamental, pois faz parte da prática social e produz sentido nas suas relações com o mundo.

Anteriormente à publicação em livro, o discurso investigado teve lugar de destaque na imprensa brasileira. Compreendemos que o dizer é, segundo Gaia (2010), polifônico por excelência. Ainda segundo a autora, o discurso jornalístico tende a se filiar a formações discursivas hegemônicas. Constatamos que o sujeito do discurso, utilizando-se frequentemente da memória discursiva, na explicitação de como a mulher apresenta-se socialmente nos dias atuais, em um discurso que vem atravessado por interdiscurso. O discurso analisado invoca outras vozes que fogem ao controle nos ditos do sujeito, pois “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra.” (BAKHTIN, 2009, p.135). Há um dialogismo estabelecido com a memória discursiva, isso se mostra sempre em movimento nas formações discursivas, presente e passado se encontram; em um processo de retomadas.

O movimento de deriva que percebemos no discurso, do jornal para o livro, do livro para o cinema²⁶; em momentos diferentes, sobre épocas distintas é que faz presente e passado se encontrar; e que traz consigo as suas ideologias. O universo feminino representado, ora na atualidade, ora na nostalgia – infere em uma felicidade que não volta mais, como se o indivíduo fosse viver em função de uma vida pretérita.

Entendemos que a memória discursiva, o já dito, estabilizado, o qual é retomado pelo sujeito, é recorrente no trabalho do cronista, por querer sempre resgatar um acontecimento para discorrer sobre ele. No caso das análises feitas, percebemos que essa recorrência ao passado, envolve fatos ligados à família do sujeito discursivo para falar de temas diversos.

Compreendemos que o passado vivido, confunde-se com memória discursiva e pré-construído, os ditos pretendem-se cristalizados, por trazerem certa ‘veracidade’ no discurso; falamos isso no sentido de que os ditos analisados, como as ‘críticas’ sociais feitas, buscam uma ‘nova’ ordem social, cultural de perceber a sociedade. Contudo, entendemos, tais ditos apenas reproduzem, e buscam a manutenção de uma ideologia que mantenha as relações de gênero como antes, com certa estrutura social, com a hierarquia e dicotomia posta na dita

²⁶ O livro *Amor é prosa, sexo é poesia*, serviu de base para o roteiro do filme *A suprema felicidade* (2010).

guerra dos sexos. Esse fenômeno ultrapassa os ambientes domésticos, chega às esferas sociais e busca atender a um mundo ‘globalizado’, um mundo capitalista.

Por meio do discurso investigado, pudemos ver como as relações de gêneros são conflitantes e contraditórias, as representações vão desde a carnavalização dessas relações à condição da mulher de satisfazer os homens sexualmente; do amor “romântico” ao casamento infeliz. Vemos nas formações discursivas a utilização de vários recursos estilísticos e linguísticos; entendemos, a utilização desses recursos e, especificamente, da ironia nas formações discursivas, parece funcionar como um moderador de disfarce. Mesmo ironizando sobre um fato, ou alguém, o sujeito deixa sua posição sobre a mulher. Pois, o que parece ser um elogio, se apresenta como uma posição sujeito patriarcal. A prática discursiva leva-nos a compreender a Formação Discursiva e Formação Ideológica presente na relação de gênero.

A contradição que falamos é essa, uma FD Patriarcal, que mostra o gênero feminino em um lugar de subordinação, e isso está ligado às relações de classe, relação de dominação. Dessa forma, tais ditos sugerem um futuro comprometedor, a reprodução/manutenção da cultura machista, no sentido de que discurso pretende-se na cultura da classe dominante.

A crítica à forma cultural moderna traz consigo um sentimento nostálgico do passado vivido nas décadas de 50 a 90; uma recorrência ao passado que dá impulso aos ditos “modernos” do sujeito discursivo. Isso implica afirmar que na Formação Discursiva Patriarcal, o sujeito do discurso, em um primeiro momento, parece enaltecer a mulher, o amor antigo, nostálgico; tece críticas à modernidade, aos costumes que a sociedade atual absorveu, e quiçá o faz a seu modo, contudo evidências da contradição surgem em seus ditos. Concordamos com Florêncio et al (2009) quando afirmam que:

A sociedade brasileira, como toda sociedade capitalista, é hierarquizada. Além de uma divisão em classes sociais, há também uma divisão sexual do trabalho que é afetada pelas relações de apropriação do trabalho alheio. A nosso ver, gênero e classe social não se excluem; ao contrário, complementam-se sob a determinação das relações de classe. No entanto grande parte das mulheres aparece como se não fizesse parte da classe trabalhadora. Essa barreira social e cultural é sempre justificada por questões da natureza biológica da mulher (FLORÊNCIO et al, 2009, p.119).

A FD Patriarcal apresentada deixa escapar, retrata/reflete as mulheres donas do lar, em uma ‘plenitude’ no *perfeito funcionamento do lar* (SD27); em um casamento desgastado, *eu*

vi a história de tantas mulheres de seu tempo tentando uma felicidade sufocada pelas leis do casamento, pela loucura repressiva dos maridos (SD25), em uma posição de passividade e submissão ao rei silencioso (SD8), constituída como “as rainhas do lar”, cuidado dos afazeres domésticos; a mulher vista com ares de romantismo, contudo colocando-as em duas esferas: 1. A liberdade feminina, na qual há uma sugestão de incitação de culpa ao feminismo, e 2. Dividindo-as entre santas e bruxas, o que refletem preconceito e discriminação da mulher.

Vemos ainda na FD Patriarcal a mercantilização da mulher, *assim como a mulher deseja ser um objeto de consumo, como um eletrodoméstico, um avião,...(SD64)* vista como objeto sexual de consumo; sobre isso se vê dois desdobramentos: 1. A naturalização de determinada fragilidade e disposta ao sexo; e 2. Educação infantil para o sexo.

O que percebemos nos discursos analisados é uma ideologia dissimulada em felicidade; aquela ideologia que percebe a mulher com ares românticos, mas que se mostra “objetiva” aos interesses da classe dominante, em querer mostrar qual seria, e qual não seria o lugar da mulher, isso é perene, em meio a argumentos, como amor, nostalgia, sexo, carnaval.

Compreendemos que o homem se apresenta como o grande responsável pela produção/reprodução dessa ideologia na sociedade; falamos homem não necessariamente o sexo masculino, embora deslize para esse sentido, o que não estaria de todo equivocado, porém a problemática apresentada tem seu mal gerado na própria humanidade/desumanidade.

É preciso pensar o gênero como uma construção social que vem se modificando ao longo da história, que divide e dá sentido às tarefas humanas na base material da produção da vida (FLORENCIO, et al., op cit, 2009, p. 119).

Embora se diga que vivemos no *país do futebol, do carnaval*, que essa memória sempre ressoe em nossos ouvidos; que *Amor é bossa nova / Sexo é carnaval*, em um tom “romântico”, fazendo acorde com *as águas de março fechando verão*; a vida dá seu prosseguimento; embora na modernidade, vejamos *um museu de grandes novidades*, o que é ‘moderno’ apresenta-se com resquícios de uma cultura arcaica e remota, *o tempo não pára*.

Na formação discursiva pode-se constatar a presença de um interdiscurso machista. O sujeito discursivo tece “elogios a mulher”, vive uma “modernidade”, porém preso a um passado que se faz presente, compreendemos com isso que

o ser fluido sente o desamparo da sua liquidez como uma pena que baila ao sabor dos humores do tempo e não encontra em si a solidez necessária para lançar-se e pousar na vida, a âncora para ser sujeito, e, paradoxalmente, não consegue nadar fluidamente a travessia da existência, desenhando em si, novas patologias psíquicas a afundarem a sua alma com o peso de sua insustentável leveza. O homem contemporâneo “morre ontem e nasce amanhã, de manhã escurece e de noite arde. O seu tempo é quando”. Logo, é uma subjetividade que não se sabe, não se conhece e não se integra a si mesmo e à existência. Mas essa dinâmica é passível de reversão, quando o ser descobre em suas profundezas a própria âncora e lança as suas cordas rumo ao coração de um outro que o acolhe e faz-se o seu espelho. É apenas nas relações sólidas de afeto, ancorados em um outro ser, que passamos a existir e nos damos à luz. (CAMPOS, online)

Há um chamamento do indivíduo pela ideologia para constituir-se sujeito (ALTHUSSER, 1985), em um processo de interpelação ideológica, no qual o sujeito se reconhece no ‘Outro’. No entanto, são as condições de produção e a estrutura social que darão as possibilidades a ele, pois não haverá nenhuma mudança, transformação se não for nas relações sociais, e dessa forma, a intervenção da subjetividade na objetividade é fator determinante na reprodução/transformação nos modos de produção. Segundo Pêcheux,

a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes (PÊCHEUX, 1997, p. 147).

As contradições existentes no discurso, assim como a percepção do amor na relação entre os gêneros no universo feminino representado, são questões explicitadas na investigação que fizemos, o que concluímos que a cultura patriarcal é que dá o norte nos ditos do sujeito, e que encontra lugar na mídia. Contradições que vão desde a carnavalização das relações de gêneros, com representações de *colombinas e pierrôs*, em um sentimento nostálgico de amor que trazem marcas de infidelidade na relação, o que implica no aparecimento do *arlequim*.

A distinção feita entre amor e sexo, persiste na lógica da mulher como santa e como prostituta; dicotomias que visam manter a cultura da classe dominante, do machismo presente na cultura patriarcal. Não sem conflitos, essa cultura é passada de geração a geração; a partir do sujeito, que mostra em seu ambiente familiar, o vivido por ele, passamos a entender o processo de interpelação sofrido por ele.

Comprendemos, após a investigação feita que há limitações no processo de análise que fizemos, pois o *corpora* é bem amplo, o que implica dizer que o discurso tem potencial

para análises posteriores. Nesse entendimento, esse trabalho torna-se uma parcela do que podemos compreender e elucidar acerca do discurso analisado.

Amor é prosa, sexo é poesia, revela, de forma paradoxal, que as relações sociais entre homens e mulheres são conflituosas, nas quais a mulher é colocada em uma relação de subordinação, sendo parte das contradições inerentes à sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud: Introdução crítica-histórica**; 2.ed. Louis Althusser tradução; e notas Walter José Evangelista; revisão Alaíde Inah Gonzales. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BARBOSA, Pedro Luis Navarro. O Papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**; 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. **Estética da criação verbal**; 4. ed. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. [coleção biblioteca universal] São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 1. fatos e mitos. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BELEM, Fafá. **Tanto mar**: Fafá de Belem canta Chico Buarque. 2005
- BÍBLIA. Português. 1993. Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira: o simulacro de um discurso modernizador**. Maceió: Edufal, 2007.
- CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira; MAGALHÃES, Belmira. **História, consciência e inconsciente: o sujeito na Análise do Discurso**. *Leitura*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística: número temático: IDEOLOGIA E PRÁTICAS DISCURSIVAS. Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras. n. 40 Maceió: EDUFAL jul.dez.2007.
- CAMPOS, Andrea Almeida. **“Meu tempo é quando”. A Subjetividade Contemporânea**. Disponível em <<http://www.libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&idMenu=17&id=3246&perfil=1&idEdicao=0>>. Acesso em: 15 set. 2011
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FLORENCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do Discurso: fundamentos e prática.** Maceió: EDUFAL, 2009.

GAIA, Rossana Viana. **A política na mídia e a mídia política.** Maceió: Edufal, 2011

GUTIÉRREZ, Raquel. **O feminismo é um humanismo: o sentido libertário da luta da mulher.** Rio de Janeiro: Antares: São Paulo: Nobel, 1985.

HAROCHE, Cl.; HENRY, P. e PÊCHEUX, M. “La Sémantique et la Coupure Saussurienne: Langue, Langage, Discours”, *Langages* 6(24), 1971, pp. 93-106

JABOR, Arnaldo. **Amor é prosa, sexo é poesia.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAZZARI, Alexandre. Momo decaído: A imprensa e a tradição perdida do carnaval Porto-Alegrense no fim do século XIX. In: CUNHA, M.C.P (org). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura.** Campinas, SP: UNICAMP, CECULT, 2002. p. 205-246.

MAGALHÃES, Belmira. **As marcas do corpo contando a história: um estudo sobre a violência doméstica.** Maceió: EDUFAL, 2005.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso: (RE)ler Michel Pêcheux Hoje.** Tradução Eni P. Orlandi, Campinas: Pontes, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas: Pontes, 1989.

MARIANI, Bethania. Uma análise do discurso desejanter. In: NAVARRO, Pedro (org.). **O discurso nos domínios da linguagem e da história.** São Carlos, Claraluz, 2008. p. 43-55

MARIANI, Bethania, in Alfa: *Revista de Linguística.* São Paulo: UNESP – Universidade Estadual Paulista v.54, n.1: 113-127, 2010.

MATTA, Roberto da. **Ensaio de antropologia estrutural, o carnaval como um rito de passagem.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

MARX e ENGELS, **Manifesto do partido comunista,** tradução Pietro Nassetti, 2. ed. Martin Claret, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo no jornalismo brasileiro.** 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Vinicius. Poética. In: **Vinicius de Moraes: poesia completa e prosa.** Org. Eucanaã Ferraz, vol. Único. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 2008. p.415-416.

NESTROVSKI, Arthur. **Ironias da Modernidade: ensaios sobre literatura e música.** São Paulo: Ática, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____, **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Tradução: Eni P. Orlandi, Campinas, SP, Pontes editora 2008.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso**. Cadernos de Tradução, Porto Alegre: UFRGS, v. 01, n. 01, p.47-55, nov. 1998.

PÊCHEUX, Michel. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. e HAK, Tony (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania S. Mariani...[et al] – 4. ed. – Campinas, SP: editora da Unicamp, 2010.

PEREIRA, Cristiana Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, M.C.P (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas, SP: UNICAMP, CECULT, 2002. p.311-333.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: A arte do útil e do fútil**. Salvador: Calandra, 2004.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. **Discurso, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica**. Maceió, EDUFAL, 2007.

SOUZA N. F. de; RODRIGUES, M. L. **A identidade da mulher no discurso de alguns estilos musicais**. Disponível em: < <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Nilda%20Farias%20de%20Souza%20e%20Marlon%20Leal%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

TONIATI, Mariana. Conquista: **30 anos do divórcio no Brasil**. Disponível em: <<http://direito2.com/tjce/2007/ago/3/conquista-30-anos-do-divorcio-no-brasil>> acesso em: 30 ago. 2011

VASCONCELOS, Francisco Fábio Pinheiro de. **A crônica de Graciliano Ramos: de laboratório literário a instrumento de dissidência**. Orientadora: Belmira Rita da Costa Magalhães. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Estudos Literários) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2010.

VARGAS LLOSA, Mario. **A Orgia perpétua**. Tradução de Remy Gorga, Filho; tradução dos trechos em francês de Piero Angarano. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

APÊNDICE A – GRUPOS TEMÁTICOS

Os 16 grupos temáticos estão assim classificados, são eles:

- A - INFÂNCIA DO SUJEITO
- B - FIGURAS MASCULINAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO
- C - FUTEBOL – HOMEM X MULHER
- D - DESTINO SEXUAL
- E - FIGURA MATERNA
- F - DONAS DO LAR
- G - CASAMENTO E RELIGIÃO = INFELICIDADE
- H - O AMOR
- I - SEXO FRÁGIL
- J - PROVOCAÇÃO DO MEDO
- K - OBJETO SEXUAL, MERCADO DE CONSUMO, PROPRIEDADE
- L - MEDITAÇÕES SOBRE O BUMBUM
- M - PROSTITUIÇÃO E SEXO
- N - CORRUPÇÃO, NORDESTE
- O - TRAVESTI
- P - A LIBERDADE, O FEMINISMO

APÊNDICE B – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS QUE FORAM ANALISADAS NO TRABALHO

A – INFÂNCIA DO SUJEITO

SD3 – Hoje, mais de 50 anos depois, vou dizer o que sentia por você. Você foi o que eu imaginava o que seria uma “namorada”. Você despertou em mim um tremor novo, a primeira emoção do que mais tarde vi que chamavam “amor”. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.54)

SD4 – Depois, uma brincadeira também esquecida: “casamento japonês”, onde se escolhia uma menina a quem se perguntava: “Pêra, uva ou maçã?”; você disse “uva” e eu beijei timidamente seu rosto, sentindo-me, em seguida, voar por cima do seu jardim, vendo as casas da Urca lá embaixo. E, assim, você ficou de namorada oficial de minha infância imaginária. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.54)

SD8 – Meu pai caiu doente, com uma enigmática infecção pulmonar, que não passava. Médicos se sucediam: tuberculose, enfisema? O quê? Foi uma revolução cultural no apartamentinho de Copacabana: aquele rei silencioso, de repente, estava caído no divã, cuspilhando, febre permanente, precisando de ajuda. Então, a força estava fraca? O pai virara filho? Minha mãe pirou mais ainda, sem saber lidar com tanto poder que ganhara, tanta liberdade súbita. (*Meu pai foi um mistério em minha vida*, JABOR, 2004, p.123-124).

B – FIGURAS MASCULINAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

SD9 – Devo dizer também que fui crescendo e enlouqueci de um amor mais carnal por uma moça mais velha, Isadora, de pernas lindas no maiô catalina, alva, de boca rubra com muito batom. Daí para frente, Silvinha, já adolescente, comecei minhas incursões pelo mundo do pecado, sempre instruído por meu professor de sacanagens, o saudoso pipoqueiro Bené. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.55-56)

SD10 – Ele que me conduzia às mais pecaminosas ações solitárias, dando-me revistinhas de mulher nua, ainda ingênuas, como *Saúde e Nudismo*, cheias de moças azuis, deitadas em praias remotas. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

SD11 – Nessa época eu vivia em Copacabana, na casa de meu avô, onde eu tinha mais

liberdade que sob as ordens de mamãe. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

SD15- Isso ele dizia com olhos machistas molhados de gratidão. Ou seja, ele me ensinava tudo errado e com isso me salvou. (*Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, JABOR, 2004, p.25)

C – FUTEBOL – HOMEM X MULHER (Não foram analisadas nenhuma Sequência Discursiva desse grupo temático). As SD do grupo estão todas no ANEXO.

D – DESTINO SEXUAL

SD21 – Mas, até hoje, eu me lembro exatamente de sua expressão afogueada e vi que ela sentira também algum sinal no corpo, alguma informação do seu destino sexual de fêmea, alguma manifestação da matéria, alguma mensagem do DNA. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.10)

SD22 – Senti que eu fazia parte de um magnetismo da natureza que me envolvia, que envolvia a menina, que alguma coisa vibrava entre nós e senti que eu tinha um destino ligado àquele tipo de ser, gente que usava trança, que ria com dentes brancos e lábios vermelhos, que era diferente de mim, e entendi vagamente que, sem aquela diferença, eu não me completaria. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.11)

SD23 – Você deve ter sido feliz, com filhos e netos, seguindo a trilha natural que saía do seu jardim. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56-57)

E – FIGURA MATERNA

SD25 – A vida de minha mãe foi a tentativa de uma alegria. Sorria muito, trêmula, insegura e, nela, eu vi a história de tantas mulheres de seu tempo tentando uma felicidade sufocada pelas leis do casamento, pela loucura repressiva dos maridos. Meu pai, que era um homem bom e a amava, nunca conseguiu sair do espírito autoritário da época e, inconscientemente, enrolou-se numa infelicidade que oprimia os dois. (*A casa da minha mãe nunca ficou pronta*, JABOR, 2004, p.106)

F – DONAS DO LAR

SD27 – Ela vive buscando atingir a plenitude e essa luta contra o vazio justifica sua missão de entrega. Mesmo que essa “plenitude” seja um *living* bem decorado ou o perfeito funcionamento do lar. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.17)

SD28 – Se elas pudessem expressar seus reais desejos, não estariam nas revistas sexy, pois não há mercado para mulheres amando maridos, cozinhando felizes, aspirando por namoros ternos. Nas revistas, são tão perfeitas que parecem dispensar parceiros, estão tão nuas que parecem namoradas de si mesmas. (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.142)

G – CASAMENTO E RELIGIÃO = INFELICIDADE

SD39 – A mulher, como Eva, era a origem de todos os males. Delas saíam a vida e a morte, delas saía o prazer pecaminoso, o mal do mundo. Esta base criminal gera desde a *burka* até o *striptease*. (*A pedofilia na igreja é consequência do celibato*, JABOR, 2004, p.118)

SD40 – “Feliz Natal, feliz ano-novo!” Mas, ser feliz, como? O sujeito passou o ano todo quebrando a cara, reclamando da mulher, batendo nos filhos, lutando contra o desemprego, sendo humilhado pelos patrões, e aí chega o fim do ano e todo mundo diz: “seja feliz”. (*A felicidade é a empada do “Bigode”*, JABOR, 2004, p.189)

H – O AMOR

SD41 – Vou falar um pouco de mulher, eu que mal as entendo na vida. Não falarei das coxas e seios e bumbus...Falo de uma aura que as percorre. Gosto do olhar de onça, parado, quando queremos seduzi-las, mesmo sinceramente, pois elas sabem que a sinceridade é volúvel. Um sorriso de descrédito lhes baila na boca quando lhes fazemos galanteios, mas acreditam assim mesmo, porque elas querem ser amadas, muito mais que desejadas. Elas estão sempre fora da vida social, mesmo quando estão dentro. Podem ser as maiores executivas, mas seu corpo lateja o *tailleur* e lá dentro os órgãos estranham a estatística e o negócio. Elas querem ser vestidas pelo amor. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.15)

SD44 – A mulher compõe quadros mentais que se montam em um conjunto simbólico misterioso, como a arte. O homem quer princípio, meio e fim. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD45 – Mulher não tem critério; pode amar a vida toda um vagabundo que não merece ou deixar de amar instantaneamente um sujeito devoto. É terrível quando a mulher cessa de te amar. Você vira um corpo sem órgãos, você vira também uma mulher abandonada. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD47 – O ridículo do corno é que ele achava que a possuía. A mulher sabe que não tem nada, ela sabe que é um processo de manutenção permanente. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16-17)

SD49 – Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem – o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo. (*Amor é prosa, sexo é poesia*, JABOR, 2004, p.38)

SD50 – Nosso amor é uma reprodução ampliada da cópula entre o espermatozóide e o óvulo se interpenetrando. (*O amor impossível é o verdadeiro amor*, JABOR, 2004, p.167)

I – SEXO FRÁGIL

SD53 – As mulheres sofrem mais com o mal do mundo. Carregam o fardo da dor social, por serem mais sensíveis e mais fracas. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.18)

SD54 – O mundo está tão indeterminado que está ficando feminino, como uma mulher perdida: nunca está onde pensa estar. O mundo determinista se fracionou globalmente, como uma mulher. Mas não é o mundo delicado, romântico e fértil da mulher; é um mundo feminino comandado por homens boçais. Talvez seja melhor dizer um mundo-travesti. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.18)

J – PROVOCAÇÃO DO MEDO

SD55 – Amar é parecido com sofrer – Luiz Melodia escreveu, não foi? Machado de Assis toca nisso na súbita consciência do amor entre Bentinho e Capitu: “Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca.” (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.11-12)

SD56 – Sempre senti isso em cada visão de mulheres que amei; um rosto se erguendo da areia da praia, uma mulher fingindo não me ver, mas vendo-me de costas num escritório do Rio...São momentos em que a “máquina da vida” parece explicar, como se fosse uma lembrança do futuro. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.12)

SD57 – Toda mulher é “Bovary”... e para serem amadas, instilam medo no coração do homem...Carinhosas, mas com perigo no ar. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD58 – Não sei por que, Silvinha, sempre tive fascinação por meninas que me deixavam arrebatado e com medo ao mesmo tempo, sempre de algum modo as meninas que me atraíam me pareciam inatingíveis, etéreas, como se fossem destinadas a outros e não a mim... e essa impossibilidade aumentava meu fascínio de pierrô. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.55)

K – OBJETO SEXUAL, MERCADO DE CONSUMO, PROPRIEDADE

SD59 – A mulher quer ser possuída em sua abstração, em sua geografia mutante, a mulher quer ser descoberta pelo homem para ela se conhecer. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.17)

SD61 – Quando eu era jovem, nos anos 60/70, o amor era um desejo romântico, um sonho político, contra o sistema, amor da liberdade, a busca de um “desregramento dos sentidos”. Depois, nos anos 80/90, foi ficando um amor de consumo, um amor de mercado, uma progressiva apropriação indébita do “outro”. O ritmo do tempo acelerou o amor, o dinheiro contabilizou o amor, matando seu mistério impalpável. Hoje, temos controle sabemos por que “amamos”, temos medo de nos perder no amor e fracassar na produção. (*O amor impossível é o verdadeiro amor*, JABOR, 2004, p.165)

SD62 – Olhando os retratos antigos, vemos que a felicidade masculina era ligada à idéia de “dignidade”, vitória de um projeto de poder; vemos os barbudos do século XIX de nariz empinado, perfis de medalha, donos de algum poder nem que fosse sobre a mulher e os filhos aterrorizados. (*Nosso macho feliz é casado consigo mesmo*, JABOR, 2004, p.19-20)

SD64 – Assim como a mulher deseja ser um objeto de consumo, como um eletrodoméstico, um "avião", uma máquina peituda, bunduda. Claro que mulheres lindas nos despertam fantasias sacanas mas, em seguida, pensamos: "E depois? Vou ter de conversar... e aí?" Como conversar com um "avião" maravilhoso, mas idiota ? (Aliás, dizem que uma das vantagens do Viagra é que, esperando o efeito, os homens conversam com as mulheres sobre tudo, até topam "discutir a relação".). Mas o homem também quer ser "coisa", só que mais ativa, como uma metralhadora, uma Ferrari, um torpedo inteligente e, mais que tudo, um grande pênis voador. E eu não falo isso como crítica. Não. Eu tenho inveja.(*A felicidade é a empada do “Bigode”*, JABOR, 2004, p.190)

L – MEDITAÇÕES SOBRE O BUMBUM

SD71 – A bunda hoje no Brasil é um ativo. Centenas, milhares de moças bonitas usam-na como um emprego informal, um instrumento de ascensão social. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.33)

M – PROSTITUIÇÃO E SEXO

SD73 – Os famosos *rendez-vous*, o que me fez dividir as mulheres em “santas” e “prostitutas”, ficando as santas como você em minha memória e as outras sendo fonte de erros e sofrimentos. Todas, então, santas e bruxas, eram intangíveis, todas impossíveis. Veja como se formava os jovens nos anos 50 para o amor. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

SD74 – Eu sou do tempo em que as namoradas não davam... Pois é; as namoradas não davam. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.67)

SD79 – Mas acontece que minha namorada resolvera reconstituir sua virgindade, recusando-se a perpetuar comigo seu “erro” do passado. Arrependera-se de ter cedido uma única e sangrenta vez ao “canalha” que me antecederia e, depois de lágrimas em confessionários, resolvera manter sua pureza intacta. Para mim, foi um calvário de desejo insatisfeito. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.68-69)

SD81 – “Não. Aí eu não entro!”, gemia minha namorada. Eu tentava argumentos que iam de Sartre e Simone até a revolução. “Mas, meu bem... deixa de ser alienada... A sexualidade é um ato de liberdade contra a direita... E ela: “Não entro! Isso seria também uma indisciplina pequeno-burguesa.” (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.69)

SD82 – “Inclusive” Disparei, “você tem que assumir que não é mais virgem!” E ela, com boca de nojo: “Eu sabia que você ainda ia jogar isso na minha cara!!!” E fugia pelas escadas. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.69)

SD83 – Ninguém dava. As poucas que o faziam eram apontadas pelos rapazes, com suspeita, um respeito desconfiado. Quantos teriam coragem de casar com elas? (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.70)

SD84 – As próprias mulheres estão virando “D.Juans”. Vejam o périplo de jovens atrizes que vão comendo, um por um, os modelos que surgem nas revistas, elas, que deviam se manter

damas inatingíveis para pálidos quixotes românticos. (*O amor deixa muito a desejar*, JABOR, 2004, p.85)

SD85 - O macho brasileiro tem pavor de ser possuído por uma mulher. Não há entrega; basta-lhe o “encaixe”. O Herói macho se encaixa em heroína fêmea B e produzem uma engrenagem C, repleta de luxos e arrepios, entre lanchas e caipirinhas, entre *Jet-kis* e BMWs, num esfuziante casamento que dura três capas de *Caras*. (*Nosso macho feliz é casado consigo mesmo*, JABOR, 2004, p.21)

N – CORRUPÇÃO, NORDESTE

SD92 – Todos têm amantes, todos têm mulheres desprezadas e tristes. (*Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo*, JABOR, 2004, p.150)

O – TRAVESTI (Não foram analisadas nenhuma Sequência Discursiva desse grupo temático).
As SD do grupo estão todas no ANEXO.

P – A LIBERDADE, O FEMINISMO

SD97 – Vejo que no Brasil o feminismo se vulgarizou numa liberdade de “objetos” produziu mulheres livres como coisas, livres como produtos perfeitos para o prazer. (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.139)

SD98 - A democracia de massas, mesclada ao subdesenvolvimento cultural, parece "libertar" as mulheres. Ilusão à toa. A "libertação da mulher" numa sociedade ignorante como a nossa deu nisso: superobjetos se pensando livres, mas aprisionados numa exterioridade corporal que apenas esconde pobres meninas famintas de amor e dinheiro. A liberdade de mercado produziu um estranho e falso "mercado da liberdade". É isso aí. E ao fechar este texto, me assalta a dúvida: estou sendo hipócrita e com inveja do erotismo do século XXI? Será que fui apenas barrado do baile? (*Os homens desejam as mulheres que não existem*, JABOR, 2004, p.143)

SD100 – Repugna-me ver sorrisos luminosos de celebridades bregas, passo-de-ganso de manequim, saber quem come quem na *Caras*, mulher pensando feito homem, caçando namorados semanais, com essa liberdade vagabunda para nada. (*O Brasil e o mundo podem prejudicar a sua saúde*, JABOR, 2004, p.113)

ANEXO A – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS NÃO ANALISADAS, ENCONTRADAS NO LIVRO E ORGANIZADAS POR GRUPOS TEMÁTICOS

A – INFÂNCIA DO SUJEITO

SD1 – Silvinha, moreninha de olhos verdes. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.53)

SD2 – Hoje, sou a ‘grisalhinha’ de olhos verdes. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.53)

SD5 – Um outro trauma aconteceu em um Natal remoto, quando ganhei uma bicicletinha bem legal, mas que veio sem o quadro, sem a barra de ferro que definia se a bicicleta era para homem ou para mulher. O quadro, fállico, denotava bicicleta de homem; sem quadro, era para moças. Falei: “Essa é de mulher...” “Mas a bicicleta é para você, meu filho... Comprei sem quadro para você não se machucar, se cair...” Minha mãe estava cuidando d eminha castração, pois eu poderia machucar meus pobres ovinhos na barra de ferro... fiquei apavorado de desfilar nas ruas com a “bicicleta de mulher”. Que diriam os vagabundos mirins que assolavam as ruas do Rocha, se me vissem rodando nas rodinhas femininas? (*Nunca acreditei muito em papai Noel*, JABOR, 2004, p.100)

SD6 - O avião subiu com meu pai pilotando, um sargento e minha mãe num casaco de pele com o cabelo preso num coque alto chamado “bomba atômica”, cruel homenagem da moda à destruição de Hiroshima. (*Meu pai foi um mistério em minha vida*, JABOR, 2004, p.122).

SD7 – Minha vida foi se pautando para ser tudo aquilo que ele não era – uma maneira de obedecê-lo em revolta, de competir com ele sem arriscar a castração, o pau cortado. (*Meu pai foi um mistério em minha vida*, JABOR, 2004, p.122).

B – FIGURAS MASCULINAS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

SD12 – Meu avô não foi ninguém. No entanto, que grande homem ele foi para mim. (*Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, JABOR, 2004, p.23)

SD13 - Meu avô, Arnaldo Hess, foi um belo retrato do Brasil dos anos 40/50. (*Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, JABOR, 2004, p.23)

SD14 - Ele também me dava aulas de sexo. (*Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, JABOR, 2004, p.24)

C – FUTEBOL – HOMEM X MULHER

SD16 – Eu não entendo de futebol. (*Pelé eterno me trouxe a infância de volta*, JABOR, 2004, p.47)

SD17 – Eu era fanático pelo Ipiranga, de uniforme verde e vermelho, que eu almejava ostentar um dia, de preferência se Silvinha, moreninha de olhos verdes, estivesse na amurada me vendo driblar adversários, dando-lhes chapéus sucessivos e entrando triunfalmente pelo gol do Lá Vai Bola, temido time do Leme. (*Pelé eterno me trouxe a infância de volta*, JABOR, 2004, p.47)

SD18 – Vestia-a com o coração aos pulos, sentindo que uma vida nova começava, espiando pelo canto do olho as meninas já sentadas na amurada, Silvinha entre elas, em cochichos e risos com suas blusinhas de “banlon” e saias plissadas. Desfilei por ali, sem olhá-las diretamente, com a naturalidade de um profissional, chegando mesmo a tentar uma discreta embaixadinha. (*Pelé eterno me trouxe a infância de volta*, JABOR, 2004, p.48)

SD19 – Fugindo do olhar de silvinha, que, certamente, me fitava com desprezo, enquanto eu corria para o mar, onde saí nadando para esconder, na água salgada, o choro da vergonha. (*Pelé eterno me trouxe a infância de volta*, JABOR, 2004, p.49)

SD20 – Daí para frente, foram humilhações sucessivas no futebol. Nunca integrei o primeiro time de nada no colégio de padres, nunca recebi uma taça, nunca arranquei poeira do chão com chuteiras masculinas. (*Pelé eterno me trouxe a infância de volta*, JABOR, 2004, p.49)

D – DESTINO SEXUAL

SD24 – Papai Noel me dava culpa, e a bicicleta ameaçava a minha sexualidade. (*Nunca acreditei muito em papai Noel*, JABOR, 2004, p.101)

E – FIGURA MATERNA

SD26 – Por isso, me dá essa vontade profunda de pegar o telefone e discar, não num celular volúvel, mas num aparelho preto, velho, de ebonite, discar e ouvir a voz de minha mãe entrar pelo fio e aparecer na salinha de móveis Chippendale Luís XV falsos e vê-la sempre querendo ser feliz. Mas com vergonha das visitas: “Não reparem que a casa não está pronta...” (*A casa da minha mãe nunca ficou pronta*, JABOR, 2004, p.109)

F – DONAS DO LAR (Todas as Sequências Discursivas que compõem esse grupo foram analisadas, ver APÊNDICE).

G – CASAMENTO E RELIGIÃO = INFELICIDADE

SD29 – Ele percebe que precisa do casamento protetor como uma esperança de “sentido”. Aí, ele se casa, entre risos dos amigos, como se tivesse cedido a uma fraqueza. E viverá infeliz, numa eterna insatisfação. (*Nosso homem feliz é casado consigo mesmo*, JABOR, 2004, p.22)

SD30 – Seria difícil a vida de um padre casado. Além de servir a Deus, ter de cuidar do lar. Imaginemos um padre casado. (*Entre o celibato e o casamento, o coração balança*, JABOR, 2004, p.77)

SD31 - – É aí que você gosta, não é?...Se excita mais com a “santinha” da sacristia...– Meu bem, nem tenho forças...Só penso em você... e nas contas a pagar. (*Entre o celibato e o casamento, o coração balança*, JABOR, 2004, p.78)

SD32 - – (Chorando.) Você não me ama mais... (Ela se ajoelha, lágrimas jorram.) (*Entre o celibato e o casamento, o coração balança*, JABOR, 2004, p.78)

SD33 - – Nosso problema é dinheiro... Você podia pegar umas esmoladas daquele cofrinho; o sacristão não fazia isso? – Eu Sou um servo de Deus! Quer que eu seja ladrão? (*Entre o celibato e o casamento, o coração balança*, JABOR, 2004, p.78-79)

SD34 - – Me dá vontade de voltar ao celibato, ficar trancado na clausura. (*Entre o celibato e o casamento, o coração balança*, JABOR, 2004, p.79)

SD35 - – Meu querido... Não quero te humilhar não...mas você tem que ter ambição...Quer ver uma idéia boa? Vamos abrir uma lojinha de objetos sacros...reliquiazinhas...água benta... a gente compra as garrafinhas e você benze...você não pode benzer? Ai, que lindo... a gente ganhava um dinheirão...santinhos...gravuras...CDs de música...

- Minha filha eu não sou comerciante... (*Entre o celibato e o casamento, o coração balança*, JABOR, 2004, p.80)

SD36 - – Meu amor!...Esse é meu homem! Vamos vencer! Já te vejo pulando diante de milhares de fiéis...vou fazer uma batina dourada para você, com uma capa de roqueiro...Meu Rossi, meu Ozzy Osbourne, meu Xandi, meu Zeca Pagodinho...Deus é mais!!!

É D. Paulo, talvez o celibato seja mesmo melhor que o casamento. (*Entre o celibato e o*

casamento, o coração balança, JABOR, 2004, p.81)

SD37 – Lembro-me do tremor dos jovens padres, excitados pelas madames pintadíssimas, indo se trancar em negras clausuras, entregues ao “vício solitário”, indo depois bater no peito e chorar sua culpa diante das imagens silenciosas. (*A pedofilia na igreja é consequência do celibato*, JABOR, 2004, p.116)

SD38 – As meninas eram seres inatingíveis com seus peitinhos e bundinhas. Até hoje, vivo dividido entre santas e as “impurras”; quantas dores senti na vida pelo cultivo destes ensinamentos, que transformava as mulheres em perigos horrendos, “Liliths” demoníacas, tão ameaçadoras quanto o imenso desejo que tínhamos por elas. (*A pedofilia na igreja é consequência do celibato*, JABOR, 2004, p.118)

H – O AMOR

SD42 – O amor para elas é um lugar onde se sentem protegidas. O termômetro das mulheres é: “Estou sendo amada ou não? Esse bocejo, seu rosto entediado...será que ele me ama ainda? A mulher não acredita no nosso amor. Quando tem certeza dele, pára de nos amar. A mulher precisa do homem impalpável, impossível. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.15-16)

SD43 – As mulheres têm uma queda pelo canalha. O canalha é mais amado que o bonzinho. Ela sofre com o canalha, mas isso a justifica e engrandece, pois ela tem uma missão amorosa: quer que o homem a entenda, mas isso está fora de nosso alcance. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD46 – Mas curioso, a mulher nunca é corna, mesmo abandonada, humilhada, não é corna. O homem corneado, carente, é feio de ver. A mulher enganada tem ares de heroína, quase uma santidade. É uma fúria de Deus, é uma vingadora, é até suicida. Mas nunca corna. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.16)

SD48 – A mulher é poesia. O homem é prosa. Isso não quer dizer que mulher seja do bem e o homem, do mal. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.17)

SD51 – Há, nesse amor, uma clara geometria entre o sentimento e a paisagem, como na poesia de Francis Ponge, quando o cabelo da amada se liga aos pinheiros da floresta ou quando o seu brilho ruivo se une com o sol entre os ramos das árvores e tudo parece decifrado. Mas não se decifra nunca, como a poesia. (*O amor impossível é o verdadeiro amor*,

JABOR, 2004, p.167)

I – SEXO FRÁGIL

SD52 – Esses frêmitos de amor acontecem quando o “eu” cessa, por brevíssimos instantes, e deixamos o outro ser o que é em sua total solidão. Vemos um gesto frágil, um cabelo molhado, um rosto dormindo, e isso desperta em nós uma espécie de “compaixão” pelo nosso próprio desamparo, entrevisto no outro. (*Um rosto inesquecível*, JABOR, 2004, p.12)

J – PROVOCAÇÃO DO MEDO (Todas as Sequências Discursivas que compõem esse grupo foram analisadas, ver APÊNDICE).

K – OBJETO SEXUAL, MERCADO DE CONSUMO, PROPRIEDADE

SD60 – Vejam as mulheres amontoadas na Internet, nuas, com números – basta clicar e chamar. (*O amor deixa muito a desejar*, JABOR, 2004, p.85)

SD63 – Assim como a mulher da mídia deseja ser um objeto de consumo como um eletrodoméstico, quer ser um avião, uma “máquina” peituda, bunduda, sexy (mesmo se fingindo), também o homem da mídia deseja ser “coisa”, só que mais ativa, com uma metralhadora, uma Ferrari, um torpedo inteligente e, mais que tudo, um grande pênis voador, um “passaralho” superpotente. (*Nosso macho feliz é casado consigo mesmo*, JABOR, 2004, p.21)

L – MEDITAÇÕES SOBRE O BUMBUM

SD65 – O bumbum era esperado como um messias redentor, aguardado como a salvação do Brasil neste momento sem graça. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.29)

SD66 – Chego em casa, rasgo a capa de plástico com as mãos trêmulas, abro com uma sensação de pecado e esperança, e vejo Juliana Paes em seu esplendor. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.29)

SD67 – Mas, não, não era isso. Bateu-me mesmo uma certa tristeza, de ver aquela moça ali, satisfazendo nosso desejo bruto e invasivo, esse povo de onanista e sodomitas sempre

desejando a mulher por trás. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.30)

SD68 – O mercado estraga o prazer, programando-o. Toda beleza do mito é justamente seu mistério inacessível, seu enigma não decifrado. Juliana da novela não é só sua bunda. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.31)

SD69 – No caso de Juliana, o bumbum real destrói o bumbum imaginário. Sempre sonhamos com aquele bumbum adivinhado sob os vestidos na novela e ele tinha a multidimensão rica de uma metáfora. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.31)

SD70 – Por isso, afirmo que o bumbum de Juliana é uma bunda romântica, familiar. No caso de Tiazinha ou Feiticeira, a bunda tinha vida própria. Era mais importante que as donas. (*Meditações diante do bumbum de Juliana*, JABOR, 2004, p.32)

M – PROSTITUIÇÃO E SEXO

SD72 – Depois, Silvinha, continuei minha trilha pelos caminhos que se abriam para os jovens solitários daquela época: as casas de pecado do Catete, os famosos *rendez-vous*. (*Resposta a uma moça 50 anos depois*, JABOR, 2004, p.56)

SD75 – A pílula foi a maior revolução cultural dos anos 60, pois as meninas, com pavor de engravidar, deixavam quase tudo menos o principal. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.67)

SD76 – Os meninos de hoje vivem em haréns. Estes “pequenos canalhas” que eu tanto invejo torcem o nariz para deusas de 18 anos, entediados, enquanto, no meu tempo, quantas meninas eu tentei empurrar para dentro de apartamentos emprestados, ficando elas empacadas na porta. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.67)

SD77 – Quantas unhas quebradas, em sutiãs inacessíveis, quantas palavras gastas em cantadas intermináveis, apelando para Deus, para Marx, para tudo, desde que as saias caíssem, as blusas se abrissem, as calcinhas voassem. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.68)

SD78 – Mas deixemos de filosofias e fiquemos na sacanagem. Minha primeira namorada não era mais virgem. Era uma raridade. Era uma morena febril, agressiva...achei que ia começar meu primeiro amor adulto. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.68)

SD80 – O apartamento era a grande esperança; se a menina entrasse, depois era mole. O problema era entrar. (*O amor nos anos 60*, JABOR, 2004, p.69)

SD86 – Quando fomos aos sinistros *rendez-vous*, de onde nos floresceram as primeiras gonorréias. (*Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca*, JABOR, 2004, p.25)

SD87 – Ahh... detesto binas. É. Bina é a máquina secreta que te delata, que acaba com tua privacidade nos celulares alheios. Não há mais a surpresa para a mulher amada, não há mais uma consulta anônima, nem um pobre trote. "Ah... é você? Depois, eu ligo..." O bina acabou com o anonimato dos canalhas e amantes. (*Vivemos sob pequenas bobagens que nos enlouquecem*, JABOR, 2004, p.130)

SD88 – Não agüento mais ver bunda em toda parte, anúncios, outdoors, revistas... O maior *marketing* do país é feito pelas bundas... Santo Deus, que será de mim? (*Vivemos sob pequenas bobagens que nos enlouquecem*, JABOR, 2004, p.131)

SD89 – A garota de programa é conservadora, serve ao sistema sexual vigente. (*O travesti está na terceira margem do Rio*, JABOR, 2004, p.170)

N – CORRUPÇÃO, NORDESTE

SD90 – Me emociona a amizade dentro das famílias corruptas, principalmente no Nordeste. (*Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo*, JABOR, 2004, p.150)

SD91 – Ex-mulheres que assumem os contratos de gaveta. (*Adoro sepulcros caiados e lágrimas de crocodilo*, JABOR, 2004, p.150)

O – TRAVESTI

SD93 – Hoje em dia, as mulheres foram expulsas de seus ninhos de procriação e jogadas na obrigação do sexo ativo e masculino. A supergostosa é homem. É um travesti ao contrário. (*O mundo de hoje é travesti*, JABOR, 2004, p.18)

SD94 – O travesti é uma espécie de ideal de mulheres, principalmente das pós-peruas, das turbinadas e siliconadas, pois elas querem ser homens também, homens macios. (*O travesti está na terceira margem do Rio*, JABOR, 2004, p.170)

SD95 – O que oferece o travesti ao homem que o procura? Oferece-lhe a chance de ser a mulher de uma mulher, oferece-lhe um pênis dissimulado. (*O travesti está na terceira margem do Rio*, JABOR, 2004, p.171)

P – A LIBERDADE, O FEMINISMO

SD96 – Temos hoje liberdade para desejar o que? Bagatelas, mixarias. Uma liberdade vagabunda, para nada, para rebolar o rabo nas revistas, uma liberdade “fetichizada”, produto de mercado e até mesmo disfarçada de revoltas “de festim”. (*As celebrações fervem no caldeirão da loucura*, JABOR, 2004, p.93)

SD99 - Hoje há os corpos malhados, excessivamente nus, montanhas de bundas competindo em falsa liberdade, pois ninguém tem tanto tesão assim, ninguém é tão livre assim. Falta a celulite, falta o mau jeito, falta o medo, a ingenuidade, o romantismo, falta Braguinha, falta Lamartine Babo, falta Mario Lago. (*De camisa amarela volto aos grandes carnavais*, JABOR, 2004, p.60)

SD101 - De repente, começam a entrar as mulheres... Meu Deus, como eram belas! Noelza, Regina Rosemburgo, Tania Caldas, Duda Cavalcanti, Danuza. Até a Candice Bergen, a grande conquista do macho brasileiro, Tarso de Castro mordendo-lhe a orelha, sem falar inglês... Elas eram mais mitológicas que as mulheres de hoje. Nada de bundões e silicone. Essas musas estavam na transição também entre o ontem e o hoje; eram precursoras, heróicas, matadoras de idiotas machistas, abrindo o caminho para as Luanas Piovanis virtuais, que nem sabem que sua liberdade foi conquistada há trinta anos pelas guerreiras do desbunde. Súbito, me toco: foram elas que abriram as portas! Ipanema foi uma revolução feminina. Sim! Por elas, veio a delicadeza, a arte, o prazer. Hoje, estamos sob o signo de machos canalhas e imbecis dominando a vida urbana. (*Vamos beber no passado e esquecer o presente*, JABOR, 2004, p.157)